

DESENVOLVIMENTO E VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE MEDIDA DE
INTIMIDADE CONJUGAL E SATISFAÇÃO SEXUAL

Lina Wainberg

Tese apresentada como exigência para obtenção do grau de Doutor em Psicologia do
Desenvolvimento, realizado sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Simon Hutz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Agosto, 2010

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Cláudio Simon Hutz que, com sua exigência bem-humorada, auxiliou no desenvolvimento da presente tese e pela confiança depositada em minha pessoa em desenvolver um tema cheio de tabus e de difícil abordagem.

À Fernanda Sternert, graduanda em psicologia e bolsista de iniciação científica que acolheu este projeto desde o início como se fosse seu, com entusiasmo e dedicação incomparável. Fernanda conciliou durante todo esse tempo os seus projetos pessoais com o trabalho intenso sobre a presente tese. Amiga e suporte indispensável que serei sempre carinhosamente grata.

Ao Cristian, colega de doutorado, que pacientemente e com sabedoria a ser repassada, auxiliou nas análises estatísticas da presente tese.

À Maiala, graduanda e bolsista de iniciação científica, que apesar de ter chegado ao finalzinho desta tese, também mostrou entusiasmo e disponibilidade valiosa na finalização desta tese.

À todos os colaboradores, próximos e distantes, que por amizade ou por interesse científico, se empenharam na coleta de dados.

Por fim, um especial agradecimento a Rafael Thumé Mesquita, meu marido, que não apenas inspirou ainda mais o meu interesse na temática, como apoiou a realização deste sonho pessoal.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	5
LISTA DE FIGURAS	6
RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
APRESENTAÇÃO	9
SEÇÃO TEÓRICA	
Intimidade conjugal: principais modelos teóricos	14
Panorama da pesquisa sobre satisfação sexual.....	42
SEÇÃO EMPÍRICA I	
Questionário de intimidade conjugal: adaptação brasileira	65
SEÇÃO EMPÍRICA II	
Inventário de satisfação sexual	81
SEÇÃO EMPÍRICA III	
Intimidade conjugal e satisfação sexual: um estudo correlacional.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
ANEXO A. Termo de consentimento livre e esclarecido	137
ANEXO B. Dados sociodemográficos	139
ANEXO C. Marital Intimacy Questionnaire (MIQ).	140
ANEXO D. Questionário de Intimidade Marital – Versão Feminina	149
ANEXO E. Questionário de Intimidade Marital – Versão Masculina	151
ANEXO F. Inventário de Satisfação Sexual – Versão Feminina	154
ANEXO G. Inventário de Satisfação Sexual – Versão Masculina	160
ANEXO H. Quociente da Função Sexual – Versão Masculina.....	167
ANEXO I. Quociente da Função Sexual – Versão Feminina.....	168
ANEXO J. Questionário de Intimidade Marital (VB) – Versão Feminina e Masculina...	169
ANEXO L. Inventário de Satisfação Sexual (final) – Versão Feminina.....	172

ANEXO M. Inventário de Satisfação Sexual (final) – Versão Masculina	17
---	----

LISTA DE TABELAS

Seção Empírica I

Tabela 1. Distribuição da amostra.....	67
Tabela 2. Propriedades psicométricas do Questionário de Intimidade Marital	69
Tabela 3. Correlação entre MIQ, idade, tempo de relacionamento e frequência sexual.....	73

Seção Empírica II

Tabela 1. Cargas fatoriais do ESSE Feminina	92
Tabela 2. Cargas fatoriais do ESSE Masculino	93
Tabela 3. Cargas fatoriais da escala de satisfação com atividades sexuais feminina.....	94
Tabela 4. Cargas fatoriais da escala de satisfação com atividades sexuais masculino	95
Tabela 5. Cargas fatoriais da escala de satisfação com orgasmo feminina	96
Tabela 6. Cargas fatoriais da escala de satisfação com orgasmo masculino	97
Tabela 7. Correlações entre as variáveis de satisfação sexual e idade, tempo de relacionamento e frequência sexual entre as mulheres.....	98
Tabela 8. Correlações entre as variáveis de satisfação sexual e idade, tempo de relacionamento e frequência sexual entre os homens	100

Seção Empírica III

Tabela 1. Correlações entre as variáveis de satisfação sexual e intimidade com idade, tempo de relacionamento e frequência sexual das mulheres	121
Tabela 2. Correlações entre as variáveis de satisfação sexual e intimidade com idade, tempo de relacionamento e frequência sexual dos homens	123

LISTA DE FIGURAS

Seção Teórica

Gráfico 1. Frequência de uso de instrumentos de satisfação sexual por categoria.....50

RESUMO

A presente tese buscou contribuir para o estudo da vida conjugal. Para isso, adaptou instrumento de intimidade marital e construiu um instrumento de satisfação sexual. Os cinco artigos que compõe a tese mostram a discussão teórica sobre as temáticas, o processo de construção e validação dos instrumentos desenvolvidos. Além disso, um estudo correlacional das variáveis estudadas é proposto. As características dos instrumentos *Questionário de Intimidade Marital* e *Inventário de Satisfação Sexual* demonstraram boas qualidades psicométricas e tornam-se recursos de avaliação. O estudo correlacional demonstrou índices similares de intimidade marital entre homens e mulheres. No entanto, os homens relataram índices maiores de satisfação sexual emocional e com atividades específicas. Além disso, o papel da satisfação com o orgasmo na intimidade marital dos homens revela a importância que o prazer físico têm para a sensação de proximidade para eles. Questões relativas à individualidade e comprometimento com a relação também foram verificadas com papéis importantes na vivência da relação de intimidade.

Palavras-chave: casal, intimidade, satisfação sexual, validação e instrumento.

ABSTRACT

The present dissertation intended to contribute to the study of marital life. Onto this purpose, a marital intimacy instrument was adapted and an instrument for sexual satisfaction built. The five articles that constitute the dissertation illustrate the theoretical discussion on the themes as well as the construction and validation process of the measures developed. In addition, a correlational study of variables is proposed. The characteristic of the measures Marital Intimacy Questionnaire and Sexual Satisfaction Inventory showed good psychometric qualities and becomes an option of evaluation resource. The correlation study showed similar rates of marital intimacy between males and females. However, men reported higher rates of emotional sexual satisfaction and with specific sexual activities. Furthermore, the role of satisfaction with orgasm in men's marital intimacy reveals the importance that physical pleasure has to the sensation of closeness. Issues related to individuality and commitment to the relationship was also found to have an important role in the experience of intimate relationship.

Key Words: couple, intimacy, sexual satisfaction, validation and instrument.

APRESENTAÇÃO

A relação íntima é a principal arena através da qual os adultos vivenciam sua vida emocional (Mirgain & Cordova, 2007). Elas representam um desafio emocional ainda maior quando duas pessoas previamente autônomas passam a perceber a si mesmas como uma unidade social, como no casamento (Solomon & Knobloch, 2004). A natureza e a estrutura das relações românticas têm sofrido, no entanto, importantes alterações (Kisler & Christopher, 2008). As modificações dos valores, das atitudes e das crenças que vêm caracterizando a sociedade pós-moderna têm exigido uma nova compreensão das dinâmicas românticas e conjugais.

A vida conjugal e familiar na pós-modernidade vem rompendo com os papéis definidos pela tradição herdada, deixando fluidas as fronteiras entre marido e esposa e seus filhos (Diniz Neto & Féres-Carneiro, 2005). Teykal e Rocha-Coutinho (2007) explicam que esse rompimento se dá em função dos múltiplos modelos de identidade existentes, permitindo com que a identidade individual fique sujeita às inúmeras possibilidades de expressão. Com isso, a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo se torna flexível, efêmera e descompromissada. Segundo Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), as relações conjugais tornam-se mais instáveis na busca de igualdade e da individualidade, passando a se sustentar, quase que totalmente, na satisfação sexual e emocional. Falcke, Dihel e Wagner (2002) assinalam que tal forma de pensamento tem levado as pessoas a serem menos tolerantes frente às dificuldades inerentes ao dia a dia.

Giddens (1993), estudioso da influência da modernidade nas relações íntimas, considera que a flexibilização dos papéis de gênero, as tecnologias de contraceptivos e do aborto contribuíram para a remodelação dos padrões usuais de intimidade e da sexualidade. A individualização se tornou um tema central na compreensão das mudanças sociais da modernidade tardia, permitindo uma maior diversidade das identidades. Passou a existir também uma maior variedade nos tipos de relações interpessoais (Hordern & Street, 2007). Dentre essas escolhas “mais livres” está a escolha em viver junto, em casar e morar junto como teste para o casamento. As mulheres estão, segundo teóricos como Giddens (1993) & Beck e Beck-Gernsheim (2002), na vanguarda das mudanças da vida íntima devido às oportunidades profissionais disponíveis no mercado de trabalho. Isso as liberta dos tradicionais papéis de gênero nas relações íntimas com os homens. Giddens (ano) salienta, no entanto, que as mulheres não são uma categoria única, mas que apresentam diferenças e desigualdades, inclusive em termos de educação e oportunidades de trabalho, que podem

influenciar na forma como elas vivenciam suas relações íntimas. Assim, para auxiliar as pessoas no desfrute da vida atual, é necessário conhecer os efeitos dessas mudanças na aquisição, manutenção e vivência da intimidade.

A temática do amor e da vivência conjugal tem sido vastamente explorada. O senso comum predomina nesse campo, apesar da crescente citação de pesquisas científicas sobre a temática. O que se percebe, no entanto, que de um modo geral prendem-se nos resultados de uma pesquisa com dados reveladores, sem a comparação com outros dados sobre a temática.

Parece pertinente que a ciência em psicologia leve muito a sério as questões que mobilizam a todo ser humano. Apesar da experiência ou vivência dizer muito, é responsabilidade da Psicologia comprovar, ou melhor, compreender os fenômenos vulgarmente sustentados.

Dentre esses fenômenos, a intimidade de casais maritais e sua sexualidade é vangloriada ou tópico de chistes, cheia de preconceitos e expectativas românticas. O estudo da vida conjugal na modernidade tem sido investigado, pecando, muitas vezes, em definir os construtos investigados, com instrumentos de medidas pobres e mal validados.

Assim, levando em consideração que o estabelecimento de relações com certo grau de intimidade, assim como, a satisfação com a qualidade das relações sexuais, representam importantes protagonistas na satisfação com a vida em geral; e que, no entanto, a pesquisa sobre relacionamento conjugal no Brasil carece de instrumentos fidedignos, objetiva-se com a presente tese clarear a relação entre a satisfação com a vida sexual e a intimidade através da: (1) adaptação e validação de instrumento capaz de mensurar a intimidade de casais estáveis; (2) construção e validação de instrumento de medida para avaliar a satisfação sexual de casais; (3) utilizar esses instrumentos conjuntamente para verificar a relação entre a satisfação sexual e a intimidade de parceiros conjugais; (4) verificar a relação entre intimidade e satisfação sexual e o tempo de relacionamento, idade, número de filhos, religiosidade, escolaridade, sexo e outras variáveis sociodemográficas.

Para isso, a presente tese será desenvolvida a partir de cinco artigos. O primeiro, intitulado *Intimidade conjugal*: principais modelos teóricos tem por objetivo analisar o que está postulado na literatura científica em relação a intimidade conjugal, quais os aspectos desse construto e quais os instrumentos mais utilizados para sua avaliação. O segundo artigo, intitulado *Panorama da Pesquisa em Satisfação Sexual*, apresentará o resultado de uma pesquisa sistematizada sobre os conceitos de satisfação sexual e as características dos instrumentos utilizados para avaliar esse construto.

A partir do esclarecimento dos seus conceitos, os artigos empíricos se propõem a construir ou adaptar e validar instrumentos sobre as temáticas exploradas nos artigos anteriores. O terceiro artigo, *Questionário de Intimidade Marital- Adaptação Brasileira*, apresentará como foi realizada a adaptação do *Marital Intimacy Questionnaire* (Van den Broucke, Vendereycken e Vertommen, 1995a, b, c) para a população brasileira, discutindo suas características psicométricas. O quarto artigo, apresentará a construção do *Inventário de Satisfação Sexual*, desenvolvido a partir das questões existentes nos instrumentos anteriores, com a introdução de itens novos, a partir da perspectiva de componentes ligados, tanto ao prazer físico quanto a satisfação emocional com a relação sexual.

Por fim, a relação entre a intimidade e a satisfação sexual será proposta através de dados empíricos. O quinto artigo irá comparar as variáveis estudadas, buscando conhecer suas correlações, semelhanças e diferenças.

Para a ilustração dos artigos empíricos, os anexos correspondentes podem ser encontrados ao final da tese. Para começar, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), e questionário sociodemográfico (Anexo B), que são comuns aos três artigos empíricos, podem ser visualizados. Para o artigo *Questionário de Intimidade Marital- Adaptação Brasileira*, encontra-se a versão original do *Marital Intimacy Questionnaire* (MIQ) desenvolvido e validado por Van den Broucke, Vendereycken & Vertommen (1995a) (Anexo C) e a tradução do MIQ para português na versão feminina (Anexo D) e a masculina (Anexo E).

Já para o *Inventário de Satisfação Sexual (ISS)*, encontram-se anexados o ISS versão feminina (Anexo F) e versão masculina (Anexo G). Além desses, encontram-se os instrumentos utilizados para fins de verificação da validade divergente; o Quociente da Função Sexual – Versão Masculina (Abdo, 2006a)(Anexo H) e o Quociente da Função Sexual – Versão Feminina (Abdo, 2006b)(Anexo I).

Por fim, em *Intimidade conjugal e satisfação sexual: um estudo correlacional*, é ilustrado com a versão final do Questionário de Intimidade Marital – versão brasileira versão feminina (Anexo J) e masculina (Anexo L), assim como as versões finais do Inventário de Satisfação Sexual (Wainberg e Hutz, 2010) composto por: Escala Satisfação Sexual Emocional, Escala de Satisfação com Atividades Sexuais e a Escala de Satisfação com o Orgasmo, feminino e masculino.

A presente tese apresentará os artigos nos formatos exigidos por cada uma das revistas às quais serão submetidos para publicação. Além disso, ao final será desenvolvida as considerações finais da tese como um todo.

Referências

- Abdo, C. H. N. (2006a). Elaboração e validação do quociente sexual - versão masculina: uma escala para avaliar a função sexual do homem. *Revista Brasileira de Medicina*, 63(1).
- Abdo, C. H. N. (2006b). Elaboração e validação do quociente sexual - versão feminina: uma escala para avaliar a função sexual da mulher. *Revista Brasileira de Medicina*, 63(9).
- Beck, U. & Beck-Gernsheim, E. (2002) *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. London: Sage.
- Diniz Neto, O.; Feres Carneiro, T. (2005). *Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades*. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 2, 133-141.
- Falcke, D., Diehl, A., & Wagner, A. (2002). Satisfação Conjugal na Atualidade. In A. Wagner. (Org.). *Família em Cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. Unesp.
- Hordern, A. J., Street, A. F. (2007). *Constructions of sexuality and intimacy after cancer: Patient and health professional perspectives*. *Social Science & Medicine*, 64, 1704–1718.
- Kisler, T. S., & Christopher, F. S. (2008). Sexual exchanges and relationship satisfaction: Testing the role of sexual satisfaction as a mediator and gender as a moderator. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25(4), 587-602.
- Mirgain, S. A., Cordova, J. V. (2007). Emotion skills and marital health: the association between observed and self-reported emotion skills, intimacy and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(9), 983–1009.
- Solomon, D. H., & Knobloch, L. K. (2004). A model of relational turbulence: The role of intimacy, relational uncertainty, and interference from partners in appraisals of irritations. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 795-816.
- Teykal, C. M.; Rocha-Coutinho, M. L. (2007). O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *PSICO*, 38(3).
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995a). Construction and validation of Marital Intimacy Questionnaire. *Family Relations*, 44(3), 285-290.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995b). Marital intimacy: conceptualization and assessment. *Clinical Psychology Review*, 15(3), 217-233.

- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995c). Marital intimacy in patients with an eating disorder: A controlled self-report study. *British Journal of Clinical Psychology*, 34(1), 67-78.
- Wainberg, L., & Hutz, C. S. (2010). *Inventário de Satisfação Sexual*. Manuscript submitted for publication.

SEÇÃO TEÓRICA

Intimidade Conjugal: principais modelos teóricos

Marital Intimacy: main theoretical models

Lina Wainberg¹

Cláudio Simon Hutz²

(Artigo a ser publicado como capítulo de livro)

Resumo: A capacidade de construir e manter relações interpessoais íntimas tem sido considerada como uma necessidade vital para a saúde mental e psicossocial. No entanto, a compreensão teórica do que consiste a intimidade ainda não é clara. Há a equivalência desse fenômeno com a sexualidade, comunicação, tempo de relação, entre outros. O presente artigo busca investigar o que se entende por intimidade, suas principais confusões teóricas e propostas de modelos teóricos. Conclui-se que a compreensão da intimidade requer que o aspecto individual seja contemplado junto com o aspecto interpessoal. Ela pressupõe muito mais do que a mera convivência com o passar do tempo. Requer que os indivíduos desenvolvam uma diferenciação de cada um como indivíduo, uma entrega emocional, compartilhar as virtudes e fragilidades, obter um consenso sobre a natureza da relação, regular os seus sentimentos de apego emocional, coordenar padrões de intercâmbio e cultivar uma pretensão de relacionamento a longo prazo.

Palavras-chave: intimidade; proximidade emocional; casal; conjugal; marital.

Abstract: The ability to build and sustain intimate interpersonal relationships has been considered as a vital necessity to mental and psychosocial health life. Nevertheless, from theoretical point of view it isn't clear what intimacy is. This concept has been equated to sexuality, communication, time of relationship, among others. This article has the purpose to investigate what is understood as the concept of intimacy, its main theoretical models and theoretical problems. It concludes that the comprehension of intimacy demands that the individual aspect must be considered with the interpersonal aspect. It is much more than just spending the time with a partner. It demands that each person develop its own characteristics, sharing emotions, virtues and weaknesses, achieving a consensus about the nature of the relationship, regulating its sentiments regarding emotional attachments, coordinating its exchanges and cultivating a desire for long term relationships.

Key Words: intimacy; emotional closeness; couple; conjugal; marital.

¹ Psicóloga, Especialista em Terapia de Casal e Família, Mestre em Sexologia e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. e-mail: linawainberg@hotmail.com

² Professor Titular da Psicologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenador do Laboratório de Mensuração do Departamento de Psicologia de Desenvolvimento e Personalidade.

Introdução

A capacidade de construir e manter relações interpessoais íntimas tem sido considerado pelos teóricos como uma necessidade vital para a saúde mental e psicossocial dos seres humanos (Baumeister & Leary, 1995; Descutner & Thelen, 1991; Reis, Collins & Berscheid, 2000; Siqueira, 2001). Da mesma forma, é um importante preditor de bem-estar psicológico (Gore, Cross & Morris, 2006). Serve ainda como critério de maturidade (Feldman & Gowen, 1998). Para a área da saúde tornou-se por isso mesmo um critério fundamental para se avaliar a “qualidade de vida” de uma pessoa ou de um casal.

Percebe-se, no entanto, que os artigos que investigam essa temática da “intimidade” confundem esse conceito com outros próximos, como é o caso da sexualidade. Muitas vezes os dois termos aparecem juntos (por exemplo, intimidade sexual e/ou intimidade e sexualidade). Nesse caso, os dois fenômenos não são diferenciados (Moore, 2007; Rowland et al., 2009; Hordern & Street, 2007). A verdade é que autores que estudam a relação entre sexo e intimidade percebem que ambos estão relacionados, muito embora não esteja clara ainda a forma como essa relação ocorre (Patton & Waring, 1985). Alguns (Waring, Tillman, Frelick, Russel & Wiesz, 1980; Borges, 1998; Byers, 2005, entre outros) sugerem relação positiva entre essas duas variáveis. Outros afirmam que num relacionamento elas operam de forma independente (Gambaroff, 1991; Morin, 1997; Patton & Waring, 1985; entre outros).

A intimidade tem sido pensada como uma necessidade humana básica em teorias de psicólogos proeminentes como Erikson (1950), Sullivan (1953), Rogers (1972), Bowlby (1969) e Maslow (1970). Eles consideram que ela é um componente do desenvolvimento psicológico que satisfaz as necessidades de segurança, pertencimento, amor e autoestima.

Dentre eles, Erikson (1950) foi um dos primeiros a introduzir a intimidade na teoria psicossocial, não apenas como a qualidade de um casal romântico, mas como uma capacidade individual. Na sua teoria do desenvolvimento ele descreve os estágios da vida e afirma que os indivíduos só são capazes de focar verdadeiramente na intimidade de suas relações quando formam uma identidade segura. Aqueles que não resolveram a tarefa vital de formar uma identidade podem entrar na arena das relações com o foco na exploração de autonomia e estabelecimento de uma identidade em oposição à obtenção de uma verdadeira interdependência com outra pessoa (Marcia, 1966; Sanderson, Keiter, Miles e Yopyk, 2007). Segundo o autor, são necessárias três capacidades elementares para a obtenção da intimidade: desejo em se

comprometer com outra pessoa, habilidade para compartilhar em nível pessoal profundo a vida com um parceiro e a capacidade de comunicar os sentimentos e pensamentos pessoais a ele. Aqueles indivíduos que resolveram de forma favorável a crise psicossocial chamada de “intimidade *versus* isolamento” teriam então estes três componentes consolidados (Weinberger, Hofstein & Whitbourne, 2008).

De forma similar, a teoria do apego de Bowlby pode ser usada para se compreender a intimidade através dos estilos de apego desenvolvidos por Bartholomew e Horowitz (1991). Dentre esses estilos, os autores descrevem o perfil seguro, temeroso, preocupado e desinteressado (Reis & Grenyer, 2004). Esses estilos desenvolvem-se a partir da vivência de apego que experienciam na relação com os pais. Essa teoria entende que as pessoas diferem nas suas crenças sobre o que esperar dos outros. Indivíduos com estilo de apego seguro sentem-se confortáveis para buscar a intimidade nas suas relações próximas, incluindo depender dos outros e ter outros dependendo dele. Por outro lado, aqueles que desenvolveram um estilo temeroso ou arisco podem relutar em buscar a intimidade, talvez porque sejam incapazes de acreditar nas pessoas, ou porque enxergam negativamente os outros ou ainda porque possuem uma forte preferência por autossuficiência (Hazan & Shaver, 1987; Sanderson, Keiter, Miles, e Yopyk, 2007). Segundo Sanderson, Keiter, Miles, e Yopyk (2007), a busca de intimidade está intimamente associada ao conforto com a interdependência e uma preocupação menor com o abandono pelo parceiro.

Já entre os teóricos das relações amorosas, Kaplan (1977) descreve intimidade como a expressão de uma qualidade singular de proximidade emocional entre duas pessoas. Seria o “elo afetivo” composto por atenção mútua, senso de responsabilidade, confiança, comunicação franca de sentimentos e sensações, assim como livre intercâmbio de informações acerca de ocorrências emocionais significativas.

Na clássica Teoria do Amor de Sternberg (1986, 1988), o relacionamento amoroso é descrito por um triângulo, em cujos ângulos o autor propõe três fatores: a intimidade, a paixão e o que chama de “decisão/compromisso”. Nessa concepção, a intimidade é um dos componentes do relacionamento amoroso. Ela incluiria:

“dar e receber apoio emocional, assim como outros comportamentos que proporcionam uma sensação de calor humano num relacionamento amoroso, tais como comunicar-se aberta e honestamente, partilhar, sentir felicidade juntos, compreender um ao outro e valorizar a pessoa

amada” (Masters, Johnson & Kolodny, 1997, p.15). A intimidade representa o componente emocional, enquanto que a paixão seria o componente motivacional e o compromisso o componente cognitivo envolvido nas relações de amor (Overbeek, Ha, Scholte, Kemp & Engels, 2007).

Mesmo com os esforços dos grandes mestres da psicologia, e da noção de intimidade ou proximidade³ ser bem compreendida até por crianças bem pequenas (Gummerum & Keller, 2008), o conceito ainda carece de uma definição operacional (Waring et al., 1980). A literatura apresenta perspectivas diferentes e, muitas vezes contraditórias sobre esse termo (Ben-Ari & Lavee, 2007) e sobre a forma de como medi-la (Lippert & Prager, 2001). Essas diferenças ficam evidentes nas variações semânticas. Por exemplo, são utilizadas expressões como proximidade emocional (Mills, Wakeman, & Fea, 2001) e proximidade psicológica (Kreilkamp, 1984) além de outras que se relacionam aos conceitos de intimidade, amor, empatia e segurança (Harvey, 1995; Parks & Floyd, 1996). Segundo Clark e Reis (1988), a diferenciação da definição de intimidade de diversos outros conceitos muito próximos (como é o caso de comunicação) é igualmente necessária.

Psicólogos, teóricos da comunicação e psiquiatras têm definido a intimidade como sendo uma propriedade das interações (isto é, através dos comportamentos). Às vezes ela é considerada como propriedade dos indivíduos e outras vezes como propriedade das relações (Prager, 1995). Outros autores ainda consideram a proximidade afetiva o que as pessoas simplesmente chamam de proximidade. Eles a medem solicitando que as pessoas graduem o nível de proximidade que sentem em determinada relação com um parceiro (Ganong & Coleman, 1988 in Ben-Ari & Lavee, 2007). Outra maneira de medição é o posicionamento visual de alguém em relação aos indivíduos dentro de um espaço circular de “proximidade” (Popovic, Milne, & Barrett, 2003).

Clark e Reis (1988) sustentam que uma definição única ainda não foi completamente estabelecida no amplo campo de estudo das relações humanas. Da mesma forma, Van den Broucke, Vendereycken e Vertommen (1995b) ressaltam o fato de que inexistente uma abordagem integrativa que ultrapasse as barreiras teóricas e que a definição de intimidade depende, em grande parte, da perspectiva adotada.

Levando em consideração a importância do tema para as relações humanas e buscando fugir do senso comum para a compreensão do fenômeno, o presente artigo busca investigar o que se entende por intimidade, suas principais confusões teóricas e propostas de modelos teóricos.

³ Neste artigo, intimidade e proximidade afetiva serão usadas como sinônimos.

Para isso, desenvolverá uma discussão teórica que abordará as seguintes temáticas: buscará diferenciar a intimidade da autorrevelação; conhecer como ela se apresenta nas relações conjugais (diferenciando da intimidade nas relações familiares ou de amizade); conhecer os principais modelos teóricos desenvolvidos sobre a temáticas; abordar a relação entre a intimidade e a vulnerabilidade emocional; discutir sobre a influência psicossocial na intimidade; e, por fim, conhecer os instrumentos de medida desenvolvidos para sua avaliação.

Intimidade e autorrevelação

Como se vê, a disputa semântica e conceitual em torno do tema é ampla. A capacidade que as pessoas possuem de se revelarem aos outros é descrita por autores variados com alguma frequência como sendo o paradigma ideal da intimidade (Duarte & Propato, 2000; Emmers-Sommer, 2004; Laurenceau, Berrett & Rovine, 2005; Yovetich & Drigotas, 1999, Sprecher & Hendrick, 2004; Lippert & Prager, 2001).

Em seus estudos, Dandeneau e Johnson (1994) definiram intimidade como sendo um “evento relacional em que a confiança [de uma pessoa] em revelar-se é devolvida [pelo interlocutor] com empatia comunicacional”. Outros argumentam, no entanto, que para a intimidade a responsividade – o comportamento verbal e não verbal que se converte em empatia, apoio e afeto do parceiro (Davis & Perkowski, 1979; Miller, Berg, & Archer, 1983 apud Marshall, 2008) – é tão ou mais importante do que a autorrevelação⁴ (Prager, 1995). Assim, segundo Reis e Shaver (1988), o principal componente do processo de formação da intimidade é a abertura de revelar-se e a responsividade do parceiro. De acordo com esse modelo, o desenvolvimento da intimidade começa com o fornecimento de informações pessoais e emocionais por um dos parceiros. Isso é compreendido pelo interlocutor como um gesto de confiança, de afeto e de comprometimento para o esforço em aumentar o grau de intimidade do parceiro consigo. A revelação das emoções também revela aspectos centrais importantes de *self*, permitindo ao parceiro verificar e validar essas visões cultivadas pelo interlocutor de seu *self* (Reis & Patrick, 1996).

Outros encontraram que a percepção do parceiro como responsivo às suas necessidades mediaria a associação entre autorrevelação e intimidade (Laurenceau, Barrett & Pietromonaco, 1998; Lippert & Prager, 2001). A característica chave da responsividade está nos comportamentos que comunicam compreensão, validação e interesse pelo outro.

⁴ Autorrevelação foi usado como tradução de *self-disclosure*.

Ressalta-se, no entanto, que não é qualquer revelação que serve como preditor da intimidade. Reis e Shaver (1988) afirmam que diferentes tipos de revelações influenciam diferentemente a intimidade. É a revelação do afeto, e não simplesmente de fatos e informações, que faz a diferença (Laurenceau, Barrett & Rovine, 2005; Cordova, Gee & Warren, 2005). Já Lippert & Prager (2001) afirmam que são as revelações pessoais e, principalmente sobre os afetos positivos cultivados sobre o parceiro, que fazem diferença para o estabelecimento da intimidade. A revelação de desejos, fantasias, ansiedades e emoções permitem ao ouvinte compreender e responder de acordo com o que outro verdadeiramente sente e é.

Dessa forma, apesar do reconhecimento da influência que a autorrevelação exerce sobre a intimidade, tem sido sugerido que o processo de autorrevelação, unicamente, não é suficiente para capturar a essência da intimidade (Chelune, Waring, Vosk & Sultan, 1984; Korobov & Thorne, 2006; Laurenceau, Barrett & Rovine, 2005; Waring & Chelune, 1983). Portanto, e ao contrário do tratamento trivial desses dois termos em muitos estudos, eles não se equivalem.

Bradford, Feeney e Campbell (2002) aquecem a discussão ao argumentarem o oposto. Estes percebem a intimidade como uma das dimensões da revelação, e não o contrário. A intimidade, juntamente com a quantidade das interações, adequação das trocas e seu tom emocional comporiam as características da autorrevelação. Salientam ainda que no início de uma relação algumas pessoas podem se exceder na autorrevelação na tentativa de forjar uma intimidade que ainda inexistente. Dito de outra forma, em baixos níveis de intimidade as pessoas estão motivadas para obter informações pessoais sobre a natureza da relação. Elas querem avaliar quão recompensadora a relação pode se tornar no futuro. Já em altos níveis de intimidade as pessoas conseguiram estabelecer rotinas benéficas e interdependentes. Elas conhecem as atitudes do parceiro e estão comprometidas com a manutenção da relação. Assim a conversa terá um impacto menor na intimidade devido a bem-definida concepção da relação em jogo (Laurenceau, Barrett & Rovine 2005). Fica evidente, portanto, que esses autores percebem a diferenciação entre a autorrevelação e a intimidade.

Intimidade e a relação conjugal

Dentre as maiores correlações da intimidade está a satisfação conjugal (Greef & Malherbe, 2001; Harper, Schaalje & Sandberg, 2000; Prager & Buhrmester, 1998; Kirby, Baucom & Peterman, 2005; Mirgain & Cordova, 2007). Muitos estudos sobre casais partem do pressuposto

que a intimidade é requisito básico para a manutenção de um relacionamento conjugal. A influência no sentido oposto também foi verificada (Lippert & Prager, 2001).

No entanto, Bach e Wyden (1991) afirmam que milhões de casais, embora continuem a viver juntos física e legalmente, na realidade estão emocionalmente apartados. Esse distanciamento afetivo seria o responsável por efeitos emocionais e físicos graves, como depressão e ataques do coração, entre outros.

Goldberg (2000) concorda com a assertiva. Ele afirma que as dificuldades nos relacionamentos são a causa dos frequentes sentimentos de alienação e exaustão que caracterizam a sociedade pós-moderna. A contrapartida parece também ser verdadeira. Os relacionamentos íntimos saudáveis podem contribuir para o bem-estar, tanto físico quanto emocional e psicológico (Prager & Buhrmester, 1998; Hook, Lawence, Deterich & Gridley, 2003; Hassebrauck & Fehr, 2002), pois criam um ambiente no qual cada um dos parceiros pode satisfazer importantes necessidades (Kirby, Baucom & Peterman, 2005). Esse efeito pode ser constatado inclusive em estudos longitudinais (McAdams & Vaillant, 1982) que mostram como a motivação para intimidade é capaz de prever o ajuste psicossocial do indivíduo 17 anos depois.

No entanto, a importância da relação varia entre as pessoas, assim como o grau de intimidade atingida na relação. Enquanto alguns precisam de anos para criar uma relação profunda, outros têm a capacidade de desenvolver relações íntimas ainda nos estágios iniciais (Gore, Cross & Morris, 2006). Assim, há ainda outra diferenciação importante: a necessidade de distinguir os efeitos da intimidade da mera passagem de tempo de um relacionamento, questionando assim a noção de alguns autores (Baxter, 1988; Duck & Sants, 1983; Emmer-Sommer, 2004) que sugerem que a intimidade resulta do tempo de relacionamento.

Theodore, Dur'an, Antoni e Fernandez (2004) encontraram em seus estudos, que não se pode contar apenas com a variável tempo de relacionamento para prever a intimidade. A percepção subjetiva da intimidade é conceitualmente e empiricamente distinta do conceito de tempo (Knobloch, Solomon & Thesis, 2006b).

Modelos Teóricos da Intimidade

Para compreender como a intimidade se desenvolve, outros autores propõem várias e distintas categorias de intimidade. Prager (1995), por exemplo, sugere três: comportamentos relacionados (a revelação de informações privativas e sentimentos positivos), afetos positivos

(interações prazerosas) e cognição (perceber o parceiro como compreensivo). A autora verificou que cada um desses componentes contribuía independentemente para a percepção da intimidade. Já Harper, Schaalje e Sandberg (2000) utilizaram na sua definição de intimidade a ideia de que há um processo de partilha de experiências íntimas em cinco áreas: emocional, social, sexual, intelectual e recreativa.

Berscheid et al. (1989) conceituou intimidade como um construto multidimensional que consiste em passar algum tempo junto (frequência), numa variedade de interações conjuntas (diversidade), causando a percepção da influência que um tem nos planos, decisões e atividades do outro (força). Essa formulação tem sido criticada por negligenciar as qualidades cognitivas e afetivas associadas à intimidade (Aron, Aron, & Smollan, 1992; Parks & Floyd, 1996). Esses pesquisadores argumentam que apesar da frequência, diversidade e força fornecerem uma medida de proximidade que se aplica a uma vasta gama de relações, estas não podem capturar o significado da essência do termo.

Apesar das definições acima tentarem conceituar o que é a intimidade, Van den Broucke, Vendereycken e Vertommen (1995b) mostram que alguns pesquisadores investigaram intimidade como um construto mais amplo, referindo-se à qualidade do relacionamento em andamento. Nesse sentido, Perlman e Fehr (1987 citado por Van den Broucke, Vendereycken & Vertommen, 1995b), identificaram quatro principais abordagens sobre o estudo da intimidade como um construto psicológico. São eles: *Modelo Desenvolvimental* (de duração da vida), no qual a crise de superação do isolamento e obtenção de relações íntimas é uma tarefa central do desenvolvimento e determinante na evolução da vida humana; o *Modelo Motivacional* admite intimidade como um motivo duradouro, o qual reflete a preferência individual ou prontidão para experienciar proximidade, calor e comunicação. A intimidade é aqui considerada como um atributo individual que se manifesta através das diversas situações interacionais (Mc Adams, In Van den Broucke, Vendereycken & Vertommen, 1995b); *Modelo Equilibrium*, em contraste com as perspectivas descritas acima, afirma que a intimidade deve ser concebida como uma propriedade dos relacionamentos, ao invés de um atributo individual. Aqui o entendimento básico é que deve haver um balanço entre o desejo de alcançar e de evitar intimidade nas interações, para sentir-se confortável, com o parceiro; e o *Modelo Equidade*, no qual intimidade é baseada na aplicação da teoria da equidade para relacionamentos pessoais. Apesar dos focos dessas formulações teóricas individuais e interacionais parecerem contraditórios, a intimidade pode ter propriedade de ambos

os modelos.

Autores como Van den Broucke, Vendereycken e Vertommen (1995a) formularam seu modelo teórico de intimidade através de seis dimensões estruturais, três no nível diádico (afeto, cognitivo e interdependência instrumental), duas no nível individual (autenticidade e abertura), e uma no nível grupo social ou de rede (exclusividade). A grande vantagem desse modelo é que integra as visões acima descritas sobre intimidade marital, abrangendo perspectivas, tanto teóricas como empíricas. Diferentemente das definições anteriores, essa proposta clarifica o problema, na medida em que referencia os níveis dos sistemas envolvidos. E ainda acrescenta um terceiro, o nível social ou de rede, que fora negligenciado com frequência.

Para eles, o envolvimento da intimidade nos relacionamentos depende desses três fatores. No primeiro, o nível individual, ambos os parceiros devem ter alcançado uma identidade segura. Ainda no nível individual, Gore, Cross & Morris (2006) consideram que a forma como cada um se define influencia na forma como cada um pensa, sente e interage com os outros. O papel do *self-system* tem sido verificado como central nas relações (Cross, Bacon, & Morris, 2000; Markus & Kitayama, 1991; Brewer, 2001). No segundo, o nível diádico, a intimidade é promovida pela autorrevelação mútua dos parceiros. E por último, no nível de grupo social, os parceiros separaram-se emocionalmente de suas famílias de origem.

Considerar tanto os aspectos individuais quanto os diádicos parece uma abordagem integrativa, até mesmo porque, segundo Zeedyk (2006), as capacidades individuais só podem surgir através do engajamento íntimo com os outros.

Há, no entanto, um consenso entre cientistas e clínicos quanto a certos ingredientes essenciais que compõem a intimidade. A intimidade resume-se a: a sensação de autorrevelação, o compartilhamento do seu eu interior e o sentimento de estar próximo do parceiro (Kirby, Baucom & Peterman, 2005; Master, Johnson e Kolodny, 1997; Coner-Edwards, 1988; Drigotas & Rusbult, 1992; McAdams, 1988, 1989; McAdams & Vaillant, 1982; Prager, 1995; Reis & Shaver, 1988). Em outras palavras:

uma dedicação mútua e um desejo de transformar essa dedicação em compromisso; partilhar livremente um com o outro; comunicar-se abertamente e profundamente; valorizar o suficiente um relacionamento para imbuí-lo de vulnerabilidade e confiança; ternura; e esforçar-se constantemente para ter empatia um com o outro (Master, Johnson & Kolodny, 1997, p.27).

Betchen (2003) define intimidade como um processo em andamento envolvendo dois parceiros que alcançaram um grau de diferenciação saudável de suas famílias de origem (autonomia emocional), pela qual, conseqüentemente, contribui para a habilidade de estar em contato com seus próprios sentimentos e expressá-los de forma livre, clara e racional sem medo e sem conseqüências reais geradas pelo parceiro. Parceiros íntimos são próximos emocional, física e sexualmente e, portanto, intimidade não é indicada pela mera existência ou sobrevivência de uma relação intacta. Ela representa muito mais. Segundo Cordova, Gee e Warren (2005) será a sensação de “conforto com a vulnerabilidade”, ou intimidade segura, que admitirá a dimensão afetiva da intimidade, já que faz parte do desenvolvimento da intimidade compartilhar suas vulnerabilidades para que o outro possa dar suporte (Cordova & Scott, 2001).

Intimidade e vulnerabilidade

Cordova e Scott (2001) sustentam que a intimidade é um processo gerado pela capacidade do parceiro em fortalecer o outro quando este se mostra vulnerável. O comportamento será considerado vulnerável à medida que estiver associado com o ser penalizado pelos outros (direta ou indiretamente).

Segundo Cordova, Gee e Warren (2005), a relação íntima é caracterizada pelo acúmulo, tanto de eventos íntimos como de eventos supressores. Aqueles relacionamentos que são mais ricos em eventos íntimos do que supressores são percebidos como mais seguros e, com isso, mais íntimos. Nessa formulação, o grande desafio da intimidade genuína está na intrínseca presença que o magoar emocionalmente. Em outros termos, a turbulência relacional é inerente a redefinição de uma relação como íntima (Solomon e Knobloch, 2004). No entender desses pesquisadores, a relação íntima acarreta na interferência do parceiro numa série de atividades do dia a dia (Knobloch & Solomon, 2004; Solomon & Knobloch, 2001). Assim, a interferência do parceiro seria um subproduto do desenvolvimento de uma relação e esta pode gerar turbulência aparente em níveis moderados de intimidade. Assim, os autores entendem, como fundamentais para o maior envolvimento do casal, as mudanças graduais na incerteza e interdependência relacional.

Mirgain & Cordova (2007) consideram que devido a essa natureza desafiadora da intimidade, o funcionamento saudável de uma relação íntima requer uma adequada habilidade emocional. Por habilidade emocional se entende administrar os sentimentos gerados nas relações

(por exemplo, raiva, mágoa, etc.) de forma adequada. Teoricamente, a habilidade emocional facilitaria o processo de intimidade através do papel que possuem, tanto (a) na manutenção da vulnerabilidade de cada um; quanto (b) na habilidade de administrar a vulnerabilidade do parceiro (Cordova, Gee & Warren, 2005).

Em outros termos, Ben-Ari e Lavee (2007) consideram que a proximidade requer duas forças opostas: autonomia e conexão. Os autores citam Baxter (1988) que argumenta que sem a conexão, as relações não possuem identidade e não podem existir, mas sem a autonomia, os indivíduos não possuem identidade e conseqüentemente não podem existir numa relação. É importante ressaltar, que a necessidade por autonomia e conexão muda constantemente e que o processo de manutenção dessas necessidades é permanente.

Outro aspecto que deve ser considerado é a diminuição da incerteza na relação para o aumento da intimidade (Theiss & Solomon, 2008). Por incerteza relacional se entende o grau de confiança que as pessoas têm na sua percepção de envolvimento na relação interpessoal (Knobloch & Solomon, 1999, 2002). Foi constatado que, muito mais do que baixos níveis de incerteza iniciais, é a gradual diminuição destas, ou seja, o aumento da confiança ou da maior previsibilidade, que permite a construção de relações íntimas. É o processo de redução de incerteza por si só que é experienciado como recompensador e acelera a intimidade, independentemente de alguma incerteza que permaneça (Knobloch & Solomon, 2002).

Ainda, outra forma de compreensão do processo de tornar-se íntimo está no modelo desenvolvido por Hess, Fannin e Pollom (2007). Segundo os autores, para compreender como as pessoas tornam-se próximas de alguém requer que compreendamos, tanto as estratégias de aproximação quanto as de distanciamento. Assim, desenvolveram o conceito de afiliação para a dinâmica entre essas forças. Por estratégias de distanciamento, Hess (2002), encontrou três estratégias básicas: evitação (reduzir totalmente o contato com parceiro), desengajamento (reduzir a abertura e respeito com o outro que caracterizaria uma atitude normal), e a dissociação cognitiva (perceber menos conexão, denegrindo mentalmente ao outro, ou distanciando o outro a fim de diminuir o impacto psicológico que as ações do outro pode gerar). Por estratégias de aproximação, Hess, Fannin & Pollom (2007) encontraram que a abertura, atenção e envolvimento seriam as formas de obtenção de proximidade. Os autores argumentam que quando essas duas variáveis são levadas em consideração para compreender o grau de vínculo, ou afiliação, é possível uma

visão mais precisa da sua descrição, até porque as relações mais longas, de um modo geral apresentam alguma medida das duas atitudes.

A influência psicossocial na intimidade

Existem diferenças individuais na habilidade em experienciar e fazer uso das gratificações das relações íntimas. A origem dessas diferenças provavelmente se dá na aprendizagem sobre a intimidade que se estende à infância e adolescência, tanto na sua relação com a família quanto em relação ao modelo de vida conjugal dos pais (Waring et al., 1980). Além dessa, as relações com os amigos na adolescência também são descritas como influentes no treino dessa habilidade (Feldman & Gowen, 1998; Scharf & Mayselless, 2001).

Não se pode negar, no entanto, que a família e as regras sociais que regem as relações de amizade, estão inseridas num contexto maior de normas culturais. Algumas pesquisas têm focado na vivência da intimidade, comparando culturas mais ligadas ao individualismo ou ao coletivismo (Gao, 2001; Marshall, 2008). Quanto aos aspectos da autorrevelação, o individualismo enfatiza a autoconfiança, competição e priorização dos objetivos pessoais ante aos objetivos dos grupos, enquanto que o coletivismo enfatiza a interdependência, a harmonia interpessoal, cooperação e subordinação aos objetivos grupos ante aos pessoais (Triandis, Bontempo, Villareal, Asai, & Lucca, 1988 apud Marshall, 2008). Tem sido sugerido que os casais de culturas coletivistas experienciam menos intimidade devido suas necessidades serem satisfeitas principalmente através das relações familiares (Marshall, 2008). Outros dizem que as culturas individualistas colocam uma maior ênfase na autorrevelação para a obtenção de intimidade do que as culturas coletivistas (Adams, Anderson & Adonu, 2004). No entanto, uma possibilidade é que as ideologias tradicionais de gênero encorajam as mulheres a cultivarem traços “femininos” que potencializa a responsividade como simpatia, compreensão e sensibilidade, enquanto encorajam os homens a desenvolverem traço de responsividade-inibitória “masculinas” como, dominância e agressividade (Bem, 1974).

Outra possibilidade é que a intimidade conjugal é mais importante nas culturas individualistas do que nas coletivistas, justamente porque serão estas que o principal veículo de obtenção de satisfação dessas necessidades, enquanto que nas culturas coletivistas as relações conjugais podem servir para outros valores culturais como reforçar a família, ligações econômicas ao invés de satisfazer o interesse de alguém. Assim, baixos níveis de intimidade na primeira pode

gerar consequências pessoais e relacionais particularmente negativas (Dion & Dion, 1993), enquanto na segunda pode não haver as mesmas consequências (Hsu, 1985).

Há aqueles (Gao, 2001) que, no entanto, verificaram que a cultura não influencia na intimidade. Segundo o autor, a importância da intimidade pode ser culturalmente universal, mas a forma como esta é expressa pode variar de cultura para cultura.

Por fim, Marshall (2008) identificou, no entanto, que não é a cultura individualista ou coletivista que explicou as diferenças culturais na intimidade, mas sim a ideologia relacionada ao papel de gênero. Assim, o autor sugere que as diferenças culturais na intimidade podem não ser tão benignas assim e que podem ter importantes implicações nos relacionamentos. O autor salienta que as culturas tradicionais não medem as implicações que a socialização pela qual homens e mulheres são expostos pode suscitar na vivência da intimidade. Segundo eles, acarreta no sentimento, pensamento e comportamento de que são essencialmente diferentes e, conseqüentemente, uma maior distância empática e emocional. Muitos acreditam que uma cultura com maior equidade propicia uma maior satisfação pessoal e conjugal (Marshall, 2008; Munck & Korotayev, 2007).

Conseqüentemente, um dos aspectos mais controversos quanto ao papel psicossocial é a questão do papel de gênero. Segundo Mitchell, Castellani, Herrington, et al. (2008), as pesquisas sobre as diferenças entre os gêneros na intimidade é limitada e misturada. Enquanto que alguns estudos encontraram diferenças (Laurenceau et al., 2005; Manne et al., 2004; Hyde, 2007; Greff & Malherbe, 2001), outras não (Lippert & Prager, 2001).

Muitas pesquisas têm encontrado uma capacidade de autorrevelação reduzida para homens que vivenciam papéis de gênero tradicionais (Neff & Suizzo, 2006; Rubin, Hill, Peplau, & Dunkel-Schetter, 1980) e conseqüentemente na intimidade (Marshall, 2008). Uma explicação é que o tradicional papel de gênero masculino não encoraja a autorrevelação, revelação de sentimentos que, frequentemente são vistos como afeminado ou homossexual (Thompson & Pleck, 1986), por outro lado, as mulheres tendem a autorrevelar com maior frequência (Dindia & Allen, 1992).

Algumas pesquisas têm demonstrado que as mulheres possuem habilidades emocionais mais adaptativas do que os homens (Korobov & Thorne, 2006; Mirgain & Cordova, 2007). Estas expressam mais emoções negativas não hostis e expressam os sentimentos pelo seu nome com maior frequência do que os homens. Por outro lado, as mulheres demonstraram uma menor

atitude defensiva do que os homens. As mulheres se mostraram mais empáticas, menos desconforto como o sofrimento dos outros e menos inibição quanto as suas repostas emocionais (Mirgain & Cordova, 2007). Leaper e Ayres (2007) vincularam seus achados aos padrões de linguagem usados por cada um dos gêneros e o impacto que esses têm na intimidade. Enquanto os homens utilizam um discurso assertivo, as mulheres tendem a usar discurso afiliativo.

Apesar de Cordova, Gee & Warren (2005) considerarem que a diferença entre os sexos permanece sendo uma questão mal respondida e que pode ser essencial para nossa compreensão do processo de intimidade no casamento, ainda sim percebem algumas tendências. Aparentemente, homens e mulheres experienciam a intimidade emocional de formas diferentes. Enquanto os homens utilizam a interação sexual para aumentar a intimidade (Hatfield, Sprecher, Pillemer, Greenberger & Wexler, 1988; Korobov & Thorne, 2006), as mulheres precisam de intimidade emocional para se engajar sexualmente. Há também evidências de que os homens poderiam dar um valor maior na capacidade de relaxar e ser si mesmo no estabelecimento da intimidade (Wagner–Raphael, Seal & Ehrhardt, 2001), preservando assim sua individualidade, enquanto que as mulheres tendem a incluir os outros como parte da sua definição de *self* (Cross & Madson, 1997). Assim, a sensação de intimidade apresenta uma influência maior da atitude do parceiro (Mitchell, Castellani, Herrington et al., 2008) e da responsividade do parceiro (Laurenceau, Barrett & Rovine, 2005; Reis & Patrick, 1996) para as mulheres. Enquanto as mulheres parecem precisar mais desse *feedback* do parceiros, os homens apresentam uma necessidade de autorrevelação menos dependente dos que as parceiras responderão (Laurenceau, Barrett & Rovine, 2005).

Radmacher e Azmitia (2006) sintetizaram em três as perspectivas quanto à questão do gênero na compreensão da intimidade. A primeira delas postula que homens e mulheres compartilham da importância da intimidade, mas diferem na sua conceitualização. Isto é, as mulheres experienciam a intimidade através de meios tradicionais de autorrevelação, enquanto os homens a experienciam através de atividades conjuntas (Floyd, 1997; Swain, 1989 apud Radmacher & Azmitia, 2006), cujas questões recreacionais e sexuais assumem um papel importante (Greff & Malherbe, 2001; Korobov & Thorne, 2006). A segunda perspectiva postula que os homens experienciam a intimidade através de dois caminhos, autorrevelação e atividades compartilhadas, enquanto que as mulheres atingem a intimidade primordialmente através da autorrevelação (Camarena et al. 1990; McNelles & Connolly, 1999 apud Radmacher & Azmitia,

2006; Laurenceau, Feldman Barrett & Rovine, 2005). E a terceira perspectiva que postula que homens e mulheres possuem a mesma conceitualização de intimidade, mas como resultado da socialização dos homens, estes preferem se autorrevelarem menos do que as mulheres (Fehr, 2004).

Instrumentos de medida de intimidade

Considerando a complexidade do construto, há a necessidade de instrumentos bem elaborados para sua medição. Repinski e Zook (2005) argumentam que instrumentos que se propõe a medir a intimidade através de apenas uma questão são problemáticos em termos de confiabilidade, devido à natureza subjetiva das respostas dos indivíduos.

Há que se ressaltar agora que, na verdade, muitas pesquisas estudaram a intimidade fora do contexto marital. Muitos estudos são realizados com adolescentes e estudantes universitários, cujas relações interpessoais diferem consideravelmente dos relacionamentos maritais em que há outro tipo de comprometimento (Laurenceau, Barrett & Rovine, 2005). Dentre os estudos específicos sobre a intimidade marital, destaca-se os produzidos por Waring e seus diversos colaboradores (Patton & Waring, 1985; Waring, 1984; Waring & Chelune, 1983; Waring et al 1980; Waring, McElrath, Lefcoe & Weisz, 1981).

Para a execução das pesquisas sobre a temática, os seguintes instrumentos têm sido utilizados com maior frequência:

- O *Waring Intimacy Questionnaire* (WIQ) (Patton & Waring, 1985; Waring, 1984; Waring & Chelune, 1983; Waring et al 1980; Waring, McElrath, Lefcoe & Weisz, 1981) é um questionário com 90 itens que mede oito dimensões: (a) afeto, isto é, o grau de expressão dos sentimentos de proximidade dos esposos, (b) expressividade, ou seja, o grau de comunicação dos pensamentos, crenças, atitudes e sentimentos dentro do casamento; (c) compatibilidade, ou o grau de capacidade que o casal possui de trabalhar e brincar juntos, de forma confortável; (d) coesão, isto é, o grau de comprometimento com o casamento; (e) sexualidade, ou o grau de comunicação e satisfação das necessidades sexuais; (f) resolução de conflitos, expresso pela tranquilidade com que as diferenças de opiniões são resolvidas; (g) autonomia, isto é, o grau de conexão positiva do casal com a família e amigos; e (h) identidade, ou o nível de autoestima e autoconfiança do casal.

- O *Personal Assessment of Intimacy in Relationships* (PAIR) (Schaefer & Olson, 1981) é um questionário composto por 36 itens que acessa os níveis esperados e obtidos em cinco tipos

de intimidade: emocional (a experiência de proximidade de sentimentos), social (ter amigos em comum e similaridades nas redes sociais), sexual (experiências de compartilhar prazeres gerais e/atividade sexual), intelectual (experiência de compartilhar ideias) e recreacional (experiência em compartilhar *hobbies* e/ou participação conjunta em eventos esportivos).

- O *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS) (Miller & Lefcourt, 1982) é uma escala de autorrelato com 17 itens que acessa os níveis máximos de intimidade experienciados na relação em curso.

- O *Fear-of-Intimacy Scale* (Descutner & Thelen, 1991) acessa o medo de intimidade, estejam os entrevistados envolvidos ou não em um relacionamento. O medo de intimidade é entendido como a capacidade inibida de um indivíduo, por causa da ansiedade, de trocar pensamentos e sentimentos de importância pessoal com outro indivíduo que possua alto valor. O construto de medo de intimidade leva em conta três características principais: (a) conteúdo, a comunicação de informações pessoais; (b) valência emocional, sentimentos fortes a respeito da troca de informação pessoal; (c) vulnerabilidade, grande consideração com a intimidade do outro. Os autores propõem que somente com a coexistência de conteúdo, valência emocional e vulnerabilidade que a intimidade pode existir.

- Entre os instrumentos de pesquisa menos populares está o *Marital Intimacy Questionnaire* (MIQ) (Van den Broucke, Vendereycken & Vertommen, 1995a, b, c). A vantagem desse instrumento está na tentativa de integrar os modelos existentes. Busca, por exemplo, aproveitar as qualidades do PAIR quanto ao foco na comunicação e a delimitação das áreas de exercício da intimidade, mas busca prover os componentes afetivos, individuais e situacionais que fora negligenciado pelo mesmo. Segue a tendência do WIQ em agregar dimensões, mas especifica os níveis de sistema (no caso, individual, díade ou de rede social) que estas compõem. Além disso, Haning, O'Keefe, Randall, Kommor, Baker, Wilson (2007) salientam a confusão conceitual (através de seus itens) que esses dois instrumentos fazem entre intimidade e interação física e/ou satisfação sexual.

Não existem instrumentos na língua portuguesa que busquem avaliar a intimidade de casais estáveis. Essa temática ainda requer ser melhor investigada na população brasileira com modelo teórico apropriado e rigor científico.

Conclusões

As relações íntimas reconhecidamente têm um papel na saúde emocional e na qualidade de vida. Devido a isso, a baixos níveis de intimidade tem sido referida como a causa mais comum na busca por terapia de casal (Mitchell, Castellani, Herrington et al., 2008).

A intimidade pressupõe muito mais do que a mera convivência com o passar do tempo. Ela requer uma entrega emocional, que significa compartilhar as virtudes, mas também as fragilidades com o intuito de receber amparo e aceitação. O grande desafio é que a revelação das fragilidades de um pode gerar ansiedade no outro, e nem sempre é possível uma maturidade emocional para suportar.

De acordo com o que propõe Solomon e Knobloch (2004), para se atingir uma relação de maior envolvimento, os indivíduos devem desenvolver uma compreensão de diferenciação de cada um como indivíduo, obter um consenso sobre a natureza da relação, regular os seus sentimentos de apego emocional, coordenar padrões de intercâmbio de recursos e cultivar uma pretensão de relacionamento a longo prazo.

Segundo Scharf & Mayseless (2001), para obter intimidade, é necessário que, em primeiro lugar, se esteja destinado a buscar e valorizar a intimidade. Em segundo lugar, é necessário que seja capaz de tolerar e abraçar as emoções intensas que fazem parte das relações íntimas, além de ser capaz de compartilhar experiências emocionais livremente. Finalmente, deve ser capaz de autorrevelar-se, reciprocidade, sensibilidade com os sentimentos do outro e preocupação com o bem-estar do outro. É ainda enfatizado, que a intimidade madura simultaneamente envolve a capacidade de autonomia, individualidade e separação dentro da relação. Os indivíduos devem primeiramente desenvolver um senso de identidade coerente que irá permitir obter intimidade sem o medo de perder sua identidade (Erikson, 1968). Intimidade madura e genuína pressupõe um equilíbrio entre proximidade emocional e separação.

Dessa forma, fica evidente que para a compreensão teórica da intimidade o aspecto individual seja contemplado junto com o interpessoal. Assim, parece adequado a proposta em integrar teorias do desenvolvimento com os modelos interpessoais para a compreensão desse construto (Weinberger, Hofstein & Whitbourne, 2008). Essa proposta entende que além de características desenvolvidas por cada um, a relação também auxiliará ou dificultará esse processo.

Apesar da importância da intimidade, a negociação das diferentes formas de vivenciá-la, pode ser um grande desafio para os casais por uma série de razões. Primeiro, os parceiros podem diferir nos níveis de necessidade de intimidade. Segundo, mesmo que desejem os mesmos níveis de intimidade, podem ter maneiras diferentes para atender essas necessidades, que pode variar de conversar com conteúdo autorrevelador até contato físico. Terceiro, questões de *timing* podem interferir com a habilidade de um dos parceiros em atender a necessidade de intimidade do outro (Kirby, Baucom, e Peterman, 2005). Devido a isso, a noção de que o processo de intimidade requer que ambos os parceiros participem é crucial (Reis & Shaver, 1988), principalmente quanto a certa concordância no que é ser íntimo e no grau de intimidade percebida (Lippert & Prager, 2001).

Assim, a proposta de tratamento para a obtenção e melhora de intimidade de L'Abate e Sloan (1984) parece ainda pertinente. Nesse modelo, os autores propõem três módulos: (a) identidade e diferenciação; (b) comunicação das emoções e; (c) negociação. Cordova, Gee & Warren (2005) sugerem que as intervenções terapêuticas destinadas a acessar os problemas de intimidade dos casais podem precisar direcionar diretamente à habilidade emocional dos clientes, já que as intervenções destinadas a facilitar a intimidade podem não ter resultado se este apresentar déficit na habilidade de identificar ou comunicar as emoções.

Por fim, Duncombe e Marsden (1995) entendem a intimidade como a última fronteira entre a assimetria entre os gêneros. Segundo os autores, ao menos que se reconheça e se discuta o fenômeno do comportamento emocional mais abertamente, os casais irão continuar a sofrer de considerável dor e infelicidade. O passo inicial deverá ser a busca por conceitos e uma linguagem para conversar sobre os problemas de intimidade emocional e comportamento sexual. Segundo eles, as mudanças necessárias para uma igualdade emocional deverá levar em conta como a identidade masculina heterossexual tradicionalmente esteve associada a manutenção de distância emocional e defesa contra a intimidade, deixando a responsabilidade emocional para as mulheres (Weinberger, Hofstein & Whitbourne, 2008). No período em que as mulheres estão assumindo responsabilidades no mercado de trabalho, a aprendizagem dos homens na esfera emocional tem sido exigida, modificando a forma como as novas gerações aprenderão a serem íntimos.

Referências

- Adams, G., Anderson, S. L., & Adonu, J. K. (2004). The cultural grounding of closeness and intimacy. In D. J. Mashek & A. P. Aron (Eds.), *The handbook of closeness and intimacy*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Aron, A., Aron, E. N., & Smollan, D. (1992). Inclusion of other in the Self Scale and the structure of interpersonal closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 596-612.
- Bach, G. R., & Wyden, P. (1991). *O inimigo íntimo: Como brigar com lealdade no amor e no casamento*. São Paulo, Brasil: Summus.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L.M. (1991). Attachment styles among adults: a test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529.
- Baxter, L. A. (1988). "A Dialectical Perspective on Communication Strategies in Relationship Development." In S.W. Duck. (Ed.), *Handbook of Personal Relationships: Theory, Research and Interventions* (pp. 257-273). Chichester, England: Wiley.
- Bem, S. L. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42, 155-62.
- Ben-Ari, A., & Laave, Y. (2007). Dyadic closeness in marriage: From the inside story to a conceptual model. *Journal of Social and Personal Relationship*, 24(5), 627-644.
- Berscheid, E., Snyder, M., & Omoto, A. M. (1989): The relationship closeness inventory: Assessing the closeness of interpersonal relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 792-807.
- Betchen, S. J. (2003). Suggestions for improving intimacy in couples in which one partner has attention-deficit/hyperactivity disorder. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29(2), 103-124.
- Borges, H. (1998). Jr. Falando de Intimidade e Prazer Sexual. *Catharsis*, 4(22), 8-9.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. London: Hogarth
- Bradford, S.A., Feeney, J. A., Campbell, L. (2002). Links between attachment orientations and dispositional and diary-based measures of disclosure in dating couples: A study of actor and partner effects. *Personal Relationships*, 9, 491–506.
- Brewer, B. W. (2001). Emotional adjustment to sport injury. In J. Crossman (Ed.), *Psychological strategies for rehabilitation*. Oxford University Press. New York, NY.

- Byers, D.L. (2005). Evolution in heterogeneous environments and the potential of maintenance of genetic variation in traits of adaptive significance. *Genetica*, 123, 107-124.
- Camarena, P. M., Sarigiani, P. A., & Petersen, A. C. (1990). Gender-specific pathways to intimacy in early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, 19-32.
- Chelune G. J., Vosk B. N., Waring E. M., & Sultan F. E. (1984) Self-disclosure and its relationship to marital intimacy. *Journal of Clinical Psychology* 40(1),216–219
- Clark, M. S., & Reis, H. T. (1988). Interpersonal processes in close relationships. *Annual Reviews Psychology*, 39, 609-673.
- Coner-Edwards, A. F. (1988). Mate selection and psychological need. In A. F. Coner-Edwards, & S. Spurlock (Eds.), *Black families in crisis: The middle class* (pp. 37-49). New York: Brunner/Mazel.
- Cordova, J. V., & Scott, R. L. (2001) Intimacy: a behavioral interpretation. *The Behavior Analyst*, 24(1), 75-86.
- Cordova, J. V., Gee, C. B., & Warren, L. Z., (2005). Emotional skillfulness in marriage: intimacy as a mediator of the relationship between emotional skillfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 24(2), 218-235.
- Cross, S. E., & Madson, L. (1997). Models of the self: Selfconstruals and gender. *Psychological Bulletin*, 122, 5–37.
- Cross, S. E., Bacon, P., & Morris, M. (2000). The relational- interdependent self-construal and relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 791-808.
- Dandeneau, M. L., & Johnson, S. M. (1994). Facilitating intimacy: interventions and effects. *Journal of Marital and Family Therapy*, 20(1), 17-33.
- Davis, D., & Perkowski, W. T. (1979). Consequences of responsiveness in dyadic interactions: Effects of probability of response and proportion of content related responses. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 534–550.
- Descutner, C. J., & Thelen, M. H. (1991). Development and validation of a Fear-of-Intimacy Scale. *Psychological Assessment*, 3(2), 218-225.
- Dindia, K., & Allen, M. (1992). Sex-differences in self disclosure: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 112, 106–124.
- Dion, K., & Dion, K. (1993). Individualistic and collectivistic perspectives on gender and the cultural context of love and intimacy. *Journal of Social Issues* 49(3), 53-69.

- Drigotas, S. M., & Rusbult, C. E. (1992). Should I stay or should I go? A dependence model of breakups. *Journal of Personality and Social Psychology*, *62*, 62-87.
- Duarte, S., & Propato, V. (2000, 29 de setembro). *Tão perto, tão longe*. Isto é, *1618*, 120-125.
- Duck, S. W., & Sants, H. (1983). On the origin of the specious: Are personal relationships really interpersonal states? *Journal of Social and Clinical Psychology*, *1*, 27-41.
- Duncombe, J., & Marsden, D. (1995). 'Workaholics' and 'whingeing women': theorising intimacy and emotion work - the last frontier of gender inequality? *The Editorial Board of The Sociological Review*, 150-169.
- Emmers-Sommer, T. M. (2004). The Effect of Communication Quality and Quantity Indicators on Intimacy and Relational Satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, *21*, 399-411.
- Erikson, E. H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987. (Original published in 1950).
- Falcke, D., Diehl, A., & Wagner, A. (2002). Satisfação Conjugal na Atualidade. In A. Wagner. (Org.). *Família em Cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fehr, B. (2004). Intimacy expectations in same-sex friendships: A prototype interaction pattern model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *86*(2), 265-284.
- Feldman, S. S., & Gowen, L. K., (1998). Family relationships and gender as predictors of romantic intimacy in young adults: a longitudinal study. *Journal of Research on Adolescence*, *8*(2), 263-286.
- Floyd, K. (1997). Brotherly love: II. A development perspective on liking, love, and closeness in the fraternal dyad. *Journal of Family Psychology*, *11*, 196-209.
- Gambaroff, M. (1991). *Utopia da Fidelidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gao, G. (2001). Intimacy, passion, and commitment in Chinese and US American romantic relationships. *International Journal of Intercultural Relations*, *25*, 329-342.
- Goldberg, C. (2000). Basic emotional communication (BEC) for intimate relating: guidelines for dialogue. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, *30*(1), 61- 70.
- Gore, J. S., Cross, S. E., & Morris, M. L. (2006). Let's be friends: Relational self-construal and the development of intimacy. *Personal Relationships*, *13*, 83-102.
- Greef, A. P., & Malherbe, H. L. (2001). Intimacy and Marital Satisfaction in Spouses. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *27*, 247-257.

- Gummerum, M., & Keller, M. (2008). Affection, virtue, pleasure, and profit: Developing an understanding of friendship closeness and intimacy in western and Asian societies. *International Journal of Behavioral Development, 32*, 218-231.
- Haning, R. V., O'Keefe, S. L., Randall, E. J., Kommor, M. J., Baker, E., & Wilson, R. (2007). Intimacy, Orgasm Likelihood, and Conflict Predict Sexual Satisfaction in Heterosexual Male and Female Respondents. *Journal of Sex & Marital Therapy, 33*, 93–113.
- Harper, J. M., Schaalje, B. G., & Sandberg, J. G. (2000). Daily hassles, intimacy, and marital quality in later life marriages. *The American Journal of Family Therapy, 28*(1), 1-18.
- Harvey, A.R. (1995). The issue of skin color in psychotherapy with African Americans. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services, 76* (1), 3-10.
- Hassebrauck, M., & Fehr, B. (2002). Dimensions of relationship quality. *Personal Relationships, 9*, 253–270.
- Hatfield, E., Sprecher, S., Pillemer, J.T., Greenberger, D., & Wexler, P. (1988). Gender differences in what desired in the sexual relationship. *Journal of Psychology & Human Sexuality, 1*, 39-52.
- Hazan, C, & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.
- Hess, J. A., Fannin, A. M. Y. D., & Pollom, L. H. (2007). Creating closeness: Discerning and measuring strategies for fostering closer relationships. *Personal Relationships, 14*, 25–44.
- Hess, D. (2002), Complementary or alternative? Stronger versus weaker integration policies, *American Journal of Public Health, 92* (10), 1579–1581.
- Hook, M. K., Lawrence, H. G., Detterich, L., Gridley, B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling e Development, 81*(4), 462-472.
- Hordern, A. J., Street, A. F. (2007). Constructions of sexuality and intimacy after cancer: Patient and health professional perspectives. *Social Science & Medicine, 64*, 1704–1718.
- Hsu, F. L. K. (1985). The self in cross-cultural perspective. In A.J. Marsella; G., DeVops. & F. L. K, (Eds.). *Culture and self: Asian and Western Perspective*. New York: Tavistock.
- Hyde, J. S. (2007). New directions in the study of gender similarities and differences. *Current Directions in Psychological Science, 16*, 259–263.
- Kaplan, H. S. (1977). *A nova terapia do sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Kirby, J. S., Baucom, D. H., & Peterman, M. A. (2005). An investigation of unmet intimacy needs in marital relationships. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(4), 313-325.
- Knobloch, L. K., & Solomon, D. H. (2004). Interference and facilitation from partners in the development of interdependence within romantic relationships. *Personal Relationships*, 11, 115–130.
- Knobloch, L. K., Solomon, D. H., & Theiss, J. A. (2006a). The role of intimacy in the production and perception of relationship talk within courtship. *Communication Research*, 33(4), 211-241.
- Knobloch, L. K., Solomon, D. H., & Theiss, J. A. (2006b). Talk Within Courtship The Role of Intimacy in the Production and Perception of Relationship. *Communication Research*, 33, 211.
- Knobloch, L. K., Solomon, D. H., (2002). Intimacy and the magnitude and experience of episodic relational uncertainty within romantic relationship. *Personal Relationships*, 9, 457-478.
- Korobov, N., & Thorne, A. (2006). Intimacy and Distancing: Young Men's Conversations About Romantic Relationships *Journal of Adolescent Research*, 21(1), 27-55.
- Kreilkamp, T. (1984). "Psychological closeness". *American Behavioral Scientist* 27, 771-784
- L'Abate, L., & Sloan, S., (1984). A Workshop Format to Facilitate Intimacy in Married Couples. *Family Relations*, 33, 245-250.
- Laurenceau, J. P., Barrett, L. F. & Rovine, M. J. (2005). The interpersonal process model of intimacy in marriage: a daily-diary and multilevel modeling approach. *Journal of Family Psychology*, 19(2), 314-323.
- Laurenceau, J. P., Barrett, L. F., & Pietromonaco, P. R. (1998). Intimacy as an interpersonal process: The importance of self-disclosure, partner disclosure, and perceived partner responsiveness in interpersonal exchanges. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1238–1251.
- Leaper, C., & Ayres, M. M., (2007). A meta-analytic review of gender variations in adults' language use: Talkativeness, affiliative, speech, and assertive speech. *Personality and Social Psychology Reviews*, 11, 328–363.
- Lippert, T. A., & Prager, K. J. (2001). Daily experiences of intimacy: A study of couples. *Personal Relationships*, 8, 283-298.
- Manne, S., Ostroff, J., Rini, C., Fox, K., Goldstein, L., & Grana, G. (2004). The interpersonal process model of intimacy: The role of self-disclosure, partner disclosure, and partner

- responsiveness in interactions between breast cancer patients and their partners. *Journal of Family Psychology*, 18, 589–599.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551-558.
- Markus, H., & Kitayama, S. (1991). Culture and self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, 98, 224-253.
- Marshall, T. C. (2008). Cultural differences in intimacy: The influence of gender-role ideology and individualism collectivism. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25, 143-168.
- Maslow (1970), *Motivation and Personality*. Second edition. New York, Harper and Row
- Maslow, A.H. (1966). *The psychology of science: a reconnaissance*. New York: Harper & Row.
- Masters, W. H., Johnson, V. E., & Kolodny, R. C., (1997). *Heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- McAdams, D. (1988) Biography and life narratives. *Journal of Personality*, 56, 1–18.
- McAdams, D. P., & Vaillant, G. E. (1982). Intimacy motivation and psychosocial adjustment: a longitudinal study. *Journal of Personality Assessment*, 46(6), 586-593.
- Miller, R.S., & Lefcourt, H. M. (1982). The assessment of social intimacy. *Journal of Personality Assessment*, 46(5), 514-518.
- Mills T. L., Wakeman M.A., & Fea C.B. (2001). Adult grandchildren's perceptions of emotional closeness and consensus with their maternal and paternal grandparents. *Journal of Family Issues*, 22,427-455.
- Mirgain, S. A., Cordova, J. V. (2007). Emotion skills and marital health: the association between observed and self-reported emotion skills, intimacy and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26(9), 983–1009.
- Mitchell, A.E., Castellani, A. M., Herrington, R. L., Joseph, J. I., Doss, B. D., & Snyder, D. K. (2008). Predictors of Intimacy in Couples' Discussions of Relationship Injuries: An Observational Study. *Journal of Family Psychology*, 22(1), 21–29.
- Moore, L. (2007). Intimacy and Multiple Sclerosis. *Nursing Clinics of North America*, 42, 605–619.
- Morin, J. (1997). *A mente erótica: descobrindo as fontes internas da paixão e satisfação sexuais*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Munck, V. C., & Korotayev, A. V. (2007). Wife-Husband Intimacy and Female Status in Cross-Cultural Perspective. *Cross-Cultural Research*, 41, 307-335.

- Neff, K. D., & Suizzo, M. A. (2006). Culture, power, authenticity, and psychological well-being within romantic relationships: A comparison of European Americans and Mexican Americans. *Cognitive Development, 24*(4), 441-457.
- Overbeek, G., Ha, T., Scholte, R., Kemp, R., & Engels R. C. M. E. Brief report: intimacy, passion, and commitment in romantic relationships - Validation of a 'triangular love scale' for adolescent. *Journal of Adolescence, 30*, 523-528.
- Parks, M. R., & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication, 46*(1), 80-97.
- Patton, D., Waring, E. M. (1985). Sex and marital intimacy. *Journal of Sex & Marital Therapy, 11*(3), 176-184.
- Popovic, M., Milne, D., & Barrett, P. (2003). The Scale of Perceived Interpersonal Closeness (PICS). *Clinical and Psychotherapy, 10*, 286-301.
- Prager, K. J. (1995). *The psychology of intimacy*. New York: Guilford.
- Prager, K. J., & Buhrmester, D. (1998). Intimacy and need fulfillment in couple relationships. *Journal of Social and Personal Relationships, 15*, 435-469.
- Radmacher, K., & Azmitia, M. (2006). Are There Gendered Pathways to Intimacy in Early Adolescents' and Emerging Adults' Friendships? *Journal of Adolescent Research, 21*, 415-448.
- Reis, H. T., & Patrick, B. C. (1996). *Attachment and intimacy: Component processes*. In E. T. Higgins & A. W. Kruglanski (Eds.), *Social psychology: Handbook of basic principles*. New York: Guilford.
- Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships*. Chichester, England: Wiley & Sons.
- Reis, H., Collins, W., & Berscheid, E. (2000). The relationship context of human behavior and development. *Psychological Bulletin, 126*, 844-872.
- Reis, S., & Grenyer, B. F. S. (2004). Fear of Intimacy in Women: Relationship between Attachment Styles and Depressive Symptoms. *Psychopathology, 37*, 299-303.
- Repinski, D. J., & Zook, J. M. (2005). Three measures of closeness in adolescents' relationships with parents and friends: Variations and developmental significance. *Personal Relationships, 12*, 79-102.
- Rogers, C. R (1972). *Liberdade para Aprender*. Belo Horizonte, Brasil: Interlivros.

- Rowland, J. H., Meyerowitz, B. E., Crespi, C. M., Leedham, B., Desmond, K., Belin, T. R., & Ganz, P. A. (2009). Addressing intimacy and partner communication after breast cancer: a randomized controlled group intervention. *Breast Cancer Research and Treatment, 118*, 99–111.
- Rubin, Z., Hill, C. T., Peplau, L. A., & Dunkel-Schetter, C. (1980). Self-disclosure in dating couples: Sex roles and the ethic of openness. *Journal of Marriage and the Family, 42*, 305–317.
- Sanderson, C.A., Keiter, E.J., Miles, M. G., & Yopyk, D. J. A. (2007). The association between intimacy goals and plans for initiating dating relationships. *Personal Relationships, 14*, 225–243.
- Schaefer, M. T., & Olson, D. H. (1981). Assessing intimacy: The PAIR Inventory. *Journal of Marital & Family Therapy, 7*(1), 47-60.
- Scharf, M., & Maysel, O. (2001). The capacity for romantic intimacy: exploring the contribution of best friend and marital and parental relationships. *Journal of Adolescence, 24*, 379–399.
- Siqueira, R. M. O. (2001). *Representações sociais de jovens estudantes do ensino médio em Itajaí/SC, sobre relações íntimas no contexto da AIDS*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa. Florianópolis, SC, Brasil,
- Solomon, D. H., & Knobloch, L. K. (2001). Relationship Uncertainty, Partner Interference, and Intimacy within Dating Relationships. *Journal of Social and Personal Relationships, 18*, 804-820.
- Solomon, D. H., & Knobloch, L. K. (2004). A model of relational turbulence: The role of intimacy, relational uncertainty, and interference from partners in appraisals of irritations. *Journal of Social and Personal Relationships, 21*, 795-816.
- Sprecher, S., & Hendrick, S. S. (2004). Self-disclosure in intimate relationships: Associations with individual and relationship characteristics over time. *Journal of Social & Clinical Psychology, 23*, 857–877.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review, 93*, 119-135.
- Sternberg, R. J. (1988). A triangular theory of love. *Psychological Review, 93*(2), 119-135.
- Sullivan, H.S. (1953). *The Interpersonal Theory of Psychiatry*. New York: Norton
- Theiss, J. A., & Solomon, D. H. (2008). Parsing the Mechanisms that Increase Relational Intimacy: The Effects of Uncertainty Amount, Open Communication About Uncertainty, and the Reduction of Uncertainty. *Human Communication Research, 34*, 625–654 .

- Theodore, P. S., Duran, R. E. F., Antoni, M. H., & Fernandez, M. I. (2004). Intimacy and Sexual Behavior Among HIV-Positive Men-Who-Have-Sex-With-Men in Primary Relationships. *AIDS and Behavior, 8*(3), 321-331.
- Thompson, E. H., & Pleck, J. H. 1986. The structure of male role norms. *American Behavioral Scientist, 29* (5), 531-543.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995a). Construction and validation of Marital Intimacy Questionnaire. *Family Relations, 44*(3), 285-290.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995b). Marital intimacy: conceptualization and assessment. *Clinical Psychology Review, 15*(3), 217-233.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995c). Marital intimacy in patients with an eating disorder: A controlled self-report study. *British Journal of Clinical Psychology, 34*(1), 67-78.
- Wagner-Raphael, L.I., Seal, D.W., & Ehrhardt, A.A. (2001). Close emotional relationships with women versus men: A qualitative study of 56 heterosexual men living in an inner-city neighborhood. *The Journal of Men's Studies, 9*, 243-256.
- Waring, E. & Chelune, G. (1983). Marital intimacy and self-disclosure. *Journal of Clinical Psychology, 39*(2), 183-190.
- Waring, E. (1984). The measurement of marital intimacy. *Journal of Marital and Family Therapy, 10*(2), 185-192.
- Waring, E. M., Tillman, M. P., Frelick, L., Russel, L., & Wiesz, G. (1980). Concepts of intimacy in the general population. *Journal of Nervous and Mental Disease, 168*(8), 471-474.
- Waring, E., McElrath, D., Lefcoe, D., & Weisz, G. (1981). Dimensions of intimacy in marriage. *Psychiatry, 44*(2), 169-175.
- Weinberger, M. I., Hofstein, Y., & Whitbourne, S. K. (2008). Intimacy in young adulthood as a predictor of divorce in midlife. *Personal Relationships, 15*, 551–557.
- Yovetich, N. A., & Drigotas, S. M. (1999). Secret transmission: a relative intimacy hypothesis. *Society for personality and social psychology, 25*(9), 1135-1146.
- Zeedyk, M. S. (2006). From Intersubjectivity to Subjectivity: The Transformative Roles of Emotional Intimacy and Imitation. *Infant and Child Development, 15*, 321–344.

Panorama da pesquisa sobre satisfação sexual

An overview on research on sexual satisfaction

Lina Wainberg¹, Fernanda Stenert², Cláudio Simon Hutz³

(Artigo submetido à Revista Brasileira de Sexualidade Humana)

Resumo: A saúde sexual tem sido considerada como um dos parâmetros para se avaliar a qualidade de vida. A satisfação sexual representa um importante aspecto para sua aquisição. No entanto, há uma falta de clareza quanto ao seu significado. A presente investigação explorou, através de uma revisão sistematizada da literatura, 487 artigos da área e buscou o que estes entendem por satisfação sexual, seus instrumentos de medida, assim como os modelos teóricos desenvolvidos para sua compreensão. O levantamento revelou que o significado de satisfação sexual difere conforme a abordagem utilizada. A maioria das pesquisas tem uma perspectiva limitada da satisfação sexual, mais direcionada à funcionalidade, deixando de lado os componentes subjetivos, afetivos e emocionais. Com menor frequência, alguns modelos teóricos oferecem alternativas que contemplam, tanto componentes afetivos e emocionais da satisfação sexual como aspectos ligados ao prazer físico. Reconhece-se a necessidade da elaboração de um instrumento de satisfação sexual no Brasil que ofereça uma abordagem mais integrada.

Palavras-chaves: satisfação sexual, prazer, satisfação emocional.

Abstract: Sexual health has been considered as one of the parameters to evaluate the quality of life. Sexual satisfaction represents one important aspect for its acquisition. Nevertheless, it is not clear what it means. This investigation has explored through a systematic review of the literature 487 articles on the subject showing how they define sexual satisfaction, its measures, as well its theoretical models developed for its comprehension. This review has shown that this concept varies according the approach used. The majority of these studies have a limited perspective of sexual satisfaction,

¹ Psicóloga, Especialista em Terapia de Casal e Família, Mestre em Sexologia e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *e-mail*: linawainberg@hotmail.com

² Acadêmica de Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Professor Titular, da Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenador do Laboratório de Mensuração do Departamento de Psicologia de Desenvolvimento e Personalidade.

dealing most of the time with its functionality, leaving aside its subjective components, such as emotional and affective ones. Few theoretical models provide alternatives that considered both emotional and affective elements of sexual satisfaction as well as the physical pleasure. It is suggested here that is needed a new instrument to measure sexual satisfaction in Brazil that is able to offer a more integrate perspective.

Key words: sexual satisfaction, pleasure, emotional satisfaction

Satisfação Sexual

A sexualidade tem sido descrita como um dos aspectos centrais da natureza humana (Clayton, 2007). Ela fornece uma oportunidade de expressão para o afeto através do corpo (Pangman & Seguire, 2000).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera além do bem-estar físico, mental e social também a saúde sexual como um dos parâmetros utilizados para se avaliar a qualidade de vida de um indivíduo ou comunidade (Dahn et al., 2004; Gelfand, 2000; Walters & Williamson, 1998). Por qualidade de vida entende-se a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e relações sociais (Berlim, Mattevi, Pavanello, Caldieraro, Fleck, 2003). No entanto, no que se refere a saúde sexual, observa-se no mundo atual que é uma área ainda negligenciada no cuidado primário da saúde das populações (Rowland et al., 2004).

Por saúde sexual, a OMS entende:

a state of physical, emotional, mental and social well-being related to sexuality; it is not merely the absence of disease, dysfunction and infirmity. Sexual health requires a positive, respectful approach to sexuality and sexual relationships, as well as the possibility of having pleasurable and safe sexual experiences, free of coercion, discrimination and violence. For sexual health to be attained and maintained, the sexual rights of all persons must be respected, protected and fulfilled. (World Health Organization, 2002, p.10)

Partindo dessa perspectiva, o estudo da sexualidade humana tem dado especial importância a compreensão da funcionalidade sexual e à obtenção da satisfação. Por *funcionamento sexual* entende-se o desenvolvimento de todo “o ciclo da resposta sexual” (desejo, excitação, orgasmo e resolução). Já as definições do conceito de *satisfação sexual* são menos claras. Elas têm sido consideradas inconsistentes e a operacionalização desse construto avaliada como inadequada (Dundon & Rellini, 2010; Lawrance & Byers, 1992,

1995).

Pesquisadores da área da sexualidade (Fegg et al., 2003) consideram que muitos dos dados empíricos relatados na literatura sobre a satisfação sexual são inconclusivos. Segundo as críticas o fato decorre da variedade de critérios utilizados para operacionalizar esse conceito. Por exemplo, Meston e Trapnell (2005) conferem à carência de instrumentos validados a falta de compreensão de como se atinge e o que influencia a satisfação sexual. Young, Denny, Young e Luquis (2000) atribuem essa diversidade de definições à dicotomia existente entre um indivíduo estar satisfeito e insatisfeito com seu relacionamento sexual. Segundo Renaud, Byers e Pan (1997), para boa parcela da população e para alguns estudiosos do tema basta que exista a ausência de insatisfação para que se admita a existência de satisfação sexual. Trata-se, na verdade, de uma visão reducionista de um fenômeno complexo.

Outro exemplo é a definição que contempla a satisfação sexual como a saciedade de um apetite, a de uma necessidade ou ainda de um desejo (Cabral & Nick, 1996). Já a existência do orgasmo e a frequência de intercurso são os indicadores que mais facilmente têm sido referidos como os capazes de permitir a avaliação da satisfação sexual (Havvio-Manila & Kontula, 1997; Hurlbert, Apt, & Rabehl, 1993; Laumann, Gagnon, Michael & Michaels, 1994; Waite & Joyner, 2001). Grande parte dos estudos tem focado na responsividade orgástica, isto é, presença ou ausência de orgasmo, frequência de orgasmo e intensidade do orgasmo e sua relação com a satisfação sexual (Darling, Davidson & Cox, 1991; Zhou, 1993). Afirmam que a presença de orgasmos está vinculada a altos níveis de satisfação sexual para ambos os sexos (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Waite & Joyner, 2001). Para os homens essa importância parece ser ainda maior (Bancroft, Loftus, & Long, 2003).

No entanto, Mah e Binik (2005) argumentam que o prazer e a satisfação sexual estão relacionados mais a (a) aspectos cognitivo-afetivos do que aos aspectos físicos da experiência orgástica; à (b) intensidade física e psicológica geral do orgasmo e não a locais anatômicos das sensações orgásticas; e à (d) satisfação dos parceiros com a relação mútua. Apesar desses estudos terem sido realizados com mulheres, noutros os homens também reportaram o mesmo. Segundo Hite (1981), eles relatam que apesar do orgasmo obtido através da masturbação ser fisicamente mais intenso e localizado, o coital é mais prazeroso e satisfatório. Isso leva a pensar no papel que a interação sexual tem para a satisfação masculina. Philippsohn e Hartmann (2009) sugerem que apesar da presença do orgasmo

estar relacionada a satisfação sexual, o orgasmo e satisfação sexual não são a mesma coisa. Segundo eles, há um número considerável de mulheres que atingem altos níveis de satisfação apesar de raramente ou nunca experimentarem o orgasmo. Curiosamente, há também mulheres que apesar de experienciarem orgasmos consistentes, reportam uma satisfação sexual média para baixa.

É importante considerar que, segundo Meston e Trapnel (2005), apesar do objetivo principal do tratamento das disfunções sexuais serem o aumento dos pensamentos eróticos e por consequência do comportamento sexual, a intensificação da excitação genital e subjetiva e por fim o aumento na frequência e na intensidade de orgasmo, a relevância clínica dessas mudanças pode ser questionável se não for acompanhada por melhora clínica significativa na satisfação sexual subjetiva.

Quanto à frequência sexual, Levine (2007) afirma que há evidências de que a atividade sexual regular (especialmente com a experiência do orgasmo) pode ter efeitos benéficos para o bem-estar psicológico e físico. Isso explica porque muitos estudos assinalam a existência de uma relação direta entre a frequência sexual e satisfação sexual, (Fugl-Meyer et al., 2009; Nicolosi, Moreira, Villa & Glasser, 2004). Esses pesquisadores percebem a satisfação sexual como uma consequência, e não um precursor, da atividade sexual. Apesar da argumentação lógica dos autores, há estudos que identificaram que a frequência sexual teria influência na satisfação dos homens, mas não nas mulheres (McNulty & Fisher, 2008). Lau, Wang e Yang (2006) polemizam ainda mais a questão da frequência sexual como critério válido a ser considerado quando encontram nos resultados de seus estudos que as mulheres com disfunções sexuais têm uma frequência sexual maior muito embora sejam sexualmente insatisfeitas. Esses autores argumentam que provavelmente muitas delas mantêm relações sexuais com parceiros por dever, cumprindo uma obrigação conjugal, o que demonstra que a frequência por si só é variável limitada para se avaliar a satisfação sexual.

Além da frequência de intercurso e do orgasmo, muitos pesquisadores têm avaliado também a satisfação sexual através do fenômeno da funcionalidade sexual. Por funcionalidade entende-se a resposta sexual ótima obtida pelos parceiros em cada uma das fases do ciclo (desejo, excitação, orgasmo). No entanto, Lief (2001) argumenta que na clínica é comum encontrar-se mulheres com boas respostas fisiológicas, mas que não desfrutam de satisfação na atividade sexual. Já Dundon e Rellini (2010) consideram instigante o fato dos clínicos reportarem casos em que um número significativo de

mulheres que procuram ajuda para suas disfunções sexuais são incapazes de obter satisfação sexual, mesmo quando o desejo, a excitação e o orgasmo são suficientes. Dados empíricos coletados por esses autores sustentam apenas parcialmente a hipótese de que a satisfação sexual pode ser explicada pela funcionalidade sexual. Outros pesquisadores dizem que a satisfação com a qualidade da vida sexual e a funcionalidade sexual objetiva não estão necessariamente correlacionadas (Pujols, Meston & Seal, 2010; Richter, 2004). Ou seja, o foco exclusivo na fisiologia da resposta sexual não é capaz de revelar a satisfação sexual. Dito de outra forma, outras variáveis psicossociais podem modulá-la. Basta recordar que há autores que mostram que nem todas as pessoas com problemas sexuais experimentam sofrimento e que ainda assim estão satisfeitos com sua funcionalidade sexual (Ferenidou et al., 2008; Kirana et al., 2008). Assim, é o sofrimento, e não simplesmente a presença da disfunção sexual, que deve ser considerada em estudos de prevenção. Isso evidencia a importância em se acessar o sofrimento no diagnóstico dos problemas sexuais (Bancroft et al., 2003; Meston & Trapnell, 2005; Öberg, Fugl-Meyer, & Fugl-Meyer, 2004).

Barrientos e Paez (2006) mostram que estudos recentes em vários países têm enfatizado não só a importância do componente físico da satisfação sexual (isto é, frequência de coito sexual e orgasmo), mas também os componentes afetivos e emocionais. Althof et al. (2005) mostraram que o foco mecanicista na funcionalidade/disfuncionalidade falha em incluir as variáveis mais amplas como a percepção de satisfação sexual do paciente e do parceiro e a qualidade de vida do paciente com disfunção.

Dentre essas variáveis mais amplas, as relações conjugais têm sido consideradas por muitos clínicos e pesquisadores como o contexto a ser considerado no exame dos problemas sexuais (Bancroft, 2002; Byers, 2001; Christopher & Sprecher, 2000; Cupach & Comstock, 1990; Edwards & Booth, 1994; Greeley, 1991; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Kaplan, 1974; Masters & Johnson, 1970; Sprecher, Christopher, & Cate, 2006; Tiefer, 2000; Young et al., 2000). Dentre eles a satisfação conjugal tem sido frequentemente correlacionada com a satisfação sexual (Brigdes & Hornes, 2007; Butzer & Campbell, 2008; Haning et al., 2007; Sprecher, 2002; Sprecher & Cate, 2004). Byers e colegas (Byers, 2005; MacNeil & Byers, 2005) suspeitam que conceitualmente a satisfação conjugal preceda a satisfação sexual. Outros, no entanto, argumentam o oposto, de que a satisfação sexual precederia a satisfação conjugal (Christopher & Sprecher, 2000; Rahmani, Khoei & Gholi, 2009). Assim, apesar dos estudos mostrarem que os construtos

variam juntos, não há evidências claras de quem causa o quê. A explicação mais comum é que a ligação entre esses construtos é recíproca e mutuamente reforçadora (Hendrick & Hendrick, 2004).

O amor também tem sido descrito como correlacionado a satisfação sexual (Hendrick & Hendrick, 2004). Além dele, alguns autores (Brigdes & Hornes, 2007; Waite & Joyner, 2001; Sprecher, 2002) salientam o importante papel que o compromisso (isto é, expectativa de continuidade da relação e a exclusividade sexual) tem para a relação, tanto para as mulheres quanto para homens. Waite e Joyner (2001) encontraram, no entanto, a influência dessas variáveis na satisfação emocional, mas não no prazer físico. Essa diferenciação conceitual é importante. A satisfação é utilizada para os aspectos emocionais e subjetivos da relação e atividade sexual. O prazer refere-se à dimensão física, como o orgasmo e o prazer em atividades sexuais específicas.

Haning et al. (2007) consideram que o aumento da intimidade e a diminuição de conflito também são capazes de predizer a satisfação sexual. Outros (Chien, 2003; Rahmani et al., 2009) conferem ao tempo de relacionamento papel importante na diminuição da satisfação sexual.

Fatores pessoais ou afetivos como a saúde mental (Bancroft et al., 2003; Frohlich & Meston, 2002; Holmberg, Blair & Phillips, 2010; Tower & Krasner, 2006; Van Minnen & Kampman, 2000), saúde física (Clayton, 2007; Laumann et al., 2006), bem-estar (Holmberg et al., 2010; Sprecher & Cate, 2004), imagem corporal (Pujols et al., 2010; Sanches & Kiefer, 2008), valores pessoais e religiosos (Christopher & Sprecher, 2000; Cupach & Comstock, 1990; Edwards & Booth, 1994; Everaerd, Laan, Both, & Velde, 2000a; Everaerd, Laan, & Spiering, 2000b; Greeley, 1991; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Parish et al., 2007; Waite & Joyner, 2001), perfeccionismo (Habke, Hewitt & Flett, 1999), raiva (Belanger, Laughrea & Lafontaine, 2001), idade (Barrientos & Paez, 2006; Laumann et al., 2006), criação não religiosa e não conservadora e grau de escolaridade alto (Haavio-Mannila & Kontula, 1997) também foram descritos como fatores que influenciam a satisfação sexual.

Por fim, os fatores relativos à sexualidade propriamente dita, como conhecimento sexual (Christopher & Sprecher, 2000; Cupach & Comstock, 1990; Edwards & Booth, 1994; Everaerd et al., 2000a, 2000b; Greeley, 1991; Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Lau, Wang, & Yang, 2006; Parish et al., 2007; Waite & Joyner, 2001), assertividade sexual (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Hurlbert, 1991), expectativas realistas da performance

sexual (Onder et al., 2003), discrepância de desejo (quando um quer mais sexo do que o outro) (Brigdes & Hornes, 2007; Davies, Katz, & Jackson, 1999), comunicação de necessidades sexuais (Davis et al., 2006; Trudel, 2002); saúde e vitalidade física (Everaerd et al., 2000b; Feldman, Goldstein, Hatzichristou, Krane, & McKinlay, 1994; Lau et al., 2006; Parish et al., 2007), privacidade (Parish et al., 2007), consciência de que a vida sexual é importante (Haavio-Mannila & Kontula, 1997; Lau et al., 2006), a satisfação sexual do parceiro (Byers, 2004; Rowland et al., 2004), início precoce da vida sexual, atitudes sexuais liberais, uso de materiais sexuais, versatilidade de técnicas sexuais (Haavio-Mannila & Kontula, 1997) e exposição excessiva à filmes de sexo explícito pela internet (Peter & Valkenburg, 2009) estiveram associadas à satisfação com a vida sexual .

Outros aspectos, como preocupações com fatores sociais, melhores salários (Lau et al., 2006), idade (Christopher & Sprecher, 2000; Fugl-Meyer, Öberg, Lundberg, Lewin & Fugl-Meyer, 2006) também tem sido percebidos como correlacionados a satisfação sexual.

Boul, Hallm-Jones e Wylie (2009) propõem que o verdadeiro determinante da satisfação sexual será o objetivo, motivo ou finalidade da atividade sexual que, na opinião do autor é maior do que a simples busca de prazer. São as motivações não explícitas que gerariam satisfação e felicidade. Elas seriam as influências centrais na compreensão da satisfação sexual.

Assim, considerando a importância da satisfação sexual na qualidade de vida, percebe-se a necessidade de compreensão desse conceito. Pensando nisso, a presente investigação explora, através de uma revisão sistematizada da literatura, o que os artigos da área entendem por satisfação sexual, seus instrumentos de medida, assim como os modelos teóricos desenvolvidos para sua compreensão. Em última instância, busca-se neste estudo contribuir com a terapêutica da saúde sexual.

Método

Um levantamento sistematizado a partir do banco de dados *Web of Science* buscou os construtos e os instrumentos de medidas utilizados na avaliação da satisfação sexual. Foram selecionados e analisados todos os artigos publicados entre 2000 e 2008, em cujo texto aparecem as palavras-chaves *sexual satisfaction*, *sexual dissatisfaction* e *sexual pleasure*.

Essa análise identificou (a) quais pesquisas eram empíricas e que artigos eram puramente teóricos; (b) quais pesquisas eram empíricas quantitativas e quais eram

qualitativas; (c) dentre os artigos quantitativos, quais foram os instrumentos utilizados na avaliação do construto “satisfação sexual”. A partir destes, (d) os instrumentos foram divididos em categorias quanto à sua principal temática de avaliação, ou seja, o que estes se propunham avaliar; (e) por fim, foram analisados os modelos teóricos de satisfação sexual utilizados pelos instrumentos.

Resultados

Na busca inicial 487 artigos foram identificados. Destes (a) 85% (416) eram pesquisas empíricas, enquanto que 15% (71) eram artigos teóricos; (b) dentre os artigos empíricos, 42 utilizaram metodologias qualitativas (estudo de caso, entrevista aberta, grupo focal,...) e 374 artigos com medidas quantitativas (77%); (c) dentre os instrumentos utilizados, foram identificados 198 instrumentos (a lista de instrumentos com suas respectivas frequências de utilização, estão disponíveis no *site* <http://www.ufrgs.br/psico-laboratorio/publicacoes.htm>, ou seja, quantas vezes cada instrumento foi utilizado pelos 374 artigos empíricos quantitativos analisados); (d) dentre as temáticas identificadas como foco dos instrumentos, o Gráfico 1 mostra a porcentagem de uso que cada categoria foi utilizada para avaliar a satisfação sexual. Foram encontrados que 89 artigos fazem uso dos instrumentos construídos para medir a funcionalidade (ou função) sexual e 66 artigos utilizaram medidas específicas para patologias diversas (deficiência física, disfunção erétil, câncer de próstata, ejaculação precoce, histerectomia, infertilidade, ovário policístico, agenesia vaginal, obesidade, menopausa, prótese peniana, entre outros). A quase totalidade desses instrumentos destinados a medir patologias específicas, no que tange a sexualidade, também se detinha na funcionalidade sexual. No presente estudo identificaram-se somente 33 artigos que utilizam instrumentos que medem especificamente a satisfação sexual, 26 artigos utilizaram escalas gerais de sexualidade, 15 utilizaram instrumentos sobre relação conjugal, 13 utilizaram instrumentos categorizados como “outros”.

Nota-se que a maior parte dos instrumentos encontrados são aqueles que apresentam uma ou duas questões de satisfação sexual, sendo utilizados na seguinte frequência: instrumentos com somente uma questão de satisfação sexual (16%); instrumentos com somente duas questões de satisfação sexual (11%), artigos que avaliam satisfação sexual com apenas uma questão sem instrumento (4%); e artigos que avaliam satisfação sexual com duas questões sem instrumento (1%). E ainda foram identificados 60 artigos (14%) que utilizaram instrumentos que não medem satisfação sexual.

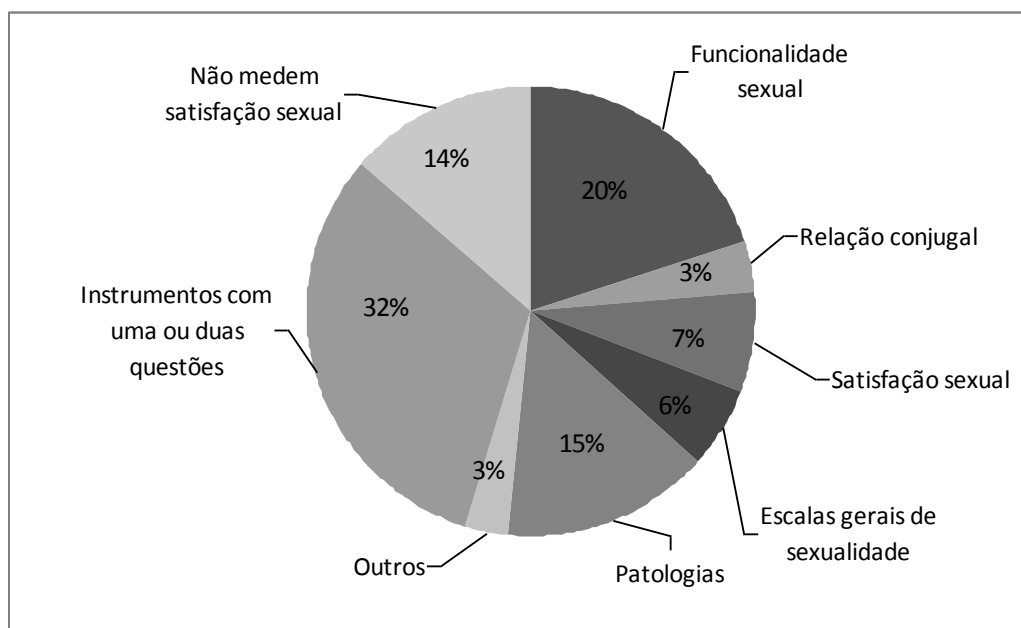


Gráfico 1. Frequência de uso por categoria

(e) No que concerne aos modelos teóricos de satisfação sexual, foram identificados os principais, como segue: (1) *Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction* (Lawrance & Byers, 1995); (2) o modelo desenvolvido por Meston e Trapnell (2005) que embasou o *Sexual Satisfaction Scale For Women (SSS-W)*; (3) o modelo de Parish et al. (2007); que será melhor detalhada na discussão dos resultados.

Discussão dos resultados

Instrumentos de satisfação sexual

A presente investigação demonstrou que a maior parte (35% resultante da categoria da funcionalidade somada à patologia) dos estudos sobre satisfação sexual faz uso de instrumentos que focam a funcionalidade sexual. Esse enfoque se torna ainda mais presente quando a avaliação da sexualidade está ligada especificamente a alguma disfunção nessa área ou a alguma doença orgânica. Dentre eles, destaca-se em primeiro lugar o instrumento *International Index for Erectile Function-5* ou 15 (IIEF) (Rosen et al., 1997). Ele tem como foco a disfunção erétil. Foi o instrumento mais utilizado nas pesquisas médicas para se avaliar satisfação sexual. O IIEF apresenta quatro questões que visam investigar especificamente o tema, abordando a satisfação sexual geral, satisfação com o intercurso, satisfação sexual com o parceiro e satisfação com desempenho.

Seguem em ordem decrescente os que admitem a funcionalidade/disfuncionalidade como medida de satisfação sexual. É o caso, por exemplo, do *Female Sexual Function*

Index (FSFI) (Rosen et al., 2000). Este aborda a satisfação sexual, examinando três questões, a primeira quanto à proximidade afetiva durante a atividade sexual com o parceiro, a segunda quanto à satisfação com a relação sexual com o parceiro, e a terceira em relação à satisfação com a vida sexual em geral. Já o *Golombok Rust Inventory of Sexual Satisfaction* – GRISS (Van Lankveld & Ter Kuile, 1999), avalia, apesar do nome, claramente a funcionalidade sexual. Na versão masculina avalia impotência, ejaculação precoce, não sensualidade, evitação, insatisfação, infrequência sexual e não comunicação. Na versão feminina avalia infrequência, não comunicação, insatisfação, não sensualidade, evitação, vaginismo e anorgasmia. O GRISS aborda a satisfação sexual através de quatro itens em relação ao tempo de preliminares, com a relação sexual com o parceiro, com o amor e afeição na relação sexual e com o tempo dedicado do parceiro para a relação sexual. Outro instrumento do tipo é o *Derogatis Sexual Functioning Inventory* (DSFI)- (Derogatis & Melisaratos, 1979), que avalia a satisfação sexual geral em uma de suas dez subescalas. O DSFI mede a satisfação sexual de uma forma mais ampla, através de dez questões do tipo verdadeiro ou falso. Elas avaliam vários componentes (como a frequência de coito, a qualidade de comunicação e a qualidade de orgasmo). Por fim, o *Brief Sexual Function Questionnaire* (Reynolds et al., 1988) mede a satisfação com a vida sexual geral, a vida sexual no último mês e a satisfação do parceiro. Ou seja, de um modo geral, esses instrumentos que buscam avaliar a função sexual através do desenvolvimento do ciclo da resposta sexual, não examinam em profundidade o componente emocional da satisfação sexual e restringem-se a 3 ou 4 questões centrais.

Apesar da vasta gama de instrumentos utilizados com foco na funcionalidade, há outros que buscam investigar a satisfação sexual como uma variável complexa, requerendo instrumentos específicos de avaliação. Hudson, Harrison e Crosscup (1981) desenvolveram o *Index of Sexual Satisfaction* (ISS) que é uma escala unidimensional destinada a avaliar a satisfação sexual no contexto do relacionamento de casal. São 25 afirmativas que descrevem a qualidade da vida sexual dos participantes (por exemplo, “Sinto que meu parceiro gosta da nossa vida sexual”). O ISS aborda três aspectos: satisfação sexual pessoal, satisfação com a sexualidade do parceiro e a satisfação com a interação sexual.

Na mesma linha dos instrumentos específicos de satisfação sexual, o *Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction Questionnaire* (IEMSSQ) (Byers et al., 1998; Byers & Demmons, 1999; Lawrance & Byers, 1992, 1995) é o mais referido. Construído a partir do modelo teórico de troca social, permite uma ênfase na percepção mais ampla da

satisfação sexual. A escala completa apresenta 46 itens que avaliam as recompensas e os custos da relação sexual com o parceiro.

Existem também outros instrumentos de medida de satisfação ou qualidade marital que apresentam subescalas específicas sobre o tema do prazer sexual, ou apenas alguns itens no questionário que visam alcançar o mesmo objetivo (Arrindell, Emmelkamo & Bast, 1983; Clark & Mills, 1979). Dentre eles está o *Marital Satisfaction Inventory* (MSI) (Snyder, 1979) que apresenta 13 itens sobre satisfação sexual.

O mais surpreendente nessa investigação, está na vasta utilização de uma ou duas questões para a avaliação da satisfação sexual. Segundo Guo e Huang (2005), a utilização de uma única questão para a avaliação da satisfação sexual deixa a desejar em precisão e sofisticação. Os autores argumentam que devido às múltiplas facetas esta deveria ser avaliada através de medidas mais específicas.

Modelos teóricos de satisfação sexual

Na busca por modelos capazes de apresentar uma compreensão mais completa da satisfação sexual encontrou-se os que seguem: o *Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction* (IEMSS) (Byers et al., 1998; Byers & Demmons, 1999; Lawrance & Byers, 1992, 1995) baseia-se no Modelo de Troca Social, que fundamenta de forma bastante adequada esse instrumento. No modelo (ver Figura 1) seus autores propõem e confirmam as hipóteses de que a satisfação sexual depende do julgamento das pessoas sobre (a) equilíbrio entre recompensas e custos sexuais, (b) a comparação entre os custos e as recompensas sexuais adquiridos com os custos e recompensas esperados e, (c) a equidade de custos e recompensas sexuais entre os parceiros. Por recompensas sexuais entende-se trocas prazerosas e gratificantes entre os parceiros. Enquanto que por custos sexuais entendem-se trocas que demandam esforço físico ou mental ou causam dor, vergonha, ansiedade ou outro efeito negativo. A satisfação com o relacionamento foi incluída como controle nas análises devido a sua associação com a satisfação sexual.

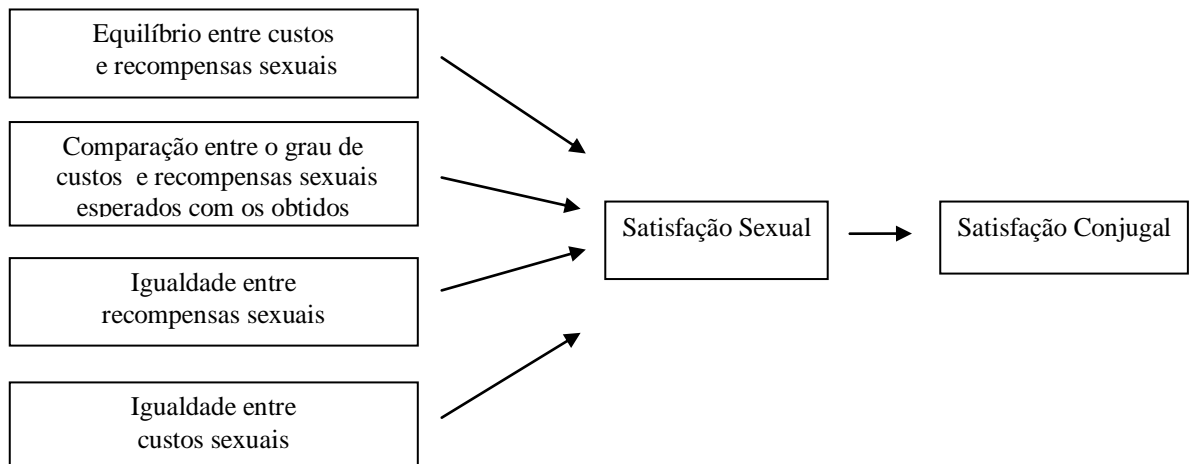


Figura 1: Modelo dos fatores associados com a satisfação sexual e conjugal (adaptado de Kisler & Christopher, 2008).

Meston e Trapnell (2005) propuseram outro modelo teórico para satisfação sexual. Fazem uma distinção entre aspectos *pessoais* e *relacionais* da satisfação sexual. Os dois aspectos são considerados como necessários para permitir uma compreensão completa do que constitui a satisfação sexual. Segundo eles, a literatura considera duas principais facetas da satisfação sexual relacional: comunicação e compatibilidade. Quanto ao componente pessoal da satisfação sexual apresentam o julgamento geral de satisfação. Os autores incluíram os níveis subjetivos de sofrimento em questões sobre o seu *self* sexual particular e com a relação. Esses níveis de sofrimentos são importantes na compreensão de qualquer satisfação. Analisar apenas o que está bom não fornece uma visão completa da satisfação sexual. Esse modelo embasou a construção do *Sexual Satisfaction Scale For Women (SSS-W)* que após as análises permaneceu com 30 itens subdivididos igualmente nos seguintes domínios: comunicação, compatibilidade e satisfação e preocupação ou sofrimento relacional e outro pessoal.

Parish et al. (2007) desenvolveram o terceiro modelo estrutural. Ele sugere que um conjunto de determinantes múltiplos da satisfação sexual que inclui: (1) características de um relacionamento, (2) conhecimento sexual e valores pessoais, (3) vitalidade física, e (4) impedimentos ambientais. Nesse modelo, uma boa parte do efeito dessas características foi mediada pela (a) frequência de orgasmo, (b) variedade das práticas sexuais e a (c) percepção do afeto do parceiro, como pode ser vista na Figura 2. O modelo conceitual permite, mas não exige, que a satisfação sexual seja influenciada por essas características. A satisfação sexual é a variável dependente de interesse primordial. No entanto, essa é a

variável latente pela qual será medida através de cinco indicadores observáveis: satisfação física, satisfação emocional, não ter vergonha, excitação/entusiasmo e acreditar que sexo não é sujo.

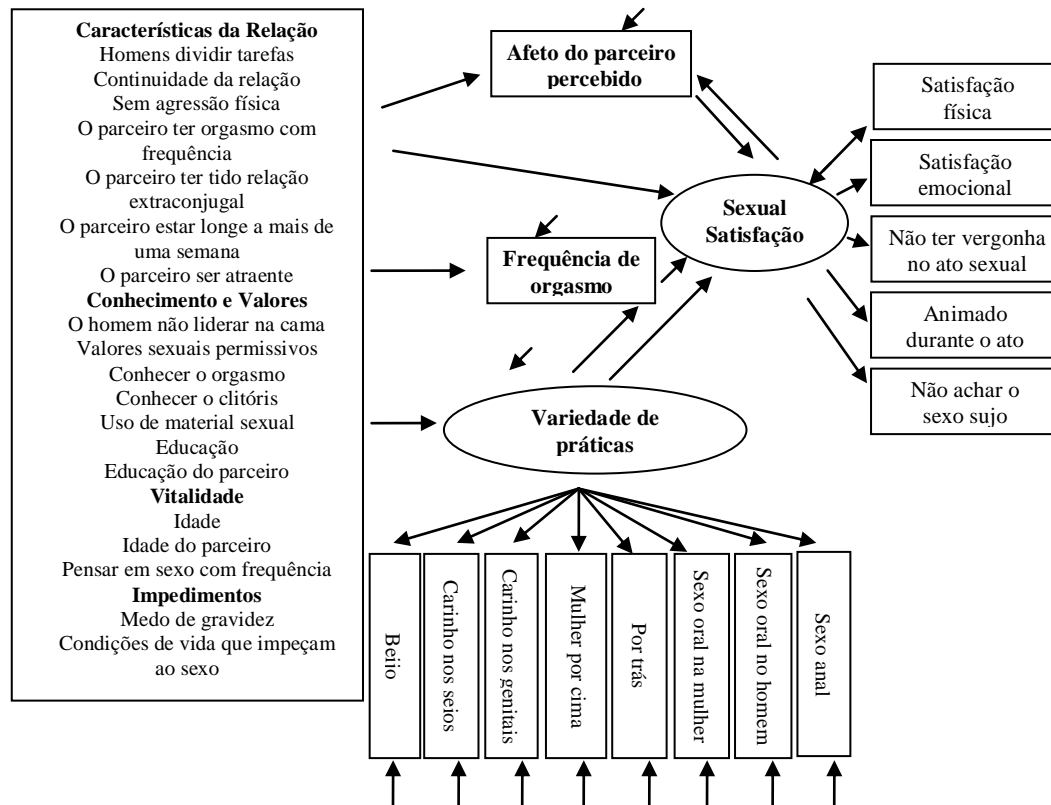


Figura 2: modelo de comportamento sexual e satisfação sexual (adaptado de Parish et al., 2007).

Os modelos acima apresentam perspectivas que divergem entre si, mas que não são excludentes. Aparentemente, os modelos teóricos de satisfação sexual estão introduzindo entre suas variáveis as dificuldades e/ou as frustrações com a vida sexual para sua compreensão como um todo, o que torna a compreensão do fenômeno mais completa e realista. Além disso, a frequência sexual e o orgasmo se apresentam como mais dois fatores, e não como o critério exclusivo de satisfação sexual. Há uma tendência em incluir o prazer em práticas sexuais específicas, além da satisfação com a relação. Por fim, nesses modelos teóricos construídos para a satisfação sexual, a funcionalidade sexual parece ter sido tratada como um construto a parte.

Conclusão

A presente investigação descreveu a concepção de satisfação sexual utilizada nas pesquisas sobre a temática. O levantamento revelou que diversas pesquisas na área da satisfação sexual têm uma perspectiva limitada, mais direcionada à funcionalidade, deixando de lado os componentes subjetivos, afetivos e emocionais, que poderiam fornecer uma visão mais integrada e significativa da sexualidade. Acredita-se que importantes variáveis associadas a satisfação sexual deveriam ser também consideradas, entre elas as sensações pós-sexuais, a alegria particular e/ou o prazer, a ausência de discrepâncias nas relações sexuais desejadas e a comunicação de tópicos sexuais (Barrientos e Paez, 2006). Além disso, Rowland et al. (2004) afirmam que a capacidade de satisfazer as necessidades sexuais da parceira é o fator mais determinante na percepção de sua satisfação sexual geral dos homens por eles estudados. Esse fator foi negligenciado por muitos instrumentos.

Fugl-Meyer et al. (2009) ao compararem os instrumentos mais utilizados para avaliar a satisfação sexual de pacientes com disfunção erétil, concluíram que questionários diferentes que lidam com a satisfação sexual não abordam os mesmos tipos de satisfação. Concluíram que o significado de satisfação sexual difere conforme a abordagem utilizada pelos diferentes questionários, possivelmente por diferenças contextuais, com as questões de satisfação muito próximas a outras questões do mesmo questionário. Muitas vezes, sequer uma diferenciação entre a satisfação com a vida sexual, a satisfação com o relacionamento em geral ou satisfação com alguma atividade sexual específica é clara.

Por fim, assim como os achados de Fugl-Meyer et al. (2009), o presente estudo também chama a atenção para que se escolha um instrumento capaz de investigar a satisfação a partir dos variados aspectos envolvidos na sexualidade, ponderando e definindo o que se entende por satisfação, incluindo o contexto (por exemplo, geográficos e as circunstâncias) em que o termo é utilizado. Para aqueles que buscam modelos mais completos da satisfação sexual os trabalhos de Byers e seus colegas (Byers et al., 1998; Byers & Demmons, 1999; Byers & Mcneil, 2006; Lawrance & Byers, 1992, 1995), Meston e Trapnell (2005) e Parish (2007) oferecem alternativas teóricas que contemplam, tanto componentes afetivos e emocionais da satisfação sexual como aspectos ligados ao prazer físico.

Considerando que a sexualidade é multivariada, talvez uma compreensão mais integrada e significativa da sexualidade seja necessária. Propõe-se, a partir dos dados, a elaboração de um instrumento de satisfação sexual, levando em conta suas diferentes

dimensões, valorizando aspectos emocionais, físicos e sociais. Há a necessidade de outros estudos, averiguando a situação dos instrumentos de satisfação sexual no Brasil.

Referências

- Althof, S. E., Leiblum, S. R., Chevret-Measson, M., Hartmann, U., Levine, S. B., McCabe, M., Plaut, M., Rodrigues, O., & Wylie, K. (2005). Psychological and interpersonal dimensions of sexual function and dysfunction. *Journal of Sexual Medicine, 2*(6), 793-800.
- Arrindell, W. A., Boelens, W., & Lambert, H. (1983). On the psychometric properties of the Maudsley Marital Questionnaire (MMQ): Evaluation of self-ratings in distressed and “normal” volunteer couples based on the Dutch version. *Personality and Individual Differences, 4*, 293–306.
- Arrindell, W. A., Emmelkamp, P. M. G., & Bast, S. (1983). The Maudsley Marital Questionnaire (MMQ) - A Further Step Towards Its Validation. *Personality and Individual Differences, 4*(5), 457-464.
- Bancroft, J. (2002). The medicalization of female sexual dysfunction: The need for caution. *Archives of Sexual Behavior, 31*(5), 451-455.
- Bancroft, J., Loftus, J., & Long, J. S. (2003). Distress about sex: A national survey of women in heterosexual relationships. *Archives of Sexual Behavior, 32*(3), 193-208.
- Barrientos, J. E., & Paez, D. (2006). Psychosocial variables of sexual satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy, 32*(5), 351-368.
- Belanger, C., Laughrea, K., & Lafontaine, M. (2001). The impact of anger on sexual satisfaction in marriage. *The Canadian Journal of Human Sexuality, 10*: 91-9.
- Berlim, M., Mattevi, B., Pavanello, D., Caldieraro, M., & Fleck, M. (2003). Suicidal ideation and quality of life among adult Brazilian outpatients with depressive disorders. *Journal of Nervous and Mental Disease, 191*, 193–197.
- Boul, L., Hallam-Jones, R., & Wylie, K. R. (2009). Sexual Pleasure and Motivation. *Journal of Sex & Marital Therapy, 35*(1), 25-39.
- Bridges, S. K., & Horne, S. G. (2007). Sexual satisfaction and desire discrepancy in same sex women's relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy, 33*(1), 41-53.
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships, 15*(1), 141-154.

- Byers, E. S. (2001). Evidence for the importance of relationship satisfaction for women's sexual functioning. *Women & Therapy, 24*(1-2), 23-26.
- Byers, E. S. (2004). Sexual satisfaction of Canadian heterosexual couples. *Sexuality and Disability, 22*(1), 192.
- Byers, E. S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *Journal of Sex Research, 42*(2), 113-118.
- Byers, E. S., & Demmons, S. (1999). Sexual satisfaction and sexual self-disclosure within dating relationships. *Journal of Sex Research, 36*(2), 180-189.
- Byers, E. S., Demmons, S., & Lawrance, K. (1998). Sexual satisfaction within dating relationships: A test of the interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships, 15*(2), 257-267.
- Byers, E. S., & MacNeil, S. (2006). Further validation of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy, 32*(1), 53-69.
- Cabral, A., & Nick, E. (1996). *Dicionário Técnico de Psicologia*, 9a. ed., São Paulo: Cultrix.
- Christopher, F. S., & Sprecher, S. (2000). Sexuality in marriage, dating, and other relationships: A decade review. *Journal of Marriage and the Family, 62*(4), 999-1017.
- Clark, M. S., & Mills, J. (1979). Interpersonal-Attraction in Exchange and Communal Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 37*(1), 12-24.
- Clayton, A. H. (2007). Epidemiology and Neurobiology of female sexual dysfunction. *Journal of Sexual Medicine, 4*, 260-268.
- Cupach, W. R., & Comstock, J. (1990). Satisfaction With Sexual Communication In Marriage - Links To Sexual Satisfaction And Dyadic Adjustment. *Journal of Social and Personal Relationships, 7*(2), 179-186.
- Dahn, J. R., Penedo, F. J., Gonzalez, J. S., Esquiabro, M., Antoni, M. H., Roos, B. A., & Schneiderman, N. (2004). Sexual functioning and quality of life after prostate cancer treatment: Considering sexual desire. *Urology, 63*(2), 273.
- Darling, C. A., Davidson, J. K., & Cox, R. P. (1991). Female Sexual-Response and the Timing of Partner Orgasm. *Journal of Sex & Marital Therapy, 17*(1), 3-21.
- Davies, S., Katz, J., & Jackson, J. L. (1999). Sexual desire discrepancies: Effects on sexual and relationship satisfaction in heterosexual dating couples. *Archives of Sexual Behavior, 28*(6), 553-567.

- Davis, D., Shaver, P. R., Widaman, K. F., Vernon, M. L., Follette, W. C., & Beitz, K. (2006). "I can't get no satisfaction": Insecure attachment, inhibited sexual communication, and sexual dissatisfaction. *Personal Relationships, 13*(4), 465-483.
- Derogatis, L. R., & Melisaratos, N. (1979). DSFI - Multidimensional Measure of Sexual Functioning. *Journal of Sex & Marital Therapy, 5*(3), 244-281.
- Dundon, C. M. & Rellini, A. (2010). More than Sexual Function: Predictors of Sexual Satisfaction in a Sample of Women Age 40–70. *Journal of Sexual Medicine, 7*, 896–904.
- Edwards, J. N., & Booth, A. (1994). Sexuality, marriage, and well-being: The middle years. In A. S. Rossi (Eds.). *Sexuality across the life course* (pp. 233–259). Chicago, IL: The University of Chicago Press.
- Everaerd, W., Laan E. T., Both, S., & Velde, J. van der (2000a). Female sexuality. In L. T.Szuchman & F. Muscarella (Eds.). *Psychological perspectives on human sexuality* (pp. 101–146). New York: John Wiley & Sons
- Everaerd, W., Laan, E., & Spiering, M. (2000b) Male Sexuality. In: L. Szuchman ,& F. Muscarella (Eds.), *Psychological Perspectives on Human Sexuality* (pp.60-100). New York: Wiley.
- Fegg, M. J., Gerl, A., Vollmer, T. C., Gruber, U., Jost, C., Meiler, S., & Hiddemann, W. (2003). Subjective quality of life and sexual functioning after germ-cell tumour therapy. *British Journal of Cancer, 89*(12), 2202-2206.
- Feldman, H. A., Goldstein, I., Hatzichristou, D. G., Krane, R. J., & McKinlay, J. B. (1994). Impotence And Its Medical And Psychosocial Correlates - Results Of The Massachusetts Male Aging Study. *Journal of Urology, 151*(1), 54-61.
- Ferenidou, F., Kapoteli, V., Moisisdis, K., Koutsogiannis, I., Giakoumelos, A., & Hatzichristou, D. (2008). Presence of a sexual problem may not affect women's satisfaction from their sexual function. *Journal of Sexual Medicine, 5*(3), 631-639.
- Frohlich, P., & Meston, C. (2002). Sexual functioning and self-reported depressive symptoms among college women. *Journal of Sex Research, 39*(4), 321-325.
- Fugl-Meyer, K. S., Oberg, K., Lundberg, P. O., Lewin, B., & Fugl-Meyer, A. (2006). On orgasm, sexual techniques, and erotic perceptions in 18-to 74-year-old Swedish women. *Journal of Sexual Medicine, 3*(1), 56-68.

- Fugl-Meyer, A., Althof, S., Buvat, J., Paget, M. A., Sotomayor, M., & Stothard, D. (2009). Aspects of Sexual Satisfaction in Men with Erectile Dysfunction: A Factor Analytic and Logistic Regression Approach. *Journal of Sexual Medicine*, 6(1), 232-242.
- Gelfand, M. M. (2000). Sexuality among older women. *Journal of Womens Health & Gender-Based Medicine*, 9, S15-S20.
- Greeley, A. M. (1991). *Faithful attraction: Discovering intimacy, love and fidelity in American marriage*. New York: Doherty.
- Guo, B. R., & Huang, J. (2005). Marital and sexual satisfaction in Chinese families: Exploring the moderating effects. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 31(1), 21-29.
- HaavioMannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 399-419.
- Habke, A. M., Hewitt, P. L., & Flett, G. L. (1999). Perfectionism and sexual satisfaction in intimate relationships. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 21(4), 307-322.
- Haning, R. V., Oxeeffe, S. L., Randall, E. J., Kommor, M. J., Baker, E., & Wilson, R. (2007). Intimacy, orgasm likelihood, and conflict predict sexual satisfaction in heterosexual male and female respondents. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33(2), 93-113.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (2004). Sex and romantic love: Connects and disconnects. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 159–182). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Hite, S. (1981). *The Hite report on male sexuality*. New York: Ballantine.
- Holmberg, D., Blair, K. L., & Phillips, M. (2010). Women's Sexual Satisfaction as a Predictor of Well-Being in Same-Sex versus Mixed-Sex Relationships. *Journal of Sex Research*, 47(1), 1-11.
- Hudson, W. W., Harrison, D. F., & Crosscup, P. C. (1981). A Short-Form Scale to Measure Sexual Discord in Dyadic Relationships. *Journal of Sex Research*, 17(2), 157-174.
- Hurlbert, D. F. (1991). The Role of Assertiveness in Female Sexuality - A Comparative-Study between Sexually Assertive and Sexually Nonassertive Women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 17(3), 183-190.

- Hurlbert, D. F., Apt, C., & Rabehl, S. M. (1993). Key variables to understanding female sexual satisfaction - an examination of women in nondistressed marriages. *Journal of Sex & Marital Therapy, 19*(2), 154-165.
- Kaplan, H. S. (1974). *The new sex therapy*. New York: Brunner/Mazel.
- Kiefer A. K., Sanchez D. T. (2007). Scripting sexual passivity: A gender role perspective. *Personal Relationships, 14* (2), 269-290.
- Kirana, P. S., Nakopoulou, E., Papahantou, S., Moysidis, K., Hatzinnouratidis, K., Salpigidis, G., & Hatzichristou, D. (2008). Presence of a sexual problem may not affect sexual satisfaction: Results from the hospitalised and outpatients profile and expectation study (HOPES). *European Urology Supplements, 7*(3), 589
- Kisler, T. S., & Christopher, F. S. (2008). Sexual exchanges and relationship satisfaction: Testing the role of sexual satisfaction as a mediator and gender as a moderator. *Journal of Social and Personal Relationships, 25*(4), 587-602.
- Lau, J. T. F., Cheng, Y., Wang, Q., & Yang, X. (2006). Prevalence and correlates of sexual dysfunction among young adult married women in rural China: a population-based study. *International Journal Of Impotence Research, 18* (1), 89-97.
- Lau, J. T. F., Yang, X., Wang, Q., Cheng, Y., Tsui, H. Y., Mui, L. W. H., & Kim, J. H. (2006). Gender power and marital relationship as predictors of sexual dysfunction and sexual satisfaction among young married couples in rural China: A population-based study. *Urology, 67* (3), 579-585.
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press.
- Laumann, E. O., Paik, A., Glasser, D. B., Kang, J. H., Wang, T. F., Levinson, B., Moreira, E., Nicolosi, A., & Gingell, C. (2006). A cross-national study of subjective sexual well-being among older women and men: Findings from the global study of sexual attitudes and behaviors. *Archives of Sexual Behavior, 35*(2), 145-161.
- Laumann, E.O., Paik, A., Glasser, D.B., Kang, J.H., Wang, T., King, R., Levinson, B., Lau, J. T. F., Yang, X. L., Wang, Q. S., Cheng, Y. M., Tsui, H. Y., Mui, L. W. H., & Kim, J. H. (2006). Gender power and marital relationship as predictors of sexual dysfunction and sexual satisfaction among young married couples in rural China: A population-based study. *Urology, 67*(3), 579-585.

- Lawrance, K., & Byers, E. S. (1992). Development of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction in Long-term Relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality, 1*, 123-128.
- Lawrance, K. A., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships, 2*(4), 267-285.
- Levine, S. B. (2007). Commentary on David Rowland's "Will medical solutions to sexual problems make sexological care and science obsolete?" *Journal of Sex & Marital Therapy, 33*(5), 449-453.
- Lief, H. I. (2001). Satisfaction and distress: Disjunctions in the components of sexual response. *Journal of Sex & Marital Therapy, 27*(2), 169-170.
- Liu, C. (2003). Does quality of marital sex decline with duration? *Archives of Sexual Behavior, 32*(1), 55-60.
- Mah, K., & Binik, Y. A. (2005). Are orgasms in the mind or the body? Psychosocial versus physiological correlates of orgasmic pleasure and satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy, 31*(3), 187-200.
- Masters, W. H., & Johnson, V. E. (1970). *Human sexual inadequacy*. Boston, MA: Little, Brown and Company.
- MacNeil, S., & Byers, E. S. (2005). Dyadic assessment of sexual self-disclosure and sexual satisfaction in heterosexual dating couples. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(2), 169-181.
- McCabe, M. P. (1998). Sexual Function scale. In: Davis, C. M., Yarber, W. L., Bauserman R. B., Schreer G., & Davis S. L. (Eds.). *Handbook of sexuality and related measures* (pp. 275-276). Thousand Oaks, C.A.: Sage Publications.
- McNulty, J. K., & Fisher, T. D. (2008). Gender differences in response to sexual expectancies and changes in sexual frequency: A short-term longitudinal study of sexual satisfaction in newly married couples. *Archives of Sexual Behavior, 37*(2), 229-240.
- Meston, C., & Trapnell, P. (2005). Development and validation of a five-factor sexual satisfaction and distress scale for women: The Sexual Satisfaction Scale for Women (SSS-W). *Journal of Sexual Medicine, 2*(1), 66-81.

- Nicolosi, A., Moreira, E. D., Villa, M., & Glasser, D. B. (2004). A population study of the association between sexual function, sexual satisfaction and depressive symptoms in men. *Journal of Affective Disorders*, 82(2), 235-243.
- Onder, G., Penninx, B., Guralnik, J. M., Jones, H., Fried, L. P., Pahor, M., & Williamson, J. D. (2003). Sexual satisfaction and risk of disability in older women. *Journal of Clinical Psychiatry*, 64(10), 1177-1182.
- Pangman, V. C., & Seguire, M. (2000). Sexuality and the chronically ill older adult: A social justice issue. *Sexuality and Disability*, 18(1), 49-59.
- Parish, W. L., Luo, Y., Stolzenberg, R., Laumann, E. O., Farrer, G., & Pan, S. M. (2007). Sexual practices and sexual satisfaction: A population based study of Chinese urban adults. *Archives of Sexual Behavior*, 36(1), 5-20.
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2009). Adolescents' Exposure to Sexually Explicit Internet Material and Sexual Satisfaction: A Longitudinal Study. *Human Communication Research*, 35(2), 171-194.
- Philippsohn, S., & Hartmann, U. (2009). Determinants of Sexual Satisfaction in a Sample of German Women. *Journal of Sexual Medicine*, 6(4), 1001-1010.
- Pujols Y., Meston C.M., & Seal B.N. (2010). The association between sexual satisfaction and body image in women. *Journal of Sexual Medicine*, 7, 905–916.
- Rahmani, A., Khoei, E. M., & Gholi, L. A. (2009). Sexual Satisfaction and its Relation to Marital Happiness in Iranians. *Iranian Journal of Public Health*, 38(4), 77-82.
- Renaud, C., Byers, E. S., & Pan, S. M. (1997). Sexual and relationship satisfaction in mainland China. *Journal of Sex Research*, 34(4), 399-410.
- Reynolds, C. F., Frank, E., Thase, M. E., Houck, P. R., Jennings, R., Howell, J. R., Lilienfeld, S. O., & Kupfer, D. J. (1988). Assessment of sexual function in depressed, impotent, and healthy-men-factor-analysis of a brief sexual function questionnaire for men. *Psychiatry Research*, 24(3), 231-250.
- Richter, S. (2004). Female sexual satisfaction may coexist with impaired sexual desire and arousal, pain and orgasmic disorders. *Sexuality and Disability*, 22(4), 394.
- Rosen, R C., Brown, C., Heiman, J., Leiblum, S., Meston, C., Shabsigh, R., Ferguson, D., & D'Agostino, R. Jr. (2000). The Female Sexual Function Index (FSFI): A multidimensional self-report instrument for the assessment of female sexual function. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26(2), 191-208.

- Rosen, R. C., Riley, A., Wagner, G., Osterloh, I. H., Kirkpatrick, J., & Mishra, A. (1997). The international index of erectile function (IIEF): A multidimensional scale for assessment of erectile dysfunction. *Urology*, *49*(6), 822-830.
- Rowland, D., Perelman, M., Althof, S., Barada, J., McCullough, A., Bull, S., Jamieson, C., & Ho, K. (2004). Self-reported premature ejaculation and aspects of sexual functioning and satisfaction. *Journal of Sexual Medicine*, *1*(2), 225-232.
- Rowland, D. L., Tai, W. L., Brummett, K., & Slob, A. K. (2004). Predicting responsiveness to the treatment of rapid ejaculation with 25mg clomipramine as needed. *International Journal of Impotence Research*, *16*, 354-357.
- Snyder, D. K. (1979). Multidimensional assessment of marital satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, *41*(4), 813-823.
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of Sex Research*, *39*(3), 190-196.
- Sprecher, S., & Cate, R. M. (2004). Sexual satisfaction and sexual expression as predictors of relationship satisfaction and stability. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *Handbook of sexuality in close relationships* (pp. 235-256). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Sprecher, S., Christopher, F. S., & Cate, R. (2006). Sexuality in close relationships. In A. Vangelisti, & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 463-482). New York: Cambridge University Press.
- Tiefer, L. (2001). A new view of women's sexual problems: Why new? Why now? *Journal of Sex Research*, *38*(2), 89-96.
- Tower, R. B., & Krasner, M. (2006). Marital closeness, autonomy, mastery, and depressive symptoms in a U. S. Internet sample. *Personal Relationships*, *13*(4), 429-449.
- Trudel, G. (2002). Sexuality and marital life: Results of a survey. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *28*(3), 229-249.
- Van Lankveld, J., & Ter Kuile, M. M. (1999). The Golombok Rust Inventory of Sexual Satisfaction (GRISS): predictive validity and construct validity in a Dutch population. *Personality and Individual Differences*, *26*(6), 1005-1023.
- Van Minnen, A., & Kampman, M. (2000). The interaction between anxiety and sexual functioning: A controlled study of sexual functioning in women with anxiety disorders. *Sexual and Relationship Therapy*, *15*, 47-57.

- Waite, L. J., & Joyner, K. (2001). Emotional satisfaction and physical pleasure in sexual unions: Time horizon, sexual behavior, and sexual exclusivity. *Journal of Marriage and the Family*, 63(1), 247-264.
- Walters, A. S., & Williamson, G. M. (1998). Sexual satisfaction predicts quality of life: A study of adult amputees. *Sexuality and Disability*, 16(2), 103-115.
- World Health Organization. *Defining sexual health. Report of a technical consultation on sexual health*, 28–31 January 2002, Geneva.
- Young, M., Denny, G., Young, T., & Luquis, R. (2000). Sexual satisfaction among married women age 50 and older. *Psychological Reports*, 86(3), 1107-1122.
- Zhou, M. (1993). A survey of sexual states of married, healthy reproductive age women. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 6(2), 15-28.

SEÇÃO EMPÍRICA I

Questionário de Intimidade Marital – Adaptação Brasileira

Marital Intimacy Questionnaire – A Brazilian adaptation

Lina Wainberg, Psicóloga, Especialista em Terapia de Casal e Família, Mestre em Sexologia e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *e-mail*: linawainberg@hotmail.com

Cláudio Simon Hutz, Professor Titular da Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenador do Laboratório de Mensuração do Departamento de Psicologia de Desenvolvimento e Personalidade.

(Artigo a ser submetido para à Revista Family Relations)

Resumo

O papel da intimidade marital no bem-estar e saúde psicológica já é conhecido. No entanto, não existe na língua portuguesa um instrumento de medida capaz de avaliar esse fenômeno. Com essa preocupação, o presente artigo traz a adaptação e validação do *Marital Intimacy Questionnaire* (Van den Broucke, Vendereycken e Vertommen, 1995a,b,c) para a população brasileira. A amostra constituída por 799 sujeitos de 9 estados brasileiros, permitiu uma adaptação válida e consistente apesar das diferenças estruturais e conceituais distintas da versão original. O presente estudo verificou uma unifatorialidade do construto e uma redução no número de itens. Além disso, o estudo traz considerações importantes quanto a intimidade marital em relação a *status* conjugal, tempo de relacionamento, idade, escolaridade, presença de filhos e diferenças culturais.

Palavras-chaves: intimidade, proximidade afetiva, instrumento e avaliação.

Abstract: The role of marital intimacy in the well being and psychological health is already known. However, there are no measures in Portuguese language capable of assessing this phenomenon. This article presents the adaptation and validation of Marital Intimacy Questionnaire (Van den Broucke, Vertommen and Vendereycken, 1995a, b, c) for the Brazilian population. The sample consisted of 799 subjects of nine of the Brazilian states, has allowed an adaptation valid and consistent, although structural and conceptual differences from the original version. The present study has verified a unique factor and a reduction in the number of items. In addition, the study provides important considerations on the correlations of marital intimacy to marital status, length of relationship, age, education, presence of children and cultural differences.

Key Words: intimacy, emotional closeness, measure and evaluation.

O papel da intimidade no bem-estar e saúde psicológica têm recebido uma importância unânime entre os pesquisadores, mesmo com o desacordo existente na literatura sobre o que seja exatamente a intimidade e como se deve mensurá-la (Ben-Ari e Lavee, 2007; Lippert & Prager, 2001). Psicólogos, estudantes da comunicação, sociólogos e psiquiatras têm frequentemente definido a intimidade como propriedade das interações, algumas vezes como propriedade individual e outras como propriedade das relações (Prager, 1995).

Autores como Van den Broucke, Vendereycken e Vertommen (1995a) formularam seu modelo teórico de intimidade através de seis dimensões estruturais, três no nível diádico (afeto, cognitivo e interdependência instrumental), duas no nível individual (autenticidade e abertura), e uma no nível grupo social ou de rede (exclusividade). A grande vantagem desse modelo é que integra as visões anteriores sobre intimidade marital, abrangendo perspectivas, tanto teóricas como empíricas. Diferentemente de muitas dessas definições, essa proposta clarifica o problema, na medida em que referencia os níveis dos sistemas envolvidos. E ainda acrescenta um terceiro, o nível social ou de rede, que fora negligenciado com frequência.

Para eles, o envolvimento da intimidade nos relacionamentos depende desses três fatores. No primeiro, o nível individual, ambos os parceiros devem ter alcançado uma identidade segura. No segundo, o nível diádico, a intimidade é promovida pela autorrevelação mútua dos parceiros. E por último, no nível de grupo social, os parceiros separaram-se emocionalmente de suas famílias de origem.

Em outros termos, Becthen (2003) define intimidade como um processo em andamento, envolvendo dois parceiros que alcançaram um grau de diferenciação saudável de suas famílias de origem (autonomia emocional), pela qual, conseqüentemente, contribui para a habilidade de estar em contato com seus próprios sentimentos e expressá-los de forma livre, clara e racional sem medo e sem conseqüências reais geradas pelo parceiro. Parceiros íntimos são próximos emocional, física e sexualmente e, portanto, intimidade não é indicada pela mera existência ou sobrevivência de uma relação intacta. Ela representa muito mais. Segundo Cordova, Gee e Warren (2005), faz parte de uma relação magoar emocionalmente, colocando limites, deixando claro o que não se gosta, etc. Assim, esses “eventos supressores” são o desafio da intimidade genuína. O conforto com a vulnerabilidade, que essas situações geram, representam o que autores chamam de intimidade segura, que constituiriam a dimensão afetiva da intimidade. Segundo os autores

a relação íntima é caracterizada pelo acúmulo, tanto de eventos íntimos como de eventos supressores. Em outros termos, Ben-Ari e Lavee (2007) consideram que a proximidade requer duas forças opostas: autonomia e conexão. Os autores citam Baxter (1988) que argumenta que sem a conexão, as relações não possuem identidade e não podem existir, mas sem a autonomia, os indivíduos não possuem identidade e conseqüentemente não podem existir numa relação. É importante ressaltar, que a necessidade por autonomia e conexão muda constantemente e que o processo de manutenção dessas necessidades é permanente.

Há que se ressaltar agora que, na verdade, muitas pesquisas estudaram a intimidade fora do contexto marital, enfocando adolescentes e estudantes universitários. É importante considerar, no entanto, que essas relações interpessoais diferem consideravelmente dos relacionamentos maritais nos quais há outro tipo de comprometimento (Laurenceau & Barrett, 2005). Para estes, instrumentos destinados a avaliar a intimidade nas relações em geral são utilizados (por exemplo, *Miller Social Intimacy Scale* (MSIS) – Miller & Lefcourt, 1982; *Fear-of-Intimacy Scale* - Descutner & Thelen, 1991).

Dentre os estudos realizados, especificamente sobre a intimidade dentro das relações conjugais, encontram-se aqueles desenvolvidos por Van den Broucke, Vandereycken & Vertommen (1995a, b, c) em que utilizaram o *Marital Intimacy Questionnaire* (MIQ). A vantagem desse instrumento está na tentativa de integrar os modelos existentes. Busca, por exemplo, aproveitar as qualidades do *Personal Assessment of Intimacy in Relationships* – PAIR (Schaefer & Olson, 1981) quanto ao foco na comunicação e a delimitação das áreas de exercício da intimidade, mas busca prover os componentes afetivos, individuais e situacionais que fora negligenciado pelo mesmo. Segue a tendência do *Waring Intimacy Questionnaire* – WIQ (Patton & Waring, 1985; Waring, 1984; Waring & Chelune, 1983; Waring et al 1980; Waring, McElrath, Lefcoe & Weisz, 1981) em agregar dimensões, mas especifica os níveis de sistema (no caso, individual, díade ou de rede social) que essas compõem. Diferentemente dos instrumentos citados acima, o MIQ é um instrumento que ainda requer um aprofundamento das suas qualidades psicométricas. Considerando que para a população brasileira nenhuma pesquisa desenvolveu esse tipo de estudo, parece prudente partir de um instrumento que incorporou em sua construção as qualidades dos instrumentos anteriores e foi além buscando suprir as falhas.

Com o intuito de dar conta da demanda por um instrumento de medida capaz de avaliar a intimidade marital de casais em uniões estáveis, o presente artigo traz a adaptação e validação desenvolvida do *Marital Intimacy Questionnaire* (Van den Broucke, Vendereycken e Vertommen, 1995a,b,c) para a população brasileira.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi constituída de 799 participantes entre 25 e 65 anos ($m=41,4$; $dp=12$) em relação heterossexual estável (mais de seis meses de coabitação) ($m=13$ anos; $dp=9,7$ anos). A amostra foi composta por sujeitos de 4 das 5 regiões brasileiras, distribuídos da seguinte forma:

Tabela 1- Distribuição da amostra

Sexo	Mulheres	54,1%
	Homens	45,9%
Tipo de união	Casados	76,8%
	Coabitação	23,2%
Região do Brasil	Sul	74%
	Sudeste	13,2%
	Centro Oeste	4,9%
	Nordeste	7,9%
Escolaridade	Primeiro Grau incompleto ou completo	6%
	Segundo Grau incompleto ou completo	17%
	Terceiro Grau Incompleto ou completo	60%
	Pós-Graduação	17%
Religião	Católica	64,2%
	Evangélica/Protestante	10,1%
	Espírita	8%
	Outras	6,1%
	Sem religião	11,6%
Praticante	Sim	40,6%
	Não	59,4%
Filhos morando com o casal	Sim	49,7%
	Não	50,3%

Não houveram critérios quanto à escolaridade, religião, nem quanto ao número de filhos na seleção da amostra. Essas variáveis foram utilizadas apenas como dados de comparação.

Instrumento

O *Marital Intimacy Questionnaire* (MIQ) desenvolvido e validado por Van den

Broucke, Vandereycken & Vertommen (1995a), é uma escala composta de 56 itens distribuídos dentre os fatores: problemas de intimidade, autenticidade, abertura, afeto e comprometimento.

A tradução do MIQ foi feita por três tradutores fluentes na língua inglesa e portuguesa que não se comunicaram entre eles. Uma versão integrando as versões produzidas por estes foi construída. A seguir, uma tradução reversa foi realizada e enviada para o autor da escala para sua avaliação crítica quanto ao conteúdo dos itens. Devido às características da língua portuguesa, uma versão masculina e uma versão feminina foram desenvolvidas, a fim de facilitar a leitura e preenchimento da escala. A versão em português foi aplicada a um grupo de aproximadamente de 20 pessoas de ambos os sexos para verificar a compreensão das instruções e dos itens. Foi mantido o formato e os itens do instrumento original, sem o acréscimo de novos itens, para que assim, fosse possível uma comparação com os dados encontrados pelos autores do instrumento. Além disso, manteve-se o formato de uma escala Likert de cinco pontos (absolutamente falso, moderadamente falso, indeciso e moderadamente verdadeiro, totalmente verdadeiro) como forma de resposta.

Procedimentos

Foram feitos contatos com colaboradores de nove estados brasileiros, sendo eles estudantes ou profissionais da área da saúde e educação. Os colaboradores locais foram instruídos pessoalmente pela pesquisadora. Nos outros estados, os colaboradores receberam uma carta com os mesmos cuidados gerais da aplicação dos questionários. Todas as dúvidas quanto a aplicação foram respondidas via *e-mail* antes do início da mesma. A coleta foi aplicada, tanto de forma coletiva como individualmente. Nesta, um *rapport* inicial, seguido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o preenchimento de dados de identificação antecederam a aplicação do MIQ propriamente dito. Os sujeitos foram solicitados a responder de uma só vez, seguindo a ordem proposta. A aplicação teve duração de 15 a 30 minutos. Na entrega, os entrevistadores verificaram o lacre adequado do envelope com a presença do entrevistado.

Considerações éticas

Para a coleta de dados, os participantes responderam aos instrumentos em aplicações realizadas individualmente ou coletivamente. Os indivíduos receberam os questionários com um envelope com possibilidade de lacre. Um *rapport* inicial com uma breve explicação dos objetivos da pesquisa foi passado, juntamente com a ressalva da

voluntariedade da participação nesta pesquisa. Todos foram informados que o questionário só seria aberto após a finalização da coleta como um todo, preservando o anonimato. Foi então solicitado aos participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi construído a partir das orientações explicitadas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/1996) e pelo Conselho Federal de Psicologia (Resolução 016/2000) acerca da ética na pesquisa. As aplicações foram realizadas pela pesquisadora e por estudantes e colaboradores treinados. Durante a coleta e análise de dados foram tomadas as medidas necessárias para garantir o sigilo e a confidencialidade dos mesmos. Os participantes foram informados desde o início que não receberiam os resultados dos instrumentos. No entanto, o *e-mail* da pesquisadora foi disponibilizado para dúvidas. Assim, um cuidado ao participante pode ser oferecido e, no caso de necessidade, o encaminhamento para atendimento especializado poderia ser sugerido.

Resultados

Para a adaptação do MIQ, foi feita uma análise fatorial exploratória (rotação Varimax) para verificar que fatores seriam encontrados numa amostra brasileira e, assim, determinar a validade de construto do instrumento. Verificou-se a solução de um fator como a melhor. Apesar do segundo fator ter *Eigenvalue* acima de 1,0, apenas dez itens apresentaram carga fatorial superior a 0,40. Soluções alternativas (com diferentes números de fatores) foram testadas. Contudo, elas apresentaram baixas consistências internas e itens carregando em mais de um fator, indicando a solução unifatorial como a melhor.

Na Tabela 1 pode ser visualizado as cargas fatoriais de cada item e demais propriedades psicométricas. Os itens 9, 15, 28, 30, 34, 44, 46 e 47 obtiveram cargas fatoriais abaixo de 0,3 indicando que deveriam ser retirados. Além destes, as correlações entre itens indicaram uma redundância semântica entre alguns itens. As correlações acima de 0,6 foram analisadas e os itens 7, 19 e 36 foram excluídos, permanecendo 45 itens na versão final.

Tabela 2- Propriedades psicométricas do MIQ

<i>Itens</i>	<i>Carga fatorial</i>
1. Minha (meu) companheira (o) e eu gostamos de estar juntos.	0,72
2. Minha (meu) companheira(o) e eu concordamos sobre a maioria dos assuntos.	0,66
3. Eu posso ser eu mesmo(a), na relação com minha(meu) companheira(o).	0,64
4. Minha (meu) companheira(o) e eu permanecemos fiéis um ao	0,53

outro.

5. Minha(meu) companheira(o) e eu damos carinho um ao outro.	0,72
6. Minha(meu) companheira(o) e eu não precisamos de muitas palavras para compreender um ao outro.	0,60
8. Se temos um problema, pedimos conselho um ao outro.	0,62
10. Minha(meu) companheira(o) tem todas as qualidades que eu espero que uma boa(bom) esposa(marido) tenha.	0,65
11. Minha(meu) companheira(o) e eu poderíamos facilmente viver um sem o outro.	-0,45
12. Minha(meu) companheira(o) e eu, frequentemente, temos opiniões diferentes.	-0,41
13. Eu posso confiar as coisas mais íntimas a(ao) minha(meu) companheira(o).	0,61
14. Eu penso que outras pessoas têm mais a oferecer a(aos) suas(seus) companheiras(os) do que eu tenho a oferecer a(ao) minha(meu).	-0,49
16. Minha(meu) companheira(o) e eu compartilhamos nossos sentimentos.	0,75
17. Minha(meu) companheira(o) e eu não estamos em sintonia.	-0,51
18. Minha(meu) companheira(o) e eu nem sempre sabemos o que esperar um do outro.	-0,49
20. Minha(meu) companheira(o) e eu aceitamos um ao outro, tal como somos.	0,71
21. Minha(o) companheira(o) e eu podemos facilmente tomar decisões conjuntas.	0,73
22. Eu prefiro manter coisas muito pessoais escondidas de minha(meu) companheira(o).	-0,53
23. Eu penso que tenho pouco a oferecer a(ao) minha(meu) companheira(o).	-0,42
24. A relação entre minha(meu) companheira(o) e eu é mais importante do que nossas relações com outras pessoas.	0,47
25. Não creio que existam outros casais mais felizes do que nós.	0,47
26. Minha(meu) companheira(o) e eu tentamos agradar um ao outro.	0,66
27. Minha(meu) companheira(o) e eu podemos sentir o que outro pensa ou sente, mesmo quando não dizemos.	0,61
29. Se tiver uma opinião diferente daquela de minha(meu) companheira(o), eu a digo claramente.	0,40
31. Minha(meu) companheira(o) e eu percebemos nossa relação da mesma forma.	0,67
32. Minha(meu) companheira(o) e eu nos complementamos.	0,78
33. Minha(meu) companheira(o) e eu falamos um com o outro sobre sexo.	0,59
35. Minha(meu) companheira(o) e eu nos compreendemos.	0,83
37. Quando revelo coisas pessoais a(ao) minha(meu) companheira(o), geralmente depois me arrependo.	-0,55
38. Considero-me atraente, para minha(meu) companheira(o).	0,51
39. Há uma grande distância emocional entre minha(meu) companheira(o) e eu.	-0,60
40. Às vezes apenas finjo que estou ouvindo a(ao) minha(meu) companheira(o).	-0,37

41. Eu penso que minha(meu) companheira(o) aceita-me como sou.	0,58
42. Quando coisas importantes estão em jogo, nós temos pouco em comum.	-0,58
43. Mostro meus sentimentos verdadeiros a(ao) minha(meu) companheira(o).	0,62
45. Minha(meu) companheira(o) e eu consideramos importante demonstrar nosso amor um ao outro.	0,70
48. Minha(meu) companheira(o) e eu discutimos coisas pessoais.	0,55
49. Frequentemente perco minha identidade, na relação com minha(meu) companheira(o).	-0,56
50. Eu e minha(meu) companheira(o) nos compreendemos por intuição.	0,47
51. Nós geralmente precisamos de bastante tempo para entrar em harmonia/sintonia para realizarmos certas tarefas.	-0,53
52. Em nossa relação, tudo pode ser discutido abertamente.	0,67
53. O relacionamento com minha(meu) companheira(o) inibe meu crescimento pessoal.	-0,60
54. Confiança é um aspecto importante da relação entre minha(meu) companheira(o) e eu.	0,58
55. Minha(meu) companheira(o) e eu sentimos falta um do outro, quando estamos separados.	0,71
56. Minha(meu) companheira(o) e eu levamos em conta um ao outro, quando fazemos planos.	0,72

Eigenvalue=16,27

% de variância explicada=36,2

Média=181,09

dp=28,2

Alfa de Cronbach=0,73

Além disso, a consistência interna da escala total, foi investigada através do Alpha de Cronbach, revelando boa consistência. Outras características psicométricas do instrumento foram também avaliadas.

Partindo dessa versão, foi investigada se havia diferença entre os sexos, religião, se eram casados ou se apenas coabitavam, se a presença de filhos interferiria na intimidade, grau de escolaridade e regiões geopolíticas brasileiras nos graus de intimidade conjugal.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos [$t(790)=-0,30$; $p>0,05$]. Tampouco foi encontrada diferença quanto ao grau de intimidade dentre as religiões [$F(5,770)=0,50$; $p>0,05$].

Apesar do *status* de “casado” ter se mostrado significativamente mais íntimo do que os que “coabitam”, o efeito é pequeno [$t(261) = 2,14$; $p=0,333$; $d=0,2$]. A presença de filhos morando com casal teve influência nos graus de intimidade. Aqueles casais que não tinham filhos morando juntos com o casal apresentaram médias de intimidade ($m=186,92$; $dp= 25,6$) maiores do que aqueles que tinham filhos morando juntos ($m=178,20$; $dp=29,1$)

[$t(605)=4,16$; $p<0,001$; $d=0,3$]. No entanto, a quantidade de filhos que viviam com casal não esteve correlacionado com o grau de intimidade ($r=-0,037$).

Quanto ao grau de escolaridade pôde-se observar uma diferença estatisticamente significativa [$F(6,783) = 3,34$; $p = 0,003$]. Testes *post hoc*(Tukey) revelaram diferenças entre sujeitos com pós-graduação ($M=185,81$; $dp=25,6$) e sujeitos com primeiro grau incompleto ($M=166,84$; $dp=38,4$; $p<0,04$; $d=0,7$) e de sujeitos com segundo grau completo ($M=174,56$; $dp=33,0$; $p<0,03$; $d=0,4$).

Quanto às regiões geopolíticas brasileiras, pôde-se verificar uma diferença significativa quanto ao grau de intimidade [$F(3, 776)=6,7$; $p<0,001$]. Testes *post hoc*(Tukey) revelaram diferenças da região Sul ($m=183,33$; $dp=26,5$) com região Central ($m=167,6$; $dp=30$; $p<0,004$; $d=0,6$) e com a região Nordeste ($m=171,44$; $dp=38,8$; $p<0,008$; $d=0,4$).

As correlações da intimidade marital com a idade, tempo de relacionamento e frequência sexual também foram analisadas. Quanto a idade, esta apresenta uma leve tendência negativa, tanto em relação a intimidade quanto em relação à frequência sexual, como pôde ser visto na Tabela 2. O tempo de relacionamento também demonstrou ter uma pequena correlação negativa, tanto no grau de intimidade quanto na frequência sexual. A intimidade e a frequência sexual demonstraram uma correlação positiva. Nessa análise, a correlação de Spearman's foi utilizada por utilizarem escalas ordinais.

Tabela 3: Correlação entre MIQ, idade, tempo de relacionamento e frequência sexual

Variáveis	Idade	Tempo de Relacionamento	Frequência Sexual	Intimidade
Idade	-			
Tempo de Relacionamento	0,67	-		
Frequência Sexual	-0,16	-0,21	-	
Intimidade	-0,14	-0,13	0,25	-

Todas as correlações são significativas ao nível de $p<0,01$

DISCUSSÃO

O presente artigo buscou investigar as qualidades psicométricas e a validade do MIQ para população brasileira. A análise fatorial mostrou uma solução diferente da proposta pelo autor da versão original. Enquanto que a versão belga verificou cinco fatores (problemas de intimidade, autenticidade, abertura, afeto e comprometimento), a presente amostra revelou-se a unifatorialidade do construto. Essa diferença pode ter ocorrido devido

a diferença no tamanho da amostra. A amostra utilizada na validação original era de apenas 93 casais enquanto que no presente trabalho é de 799 sujeitos. Além disso, diferenças culturais podem ter sido reveladas através da presente investigação. Talvez os brasileiros não diferenciem tão claramente os aspectos individuais dos relacionais para a sua avaliação da intimidade conjugal. A perspectiva da intimidade em que há vinculação dos aspectos individuais com os diádicos possibilita uma abordagem integrativa, até mesmo porque, as capacidades individuais só podem surgir através do engajamento íntimo com os outros (Zeedyk, 2006).

Além da diferença no número de fatores, alguns itens parecem não representar a intimidade com clareza para a população brasileira, permanecendo, assim, com 45 itens. Número considerável para uma variável de apenas um fator. Apesar das diferenças estruturais, e no número de itens, a nova versão mostrou-se consistente, indicando o MIQ como um instrumento válido para avaliação da intimidade marital na população brasileira. Recurso metodológico que poderá trazer uma importante contribuição para a pesquisa sobre os relacionamentos conjugais no Brasil.

Além das qualidades psicométricas, foram analisados como a intimidade se comporta quanto ao sexo, se eram casados ou se apenas coabitavam, se a presença de filhos interferiria na intimidade, grau de escolaridade, religião e regiões geopolíticas brasileiras.

Surpreendentemente, não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos, como era esperado (Larson, Peterson, Heath & Birch, 2000). Apesar dos resultados de pesquisas sobre as diferenças entre os sexos na intimidade ainda ser limitada e misturada (Mitchell, Castellani, Herrington et al., 2008), a maior parte do estudos encontram diferenças (Laurenceau et al., 2005; Manne et al., 2004; Hyde, 2007; Greff & Malherbe, 2001), com raras exceções (Lippert & Prager, 2001). Dentre as perspectivas quanto a questão do sexo na compreensão da intimidade, há aquela que postula que homens e mulheres compartilham da importância da intimidade, mas diferem na sua conceitualização (Radmacher & Azmitia, 2006). Provavelmente o MIQ se mostra capaz de avaliar o grau de intimidade de homens e mulheres, sem, no entanto, identificar no que diferem.

Algumas pesquisas (para revisão ver Wainberg, Pereira, Hutz & Lopes, 2010) têm demonstrado que o *status* conjugal influencia na satisfação conjugal. Já que muitos casais da atualidade têm optado em viver juntos sem oficializar a relação através do casamento

(seja através do rito religioso ou legal), investigamos o efeito que ser casado ou apenas coabitar tinha nos graus de intimidade. Ainda que o efeito seja pequeno, a diferença encontrada aponta para uma influência que a segurança na continuidade da relação, derivado da formalização da mesma, tem nos graus de intimidade. Dado que indica que as pesquisas na área devem cuidar ao considerarem essas amostras numa mesma categoria.

A presença de filhos morando com casal mostrou interferir nos graus de intimidade do casal. Aparentemente o investimento nos filhos e a consequente perda da exclusividade do parceiro, leva os casais a se sentirem menos íntimos. Quando essa perda está estabelecida, não importa quantos filhos vivam com o casal para essa influência existir. Dificuldade esta que têm levado a uma maior ocorrência de separações e divórcios em famílias no período da transição para a parentalidade, ou seja, no período que se desenrola desde o nascimento do primeiro filho até os 18 meses deste (Peck & Manocherian, 2001; Cano, Gabarra, More & Crepaldi, 2009).

Quanto à influência da formação cultural e intelectual nos graus de intimidade de homens e mulheres, apesar da religião não ter influenciado, a região do Brasil em que vivem e o seu respectivo grau de escolaridade se apresentaram como variáveis significativas. A região Sul demonstrou índices maiores de intimidade do que às regiões Central e Nordeste. Essa diferença pôde ter se dado, devido a valores mais conservadores encontrados nessas regiões. Há uma discussão, entre os pesquisadores da área, se culturas mais coletivistas, como as conservadas por essas regiões, e as individualistas apresentariam diferenças na vivência da intimidade marital. As culturas coletivistas enfatizariam a interdependência, a harmonia interpessoal, cooperação e subordinação aos objetivos grupos ante aos pessoais, enquanto que culturas mais individualistas enfatizaria a autoconfiança, competição e priorização dos objetivos pessoais ante aos objetivos dos grupos. Assim, tem sido sugerido que os casais de culturas coletivistas experienciarão menos intimidade devido suas necessidades serem satisfeitas principalmente através das relações familiares (Marshall, 2008). Outros dizem que as culturas individualistas colocam uma maior ênfase na autorrevelação para a obtenção de intimidade do que as culturas coletivistas (Adams, Anderson & Adonu, 2004). No entanto, esse resultado deve ser assumido com reserva, já que a amostra da região Sul representava 74% da amostra total.

Quanto ao grau de escolaridade, os sujeitos com pós-graduação apresentaram maiores índices de intimidade. Talvez, nesses casos, o investimento pessoal na própria carreira permita que esses indivíduos sintam-se mais satisfeitos individualmente. Assim, a

possibilidade de poder ser si mesmo no estabelecimento da intimidade (Wagner-Raphael, Seal & Ehrhardt, 2001), preservando assim sua individualidade, permite uma vivência da intimidade com o sentimento de vulnerabilidade bastante diminuído. A vivência da autonomia dentro de uma relação tem sido considerada como fundamental para uma relação com uma intimidade madura (Ben-Ari e Lavee, 2007). A dedicação e empenho despendidos para uma pós-graduação podem representar uma forma de obtenção de autonomia, conforme referido pelos autores.

Por fim, as correlações entre a intimidade marital e a idade, tempo de relacionamento e frequência sexual também foram analisadas. A influência da idade nos níveis de intimidade foi comprovada, no entanto, no sentido oposto do referido pela literatura. O presente estudo revelou que quanto mais idade menor será a sensação de intimidade, enquanto que estudos anteriores (Whitbourne & Tesch, 1985; Ford's, 1991) indicavam que quanto mais idade mais maturidade haviam os sujeitos para adquirir a intimidade. O porém desses estudos está na amostra de estudantes universitários que variavam entre 17 a 25 anos, faixa etária na qual provavelmente a construção da identidade está em processo de finalização e fará muita diferença na maturidade emocional. Essa diferença pôde ter sido encontrada, no entanto, devido mediação do tempo de relacionamento nos índices de intimidade.

O tempo de relacionamento demonstrou que há uma ligeira queda nos índices de intimidade com o passar do tempo, o que desmistifica o fato sustentado por alguns autores (Baxter, 1988; Duck & Sants, 1983; Emmers-Sommer, 2004) de que quanto maior a convivência maior a intimidade. Isso revela que são variáveis mais intrínsecas ao funcionamento do casal que influenciam na obtenção e, principalmente, na manutenção da intimidade marital. Parece correta a ideia de que enquanto alguns precisam de anos para criar uma relação profunda, outros têm a capacidade de desenvolver relações íntimas ainda nos estágios iniciais (Gore, Cross & Morris, 2006). Assim, comprova-se a suspeita de que a percepção subjetiva da intimidade é conceitualmente e empiricamente distinta do conceito de tempo (Theodore, Dur'an, Antoni e Fernandez, 2004; Knobloch, Solomon & Thesis, 2006b).

As relações de longa duração lidam com situações inevitáveis como acomodação e lidar com comportamentos do parceiro visto como insatisfatórios (Rusbult et al., 2001) que podem despertar reações reativas que não favorecem a intimidade. A presença de filhos, por exemplo, implica em uma série de novas negociações entre o casal que geram novas

crises. Talvez, devido a isso, a influência encontrada da presença de filhos na diminuição da intimidade, possa ser um bom exemplo de como os conflitos inerentes a uma relação pode ter influência. Para isso, segundo Solomon & Knobloch (2004) é necessário diminuir a sensação de ameaça a relação que as inevitáveis irritações podem gerar. Com isso o componente “comprometimento com a relação” não fica abalado, permitindo o reinvestimento na relação. Essa pode ser uma das possíveis explicações da diminuição da intimidade com o aumento do tempo de relação. Talvez muitos casais sintam-se muito inseguros quanto a continuidade de suas relações, mas mantêm-se nelas. Como afirmam Bach e Wyden (1991), que milhões de casais, embora continuem a viver juntos física e legalmente, na realidade estão emocionalmente apartados. Assim, a relação entre a percepção do comprometimento e as estratégias de resolução de conflitos na manutenção de relações íntimas deverão ser melhor investigadas.

CONCLUSÃO

O presente artigo teve por objetivo contribuir para as pesquisas sobre relacionamento conjugal, adaptando um instrumento sobre intimidade marital para a população brasileira. Apesar de diferenças conceituais, o Questionário de Intimidade Marital demonstrou satisfatórias qualidades psicométricas, tornando-se um interessante recurso de avaliação.

A presente investigação pôde também verificar a influência da idade, tempo de relacionamento, *status* conjugal, presença de filhos e formação cultural/educacional na vivência da intimidade marital. Dados que, segundo o que se sabe, são novos na pesquisa sobre a temática em população brasileira.

O tempo mostrou-se uma variável relevante na compreensão da intimidade, seja ela através da idade dos participantes ou do tempo de relacionamento. Aparentemente a idade e o tempo de relacionamento são grandes desafios para a manutenção de uma relação íntima. A rotina, conflitos inerentes a qualquer relação, mudanças naturais na necessidade e investimento afetivo, entre outros, gera inseguranças e a conseqüente sensação de falta de intimidade. Conclui-se, portanto, que a mera passagem do tempo e convivência não é suficiente para a construção de uma relação íntima. São variáveis mais intrínsecas ao funcionamento do casal que influenciam na obtenção e, principalmente, na manutenção da intimidade marital.

Além disso, o grau de intimidade percebido por ambos os sexos revela o quanto parece haver uma equidade maior em relação a vivência do afeto nas relações conjugais, diferentemente do senso comum que ainda sustenta a sensibilidade feminina e desvaloriza a entrega emocional e a importância que os homens dariam para a intimidade nas relações.

Esta investigação ainda confirmou relação negativa entre a parentalidade e a vivência da intimidade. A presença de filhos vivendo com o casal mais uma vez se mostrou como um fator que modifica o investimento emocional na dupla conjugal.

Por fim, o presente estudo, chama a atenção para o cuidado metodológico que as pesquisas da área devem ter ao contemplarem os indivíduos que coabitam na categoria de casados, na presunção de muitos clínicos em considerarem tempo de convívio como sinônimo de intimidade, na consideração dos valores culturais que circundam a amostra e no grau de escolaridade no estudo da intimidade marital.

Há que se considerar, no entanto, que esta é o primeiro estudo sobre a validação do MIQ. Esta ainda requer replicações. A validação do MIQ ainda requer o estabelecimento de pontos de cortes dos diferentes níveis de intimidade.

REFERÊNCIAS

- Barrientos, J. E. , Paez, D. (2006). Psychosocial variables of sexual satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(5): 351-368.
- Betchen, S. J. (2003). Suggestions for improving intimacy in couples in which one partner has attention-deficit/hyperactivity disorder. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29(2), 103-124.
- Ben-Ari, A. & Laave, Y. (2007). Dyadic closeness in marriage: From the inside story to a conceptual model. *Journal of Social and Personal Relationship*, 24(5), 627-644.
- Cano, D. S.; Gabarra, L.M; More, C. O. & Crepaldi, M.A. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2): 214-222.
- Clark, M. S. & Reis, H. T. (1988). Interpersonal processes in close relationships. *Annual Reviews Psychology*, 39, 609-673.
- Clark, M. S. & Mills, J. (1979). Interpersonal attraction in exchange and communal relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 12-24.

- Cordova, J. V.; Gee, C. B. & Warren, L. Z. (2005). Emotional skillfulness in marriage: intimacy as a mediator of the relationship between emotional skillfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology, 24*(2), 218-235.
- Dandeneau, M. L., & Johnson, S. M. (1994). Facilitating intimacy: interventions and effects. *Journal of Marital and Family Therapy, 20*(1), 17-33.
- Harper, J. M., Schaalje, B. G., Sandberg, J. G. (2000). Daily hassles, intimacy, and marital quality in later life marriages. *The American Journal of Family Therapy, 28*(1), 1-18.
- Hook, M. K., Lawrence H. G., Deterich, L. & Gridley B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling e Development, 81*(4), 462-472.
- Kirby, J. S., Baucom, D. H. & Peterman, M. A. (2005). An investigation of unmet intimacy needs in marital relationships. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*(4), 313-325.
- Knobloch, L. K., Solomon, D. H. & Theiss, J. A. (2006). The role of intimacy in the production and perception of relationship talk within courtship. *Communication Research, 33*(4), 211-241.
- Larson, J. H.; Peterson, D. J.; Heath, V. A. & Birch, P. (2000). The Relationship Between Perceived Dys functional Family-of-Origin Rules and Intimacy in Young Adult Dating Relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy, 26*, 161-175.
- Laurenceau, J. P., Barrett, L. F. & Rovine, M. J. (2005). The interpersonal process model of intimacy in marriage: a daily-diary and multilevel modeling approach. *Journal of Family Psychology, 19*(2), 314-323.
- Lippert, T. A. & Prager, K. J. (2001) Daily experiences of intimacy: A study of couples. *Personal Relationships, 8*, 283-298.
- McAdams, D. P., & Vaillant, G. E. (1982). Intimacy motivation and psychosocial adjustment: a longitudinal study. *Journal of Personality Assessment, 46*(6), 586-593.
- Miller, R.S. & Lefcourt, H. M. (1982). The assessment of social intimacy. *Journal of Personality Assessment, 46*(5), 514-518.
- Patton, D. & Waring, E. M. (1985). Sex and marital intimacy. *Journal of Sex & Marital Therapy, 11*(3), 176-184.
- Peck, J. S. & Manocherian, J. (2001). O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma*

- estrutura para a terapia familiar* (pp. 291-320). Porto Alegre, RS: Artmed. (Original publicado em 1980).
- Popovic, M.; Milne, D. & Barrett, P. (2003). The Scale of Perceived Interpersonal Closeness (PICS). *Clinical and Psychotherapy*, 10, 286-301.
- Prager, K. J. (1991). Intimacy status and couple conflict resolution. *Journal of Social and Personal Relationship*, 8(4), 505-526.
- Reis, H. T. & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships* (pp. 367–389). Chichester, England: Wiley & Sons.
- Schaefer, M. T. & Olson, D. H. (1981). Assessing intimacy: The PAIR Inventory. *Journal of Marital & Family Therapy*, 7(1), 47-60.
- Solomon D. H. & Knobloch L. K. (2004). A model of relational turbulence: The role of intimacy, relational uncertainty, and interference from partners in appraisals of irritations. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 795- 816.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W. & Vertommen, H. (1995a). Construction and validation of Marital Intimacy Questionnaire. *Family Relations*, 44(3), 285-290.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W. & Vertommen, H. (1995b). Marital intimacy: conceptualization and assessment. *Clinical Psychology Review*, 15(3), 217-233.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W. & Vertommen, H. (1995c). Marital intimacy in patients with an eating disorder: A controlled self-report study. *British Journal of Clinical Psychology*, 34(1), 67-78.
- Yovetich, N. A. & Drigotas, S. M. (1999). Secret transmission: a relative intimacy hypothesis. *Society for personality and social psychology*, 25(9), 1135-1146.
- Wainberg, L.; Pereira, C. R. R.; Hutz, C. S. & Lopes, R. C. S. (2010). *O efeito da coabitação na satisfação conjugal*. Manuscript submitted for publication.
- Waring, E. (1984). The measurement of marital intimacy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 10(2), 185-192.
- Waring, E. & Chelune, G. (1983). Marital intimacy and self-disclosure. *Journal of Clinical Psychology*, 39(2), 183-190.
- Waring, E., McElrath, D., Lefcoe, D. & Weisz, G. (1981). Dimensions of intimacy in marriage. *Psychiatry*, 44(2), 169-175.

Waring, E. M., Tillman, M. P., Frelick, L., Russel, L. & Wiesz, G. (1980). Concepts of intimacy in the general population. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 168(8), 471-474.

SEÇÃO EMPÍRICA II

Inventário de Satisfação Sexual

Sexual Satisfaction Inventory

Lina Wainberg , Psicóloga, Especialista em Terapia de Casal e Família, Mestre em Sexologia e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *e-mail*: linawainberg@hotmail.com

Cláudio Simon Hutz, Professor Titular da Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenador do Laboratório de Mensuração do Departamento de Psicologia de Desenvolvimento e Personalidade.

(Artigo submetido à Revista Análise Psicológica)

Resumo: A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera além do bem-estar físico, mental e social também a saúde sexual como um dos parâmetros utilizados para se avaliar a qualidade de vida de um indivíduo ou comunidade. No entanto, observa-se que essa é uma área ainda negligenciada no cuidado primário da saúde das populações. O presente artigo se propôs a construir um instrumento capaz de mensurar a satisfação sexual de homens e mulheres que contemple a satisfação emocional quanto o prazer físico. Para isso, foram construídas três escalas: *Escala de Satisfação Sexual Emocional*, *Escala de Satisfação com Atividades Sexuais* e a *Escala de Satisfação com o Orgasmo*. A partir de uma amostra de 799 sujeitos em população brasileira, foi realizada a análise fatorial e verificação de consistência interna de cada uma das escalas. Essas análises permitiram verificar boas qualidades psicométricas, contribuindo, assim, para que o Inventário de Satisfação Sexual se torne uma opção de avaliação da satisfação sexual para população brasileira.

Palavras-Chaves: satisfação sexual, instrumento, avaliação.

Abstract: The World Health Organization (WHO) considers that as well as the physical, mental and social well being, the sexual health is also one of the parameters utilized to evaluate the quality of life of an individual or community. However, it appears that this is still a neglected area in primary health care of populations. This study aimed to build an instrument capable of measuring sexual satisfaction of men and women, contemplating both

emotional satisfaction and physical pleasure. Onto this purpose, three scales were constructed: Emotional Sexual Satisfaction Scale, Sexual Activity Satisfaction Scale and the Satisfaction with Orgasm Scale. From a sample of 799 subjects in the Brazilian population, a factor analysis and verification of internal consistency of each scale was developed. These tests confirmed good psychometric properties, enabling the Sexual Satisfaction Inventory as a possible tool of assessment for sexual satisfaction of Brazilian population.

Key Words: sexual satisfaction, measure, evaluation.

A sexualidade tem sido descrita como um dos aspectos mais centrais e básicos da natureza humana (Clayton, 2007; Pangman & Seguire, 2000). A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera além do bem-estar físico, mental e social também a saúde sexual como um dos parâmetros utilizados para se avaliar a qualidade de vida de um indivíduo ou comunidade (Dahn et al., 2004; Edward & Coleman, 2004; Gelfand, 2000; Walters & Williamson, 1998). No entanto, observa-se no mundo atual que esta é uma área ainda negligenciada no cuidado primário da saúde das populações (Rowland et al., 2004).

Pesquisa recente (Mulhall, King, Glina, & Hvidsten, 2008) que investigou 27 países (inclusive o Brasil), revelou que a insatisfação sexual é generalizada, atingindo 58% das mulheres e 57% dos homens que declaram não estarem plenamente satisfeitos com sua vida sexual. No consenso do *Sexual Function Health Council of the American Foundation for Urologic Disease*, foi proposto que a disfunção da satisfação sexual fosse acrescentada como uma nova categoria de diagnóstica de disfunção sexual no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM)* (Dundon & Rellini, 2010). Como mostram Pacagnella, Martinez e Vieira (2004) é possível e até relativamente frequente encontrar mulheres que querem ter atividade sexual, ficam excitadas, têm orgasmo, e mesmo assim se sentem insatisfeitas. Foi precisamente nessa linha que também o CID-10 (1992) introduziu o diagnóstico de falta de prazer sexual, que possibilita a categorização dos casos clínicos em que homens e mulheres, apesar de passarem

seqüencialmente pelas várias fases do ciclo de resposta sexual, referem uma ausência de prazer subjetiva.

Apesar da onipresença da insatisfação, definir o que constitui uma vida sexual satisfatória tem sido problemático. Pesquisadores da área da sexualidade (Fegg, Gerl, Vollmer, Gruber, Jost, Meiler & Hiddemann, 2003) consideram que muitos dos dados sobre a satisfação sexual são inconclusivos. Provavelmente isso é decorrência da grande variedade de critérios utilizados para operacionalizar o conceito de *satisfação sexual*. Young, Denny, Young e Luquis (2000) conferem essa diversidade de definições a dicotomia existente entre estar satisfeito ou, no outro extremo, insatisfeito, com seu relacionamento sexual. Essa dicotomia seria, segundo os autores, uma visão muito reducionista de um fenômeno complexo, permitindo compreensões variadas quanto aos seus componentes constituintes.

Estudiosos na área têm de forma alternada conceitualizado a satisfação sexual como (a) um modelo de trocas interpessoais (custos e recompensas); (b) como um construto psicológico que avalia o contentamento com a vida sexual, em geral, e, (c) como um construto que inclui os entrelaçados aspectos emocionais/físicos e relacionais da satisfação sexual. Conseqüentemente, a operacionalização de satisfação sexual geral é frequentemente inconsistente entre os estudos, resultando na dificuldade e na generalização dos achados (Davis & Petretic-Jackson, 2000; Dundon & Rellini, 2010; Hayes & Dennerstein, 2005).

Quanto a avaliação da satisfação sexual, apesar de que a percepção sensorial e a atividade intelectual possam estar em ponto mínimo, em geral há bastante compreensão consciente da satisfação sexual (Furlanetto & Rodrigues, 1996). Assim, a sua medição é viável e de suma importância. Os questionários existentes na sexologia, no entanto, não consideram suficientemente a extensão da satisfação sexual (Büsing, Hoppe & Liedtke, 2001). Sem meios de avaliar a satisfação sexual é impossível descrever o que é “normal” em termos de satisfação imediata ou em avaliar os efeitos de terapias que se propõem a auxiliar na restauração da satisfação sexual (Davison, Bell, China, Holden & Davis, 2008).

Dentre as medidas existentes, há uma tendência bastante comum na avaliação da satisfação sexual a partir da funcionalidade sexual. No entanto, Fegg, Gerl, Vollmer, et al. (2003), ao investigarem pacientes com severas limitações físicas, observaram que, apesar dos diversos problemas na funcionalidade sexual desses pacientes, a satisfação na relação afetivo/sexual não diferiu significativamente da população saudável. Essa constatação nos faz crer que o foco exclusivo nas questões fisiológicas não traduz a satisfação sexual, e que, talvez, outras variáveis podem modulá-la. Segundo Ribeiro e Raimundo (2005), o estudo do funcionamento sexual tende a centrar-se em aspectos de funcionalidade, ou seja, na realização ou consecução do ato sexual, secundarizando a satisfação com essa realização. Segundo eles, o estudo da disfuncionalidade sexual tem, por sua vez, sobrevalorizado um modelo masculino, embora se reconheça que os homens e as mulheres diferem de forma notória nas respostas fisiológicas, na vivência subjetiva do desejo sexual, e no modo como são estimulados (Althof, Leiblum, Chevret-Measson et al, 2005). Assim, alguns autores têm enfatizado não só a importância do componente físico da satisfação sexual (isto é, frequência de coito sexual e orgasmo), mas também os componentes afetivos e emocionais (Barrientos e Paez, 2006; Davison, Bell, China, Holden & Davis, 2008). O foco mecanicista na funcionalidade/ disfuncionalidade falha em incluir as variáveis mais amplas como a percepção de satisfação sexual do paciente e do parceiro e a qualidade de vida do paciente com disfunção (Althof, et al., 2005).

Pesquisas recentes têm estabelecido a importância da satisfação com o coito e frequência de orgasmo e intercurso como preditor da satisfação sexual (Brody & Costa, 2009; HaavioMannila & Kontula, 1997; Laumann, Gagnon, Michael & Michaels, 2000; Waite, & Joyner, 2001). No Brasil, Furlanetto & Rodrigues (1996) verificaram que há associação entre orgasmo e satisfação sexual. Segundo eles, a cultura brasileira tende a projetar a relação sexual sem orgasmo como frustrante. Althof, Leiblum, Chevret-Measson, et al(2005) criticam essa abordagem por considerarem que há uma ignorância das possíveis mudanças positivas na percepção da satisfação sexual e intimidade emocional e física. Lau, Wang e Yang (2006) ainda polemizam a questão da

frequência sexual como critério válido a ser considerado quando encontram nos resultados de seus estudos que as mulheres com disfunções sexuais têm uma frequência sexual maior muito embora sejam sexualmente insatisfeitas. Esses autores argumentam que provavelmente muitas delas mantêm relações sexuais com parceiros por dever, cumprindo uma obrigação conjugal, o que demonstra que a frequência por si só é variável e limitada para se avaliar a satisfação sexual.

Barrientos e Paez (2006) apontaram como importantes variáveis associadas a satisfação sexual: as sensações pós-sexuais, alegria particular ou prazer, a ausência de discrepâncias nas relações sexuais desejadas e a comunicação de tópicos sexuais. Abdo, Oliveira Jr., Moreira e Fittipaldi (2002), ao avaliarem o perfil sexual da população brasileira, identificaram que existe uma valorização do carinho, afeto, beijos e abraços como fatores importantes da atividade sexual, vinculando, segundo os autores, essa atividade a presença de elementos afetivos, em grande proporção dos casos. Além disso, Rowland, Perelman, Althof, Barada, McCullough, Bull, Jamieson e Ho (2004) encontraram que para homens com e sem ejaculação precoce (em relação estável de pelo menos seis meses) a capacidade de satisfazer as necessidades sexuais da parceira é o fator mais determinante na sua percepção de satisfação sexual geral.

Além disso, muitos estudos demonstraram a relação entre a satisfação sexual e fatores emocionais, físicos e comunicacionais (HaavioMannila & Kontula, 1997; Barrientos, & Paez, 2006; Christopher & Sprecher, 2000; Haning, Oxeefe, Randall, Kommor, Baker, & Wilson, 2007; MacNeil & Byers, 2009; Sprecher, 2002).

Barrientos e Paez (2006) verificaram que as mulheres que acreditam na duração da sua relação, ou seja, na continuidade da relação, são sexualmente mais satisfeitas. Além disso, as pesquisas mostram que a satisfação sexual e a satisfação com o relacionamento variam conjuntamente, apesar da causalidade ainda não ter sido estabelecida (Byers, & MacNeil, 2006; Rosen & Bachmann, 2008).

Segundo, Dundon e Rellini (2010), a literatura ainda não fornece um instrumento que acesse os três domínios aqui destacados: satisfação com

proximidade emocional durante o sexo, com a relação sexual e com a vida sexual em geral. O desenvolvimento de um instrumento que seja capaz de acessar esses três domínios da satisfação sexual, tanto de homens quanto de mulheres é extremamente necessário. O primeiro domínio refere-se a fatores relacionais, o segundo com as questões físicas e o terceiro com as questões emocionais.

Na proposta de Philippsohn e Hartmann (2009), as mesmas dimensões aparecem, no entanto, distribuídas de forma diferente. Os autores propõem um modelo de duas dimensões para a satisfação sexual coital, em que a primeira delas é relacional e envolve sentimentos de proximidade com o parceiro (sentimento de segurança, não estar só, sentimento de unidade), enquanto que a segunda dimensão refere a própria mulher e suas experiências físicas e emocionais (segurança interna, sentimento de contentamento, em harmonia consigo mesmo, livre de tensão sexual, saciado prazerosamente, em equilíbrio, experienciar o orgasmo, feliz e relaxado). No entanto, é importante ressaltar que ambas as dimensões provaram ser partes integrais e indispensáveis da satisfação sexual por si só, ao invés de apenas estarem relacionadas, como muitos modelos pressupõe.

De forma similar, Haavio-Mannila e Kontula (1997) operacionalizam a satisfação sexual em: satisfação emocional e prazer físico. Segundo os autores, a satisfação sexual está associada na mesma extensão, tanto com a satisfação emocional quanto com o prazer físico.

No conhecido modelo de Basson (2001), também há a inclusão dos aspectos físicos e emocionais da satisfação sexual. Ela utiliza esses conceitos como conexão entre a excitação e a intimidade emocional. A autora defende que os modelos não lineares de compreensão da sexualidade, que têm sido propostos mais recentemente e que parecem mais apropriados para explicar o funcionamento sexual, tornam claro que a resposta sexual feminina não é uma imagem em espelho da resposta sexual masculina, quer a subjetiva, quer a objetiva ou desenvolvimental. Althof et al. (2005) defendem que a experiência subjetiva joga uma importância primária para muitas mulheres, e que esta é independente de indicadores objetivo ou fisiológicos.

Nos estudos de Hatfield et al. (1988) foi encontrado que para as

mulheres, a qualidade emocional das interações sexuais parece ser a influência mais importante nas suas avaliações do relacionamento sexual, indicando que as mulheres que estão insatisfeitas querem mais amor, afeição e carinho, enquanto que para os homens, a quantidade da atividade sexual é mais importante, dado que os homens que se declaram insatisfeitos querem mais frequência e variedade de atividades sexuais.

No entanto, os dados ainda são contrastantes, nos estudos de Johannes e Avis (1997), essa diferença não foi encontrada. Os resultados da dissertação de mestrado de Diehl (2000) demonstraram que no caso dos homens, os problemas sexuais foram altos principalmente em relação as disfunções sexuais; no caso das mulheres, foram mais ligadas aos aspectos de interação com o parceiro. Apesar disso, o nível de insatisfação foi baixo em ambos os sexos. No Brasil, Abdo et al. (2002) identificou que os índices de satisfação sexual entre brasileiras e brasileiros não variou muito, 44 e 48 %, respectivamente. Mah e Binik (2001) conferem a essa igualdade a similaridade entre os sexos quanto a experiência subjetiva do orgasmo. Assim, permanece a necessidade de investigar os componentes da satisfação sexual entre os sexos, suas semelhanças e diferenças.

Segundo Pacagnella, Martinez e Vieira (2004), no Brasil, existem poucos questionários desenvolvidos para avaliar a função sexual e não há questionários desenvolvidos em língua estrangeira que tenham sido adequadamente adaptados e validados para o contexto cultural brasileiro. No entanto, Falcão, Ciconelli e Ferraz (2003) sustentam que a adaptação transcultural mesmo com rigor pode garantir a validade do instrumento na população de destino, porém, existem poucas garantias de que as propriedades psicométricas do instrumento se mantenham.

Considerando que o sexo é um dos principais recursos ou fonte de gratificação/frustração das relações humanas (Alferes, 1993) e que a aliança e a sexualidade constituem, sem dúvida, duas das mais importantes dimensões da vida conjugal (Féres-Carneiro, 1987), o presente estudo, ao levar em consideração essas duas máximas, deseja não só realçar como construir instrumento rigoroso de análise de graus de satisfação sexual dos parceiros. Em última instância, busca-se neste estudo contribuir com a terapêutica.

Considerando o fato de que a satisfação sexual pode ser avaliada através de escalas com múltiplos itens (Christopher & Sprecher, 2000), é possível identificar os preditores estatísticos da satisfação sexual através de levantamentos e técnicas estatísticas (Haning, O'Keefe, Randall, Kommor, Baker & Wilson, 2007). Assim, se propõe no presente trabalho a construção de um instrumento de medida de satisfação sexual que contemple a satisfação emocional (tanto no âmbito interpessoal quanto na experiência pessoal e íntima) e o prazer físico.

A opção pela construção e não pela adaptação de um instrumento se deu em função da tendência predominante das escalas em medir a satisfação sexual através da funcionalidade da resposta sexual. A crítica está na observação clínica de que é possível a obtenção da satisfação sem, por exemplo, atingir o orgasmo, ou, ainda, sem inicialmente ter desejo, mas com o início da relação atingir a excitação, platô e orgasmo. Além disso, não foi possível encontrar uma escala que avaliasse satisfatoriamente, tanto o determinante físico quanto o psicológico da satisfação sexual aqui propostos.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi constituída de 799 participantes (54,1% mulheres e 45,9% homens) entre 25 e 65 anos ($m=41,4$; $dp=12$) em relação heterossexual estável (mais de seis meses de coabitação) ($m=13$ anos; $dp=9,7$ anos). Destes, 23,2% encontra-se em *status* conjugal de coabitação, enquanto que 76,8% são casados.

A amostra foi composta por sujeitos de 4 das 5 regiões brasileiras. A região Sul representou 74%, enquanto que a região Sudeste 13,2%, região Centro-Oeste 4,9% e a região Nordeste 7,9% da amostra total.

Não houveram critérios quanto à escolaridade, religião, nem quanto ao número de filhos. Essas variáveis foram utilizadas apenas como dados de comparação. O controle quanto à prática ou não de atividade sexual não serviu como critério de seleção em função da garantia de sigilo aos participantes. No entanto, somente os ativos sexualmente compuseram a

amostra utilizada para análise.

Procedimento

Elaboração dos itens e validade de conteúdo e convergente

A partir de uma análise sistematizada das escalas utilizadas pelas pesquisas sobre satisfação sexual desenvolvidas entre 2000 a 2008, foram adaptados itens pré-existentes que contemplassem o prazer físico e a satisfação psicológica com a relação sexual (Liu, 2003).

Para avaliar a satisfação sexual foi aqui construído o Inventário de Satisfação Sexual (Wainberg & Hutz, 2010) composto por: Escala de Satisfação Sexual Emocional, Escala de Satisfação com Atividades Sexuais e a Escala de Satisfação com o Orgasmo.

Para avaliar a satisfação sexual no seu aspecto emocional ou psicológico, foram inicialmente construídos 81 itens, no que intitulamos de *Escala de Satisfação Sexual Emocional*. Dentre eles, aspectos relacionados a relação (comunicação, segurança na relação, confidencialidade, exclusividade, sentimento, entre outros) e aspectos individuais (autoimagem, bem-estar sexual, segurança pessoal, nojo, entre outros).

Em uma segunda escala intitulada *Escala de Satisfação com Atividades Sexuais* (questão 79 do Inventário de Satisfação Sexual-Anexo F e G), foram acrescentadas práticas específicas da atividade sexual e solicitado aos sujeitos para avaliarem o grau de satisfação em cada uma delas (como proposto por Whitley, 1998). Alguns autores têm sugerido que o foco específico na satisfação sexual no casamento e não nas experiências e comportamentos sexuais pode ser uma potencial limitação de alguns estudos (Butzer & Campbell, 2008). Levando esse cuidado em consideração, foram incluídas atividades não genitais, tais como: dançar, beijar, ver filmes eróticos, massagear o corpo, como atividades diretamente genitalizadas como, penetração pênis-vagina, sexo anal, penetração mais estímulo clitoriano, masturbação, etc.

Por fim, uma terceira escala intitulada *Escala de Satisfação com o Orgasmo* (questão 81 do Inventário de Satisfação Sexual-Anexo F e G) abrangeu itens específicos para aqueles que conseguem chegar ao orgasmo. Essa alternativa pressupõe orgasmo e satisfação sexual como dois construtos

distintos. Salienta-se que o papel do orgasmo na satisfação sexual não está sendo desconsiderado. Apenas se está possibilitando a avaliação da satisfação sexual daqueles que não atingem o orgasmo.

A versão inicial do instrumento foi submetida a uma amostra de 20 participantes, realizada para avaliar dificuldades no preenchimento e compreensão dos itens. Por fim, três juízes especialistas foram consultados para estabelecer a validade de conteúdo dos itens. A partir desse procedimento, o Inventário de Satisfação Sexual – versão feminina e versão masculina (o instrumento completo pode ser adquirido com os autores) foram submetidas as últimas modificações antes da aplicação propriamente dita.

Para fins de verificação da validade convergente, um instrumento para avaliar a funcionalidade sexual foi também aplicado. O Quociente da Função Sexual – Versão Masculina (Abdo, 2006a) e o Quociente da Função Sexual – Versão Feminina (Abdo, 2006b) são instrumentos com dez itens que avaliam as etapas do ciclo da resposta sexual. A versão masculina contempla o desejo (questão 1), autoconfiança (questão 2), qualidade da ereção (questões 5 a 7), controle da ejaculação (questão 8), capacidade de atingir o orgasmo (questão 9) e satisfação geral do indivíduo (questões 3,4 e 10) e da parceira (questões 3 e 10) com as preliminares e o intercuro. Na versão feminina, desejo e interesse sexual (questões 1,2 e 8), preliminares (questão 3); excitação pessoal e sintonia com o parceiro (questões 4 e 6), conforto (questões 6 e 7) e orgasmo e satisfação (questões 9 e 10).

Coleta de dados

Foram feitos contatos com colaboradores de nove estados brasileiros, sendo eles estudantes ou profissionais da área da saúde e educação. Os colaboradores locais foram instruídos pessoalmente pela pesquisadora. Nos outros estados, os colaboradores receberam uma carta com os cuidados gerais da aplicação dos questionários. Todas as dúvidas quanto a aplicação foram respondidas via *e-mail* antes do início da mesma. A coleta foi aplicada, tanto de forma coletiva como individualmente. Nesta, um *rapport* inicial, seguido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o preenchimento de dados de identificação antecederam a aplicação dos instrumentos propriamente ditos, assim como o Quociente desenvolvido para o seu sexo. Os sujeitos

foram solicitados a responder de uma só vez, seguindo a ordem proposta. A aplicação teve duração de 15 a 30 minutos. Na entrega, os entrevistadores verificaram o lacre adequado do envelope com a presença do entrevistado.

Considerações éticas

Os indivíduos receberam os questionários com um envelope com possibilidade de lacre. Um *rapport* inicial com uma breve explicação dos objetivos da pesquisa foi passado, juntamente com a ressalva da voluntariedade da participação nesta pesquisa. Todos foram informados que o questionário só seria aberto após a finalização da coleta como um todo, preservando o anonimato. Foi então solicitado aos participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi construído a partir das orientações explicitadas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/1996) e pelo Conselho Federal de Psicologia (Resolução 016/2000) acerca da ética na pesquisa. As aplicações foram realizadas pela pesquisadora e por estudantes e colaboradores treinados. Durante a coleta e análise de dados foram tomadas as medidas necessárias para garantir o sigilo e a confidencialidade dos mesmos. Os participantes foram informados desde o início que não receberiam os resultados dos instrumentos. No entanto, o *e-mail* da pesquisadora foi disponibilizado para dúvidas. Assim, um cuidado ao participante pode ser oferecido e, no caso de necessidade, o encaminhamento para atendimento especializado poderia ser sugerido.

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados para cada uma das escalas aqui construídas para posteriormente analisarmos as correlações entre elas. Assim, o Escala de Satisfação Sexual Emocional, a Escala de Satisfação em Atividade Sexuais e a Escala de Satisfação com o Orgasmo serão analisadas separadamente. Além disso, devido as diferenças entre os sexos e do instrumento ter sido construído com questões específicas para cada um deles, as análises foram realizadas separadamente para cada versão.

Escala de Satisfação Sexual Emocional (ESSE)

Análise Fatorial

Para ambas as versões (masculina e feminina) a solução de um fator mostrou-se a mais pertinente. Nas Tabela 1 e 2 são descritos os itens que

permaneceram, suas respectivas cargas fatoriais e as demais características psicométricas. Além disso, as comunalidades na versão feminina variaram de 0,20 a 0,71, enquanto que na versão masculina variaram de 0,22 a 0,67.

Tabela 1: Cargas fatoriais do ESSE Feminina

	C.F.
1- Digo ao meu parceiro o que gosto sexualmente.	0,600
10- Nosso sexo é divertido.	0,675
15- Fico angustiada na atividade sexual com meu parceiro.	-0,719
19- Sinto-me à vontade para falar sobre sexo de um modo geral.	0,655
22- Reservo tempo para minha vida sexual com meu parceiro.	0,697
23- Sinto muita espontaneidade (naturalidade) na forma como faço sexo.	0,780
30- Meu companheiro é ótimo parceiro sexual.	0,776
33- Entrego-me totalmente quando faço sexo.	0,735
34- Tento evitar contato sexual com meu parceiro.	-0,653
35- Meu parceiro aprecia nossa vida sexual.	0,726
41- Tenho conseguido fazer sexo quando e como quero.	0,654
43- Tenho segurança que posso ficar excitada quando há clima.	0,558
44- Sinto-me obrigada a fazer sexo com meu parceiro.	-0,578
47- Meu parceiro é sexualmente muito excitante.	0,748
48- Sinto que nossa vida sexual contribui para nosso relacionamento.	0,725
52- Meu parceiro me satisfaz sexualmente.	0,803
55- Sinto que não correspondo às iniciativas sexuais de meu parceiro.	-0,635
57- Consigo obter facilmente uma relação sexual satisfatória.	0,773
59- As carícias antes da atividade sexual são muito estimulantes para mim.	0,450
60- Gosto das técnicas sexuais que meu parceiro usa.	0,705
61- Costumo comentar com o meu parceiro o quanto gostei do sexo com ele.	0,666
62- Minha vida sexual é excitante.	0,840
69- Meu parceiro responde positivamente aos meus desejos e solicitações sexuais.	0,659
70- Chego ao orgasmo nas relações sexuais que realizo.	0,645
72- Meu parceiro sabe me deixar excitada.	0,810
73- Tenho dificuldade em permitir que meu parceiro me toque.	-0,523
74- Sinto-me muito segura quanto às minhas habilidades sexuais.	0,607
78- Fico ansiosa ou inibida durante a atividade sexual com meu parceiro.	-0,535
83- Hoje, o grau de satisfação na minha vida sexual é com meu parceiro é:	0,772

Eigenvalue=13,64; 47,0% de variância explicada.

Alfa de Cronbach=0,85

KMO= 0,96; Bartlett ($p<0,001$)

*os itens com carga negativa foram invertidos para fins de cálculos de médias

Tabela 2: Cargas fatoriais do ESSE Masculina

	C. F.
5- Tenho orgasmos bons.	,659
10- Nosso sexo é divertido.	,642
16- Minha parceira e eu nos entendemos, quando o assunto é sexo.	,724
19- Sinto-me à vontade para falar sobre sexo de um modo geral.	,554
22- Reservo tempo para minha vida sexual com minha parceira.	,518
23- Sinto muita espontaneidade (naturalidade) na forma como faço sexo.	,647
30- Minha companheira é ótima parceira sexual.	,794
32- Tenho segurança da minha capacidade de sedução.	,560
33- Entrego-me totalmente quando faço sexo.	,586
34- Tento evitar contato sexual com minha parceira.	-,604
35- Minha parceira aprecia nossa vida sexual.	,730
37- Gosto da forma como nos relacionamos após o sexo.	,649
38- Sinto-me relaxado e completo depois do sexo.	,689
40- O sexo com minha parceira me causa raiva.	-,538
41- Tenho conseguido fazer sexo quando e como quero.	,584
44- Sinto-me obrigado a fazer sexo com minha parceira.	-,464
47- Minha parceira é sexualmente muito excitante.	,699
48- Sinto que nossa vida sexual contribui para nosso relacionamento.	,765
51- Um de nós costuma estar cansado demais para o sexo.	-,452
52- Minha parceira me satisfaz sexualmente.	,788
53- Minha parceira sabe me surpreender sexualmente.	,634
56- Sinto-me estressado e tenso durante a atividade sexual.	-,542
57- Consigo obter facilmente uma relação sexual satisfatória.	,630
59- As carícias antes da atividade sexual são muito estimulantes para mim.	,471
61- Costumo comentar com a minha parceira o quanto gostei do sexo com ela.	,639
62- Minha vida sexual é excitante.	,817
65- Evito abraçar ou beijar minha parceira porque ela acha que isso levará a uma relação sexual.	-,524
72- Minha parceira sabe me deixar excitado.	,725
74- Sinto-me muito seguro quanto às minhas habilidades sexuais.	,545
77- Minha parceira me critica antes, durante, ou logo após a atividade sexual.	-,467
78- Fico ansioso ou inibido durante a atividade sexual com minha parceira.	-,516
83- Hoje, o grau de satisfação na minha vida sexual é com minha parceira é:	,763
Eigenvalue=12,75; 39,8% de variância explicada.	
Alfa de Cronbach=0,88	
KMO= 0,94; Bartlett ($p<0,001$)	

*os itens com carga negativa foram invertidos para fins de cálculos de médias

Validade Convergente

Ao relacionar o ESSE versão masculina com o Quociente Sexual Masculino (Abdo, 2006a) através da correlação de Pearson, verificou-se uma correlação positiva e moderada ($r=0,59$, $p<0,001$). Por sua vez, a versão feminina do ESSE também obteve uma correlação positiva e moderada ($r=0,78$, $p<0,001$).

Escala de satisfação em atividades sexuais

Versão Feminina

Para essa escala, foram mantidos os itens com comunalidades entre 0,23 a 0,57. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação Varimax, cuja Tabela 3 descreve as cargas fatoriais da solução unifatorial (melhor solução), bem como as demais propriedades psicométricas da escala.

Tabela 3: Cargas fatoriais da escala de satisfação com atividades sexuais feminina

	C.F.
2. Acariciar o parceiro.	,756
3. Beijo de língua.	,662
4. Massagear o corpo do parceiro.	,718
5. O parceiro fazer sexo oral em você.	,483
6. Despir-se em frente do parceiro.	,540
7. Sexo com penetração.	,617
8. Abraçar o parceiro.	,624
9. Ter os seios acariciados pelo parceiro	,667
10. Conversar com o parceiro durante o sexo.	,538
11. Ver o parceiro se despir.	,699
12. O parceiro fazer estimulação manual na sua área genital.	,532
15. Tomar banho com o parceiro.	,669
16. Dançar com o parceiro.	,537
17. Ter o seu corpo massageado pelo parceiro.	,603
18. Ter suas coxas e pernas acariciadas.	,667
20. Fazer sexo oral no parceiro.	,641
21. Dormir abraçados.	,585
22. Acariciar o peito do parceiro.	,718
23. Acariciar/manipular o pênis do parceiro.	,744
24. Ter minhas nádegas (bumbum) acariciadas.	,646

Eigenvalue=8,1; 40,55% de variância explicada.
Alfa de Cronbach=0,92
KMO= 0,90; Bartlett ($p<0,001$)

Validade Convergente

Ao relacionar a Escala de Satisfação com Atividades Sexuais versão feminina com o Quociente Sexual Feminino (Abdo, 2006b) através da correlação de Pearson, verificou-se uma correlação positiva e moderada ($r=0,52$, $p<0,001$).

Versão Masculina

Para essa escala, foram mantidos os itens com comunalidades entre 0,23 a 0,55. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação Varimax, cuja Tabela 4 descreve as cargas fatoriais da solução unifatorial (melhor solução), bem como as demais propriedades psicométricas da escala.

Tabela 4: Cargas fatoriais da escala de satisfação com atividades sexuais masculina

	C. F.
2. Acariciar a parceira.	,696
3. Beijo de língua.	,682
4. Massagear o corpo da parceira.	,687
5. A parceira fazer sexo oral em você.	,508
6. Despir-se em frente da parceira.	,527
7. Sexo com penetração.	,503
8. Abraçar a parceira.	,700
9. Ter o peito (tórax) acariciado pela parceira.	,701
10. Conversar com a parceira durante o sexo.	,541
11. Ver a parceira se despir.	,702
12. A parceira fazer estimulação manual na sua área genital.	,623
15. Tomar banho com a parceira.	,729
16. Dançar com a parceira.	,569
17. Ter o seu corpo massageado pela parceira.	,704
18. Ter suas coxas e pernas acariciadas.	,696
19. Assistir filmes eróticos.	,482
20. Fazer sexo oral na parceira.	,601
21. Dormir abraçados.	,541
22. Tocar os seios da parceira.	,741
23. Estimular os seios da parceira com a boca (língua e lábios).	,684
24. Acariciar as nádegas (bumbum) de minha parceira.	,664

Eigenvalue=8,55; 40,7% de variância explicada.
Alfa de Cronbach=0,91
KMO= 0,91; Bartlett ($p<0,001$)

Validade Convergente

Ao relacionar a Escala de Satisfação com Atividades Sexuais versão masculina com o Quociente Sexual Masculino (Abdo, 2006a) através da correlação de Pearson, verificou-se uma correlação positiva e pequena ($r=0,28$, $p<0,001$).

Escala de satisfação com orgasmo

Versão Feminina

Para essa escala, foram mantidos os itens com comunalidades entre 0,37 a 0,60. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação Varimax, cuja Tabela 5 descreve as cargas fatoriais da solução unifatorial (melhor solução), bem como as demais propriedades psicométricas da escala.

Tabela 5: Cargas fatoriais da escala de satisfação com orgasmo feminino

	C. F.
3. Combinação de penetração pênis/vagina e estimulação do clitóris.	,610
6. Manipulação do clitóris pelo parceiro.	,624
9. Sexo oral.	,655
11. Os dois chegarem ao orgasmo juntos.	,760
12. Orgasmo logo em seguida do orgasmo do parceiro.	,778
13. Orgasmo do parceiro logo em seguida ao seu orgasmo.	,745
Eigenvalue=2,92; 48,8% de variância explicada.	
Alfa de Cronbach=0,78	
KMO= 0,78; Bartlett ($p<0,001$)	

Validade Convergente

Ao relacionar a Escala de Satisfação com Orgasmo versão feminina com o Quociente Sexual Feminino (Abdo, 2006b) através da correlação de Pearson, verificou-se correlação positiva e pequena ($r=0,31$, $p<0,001$).

Versão Masculina

Para essa escala, foram mantidos os itens com comunalidades entre 0,28 a 0,56. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação Varimax, cuja Tabela 6 descreve as cargas fatoriais da solução unifatorial (melhor solução), bem como as demais propriedades psicométricas da escala.

Tabela 6: Cargas fatoriais da escala de satisfação com orgasmo masculino

	C.F.
1. Somente com penetração pênis/vagina.	,533
4. A parceira masturbar você.	,749
5. Masturbação por você mesmo.	,660
8. Sexo oral	,536
9. Os dois chegarem ao orgasmo juntos.	,698
10. Orgasmo logo em seguida do orgasmo da parceira.	,635

Eigenvalue=2,46; 40,1% de variância explicada.
Alfa de Cronbach=0,70
KMO= 0,72; Bartlett ($p<0,001$)

Validade Convergente

Ao relacionar a Escala de Satisfação com Orgasmo versão masculina com o Quociente Sexual Masculino (Abdo, 2006a) através da correlação de Pearson, verificou-se uma correlação positiva e moderada ($r=0,48$, $p<0,001$).

Comparações entre grupos e correlações entre variáveis

Com a intenção de avaliar possíveis diferenças entre às regiões geopolíticas brasileiras, religiões, ser praticante ou não de alguma religião, escolaridade, *status* conjugal (casados ou coabitando) e presença de filhos morando com o casal em relação a satisfação sexual emocional, satisfação com atividades sexuais e satisfação com orgasmo, foram realizadas ANOVAs e testes t.

Feminino

Entre as mulheres, não se verificou diferenças de satisfação sexual emocional [$F(3,337)=1,53$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$F(3,325)=0,64$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$F(3,279)=0,41$; $p>0,05$] em relação às regiões geopolíticas. Não foram encontradas diferenças significativas entre as médias de satisfação sexual [$F(3,391)=0,29$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$F(3,375)=1,29$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$F(3,311)=0,06$; $p>0,05$] nas diferentes religiões. Ser praticante ou não dessas religiões não indicou diferenças de satisfação com atividades sexuais [$t(374)=1,4$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$t(311)=0,48$; $p>0,05$]. No entanto, para a satisfação sexual emocional [$t(390)=3,0$; $p<0,05$] indicou diferenças significativas. Apesar do efeito pequeno ($d=0,3$), as praticantes

indicaram maior satisfação sexual emocional ($M=4,07$; $dp=0,61$) do que as não praticantes ($M=3,87$; $dp=0,7$).

Ainda entre as mulheres, não houve diferenças significativas entre a escolaridade em relação a satisfação sexual emocional [$F(3,403)=0,6$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$F(3,387)=2,1$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$F(3,323)=0,95$; $p<0,02$].

Também não se verificou diferenças significativas entre o *status* conjugal (casados ou coabitando) em relação a satisfação sexual emocional [$t(406)=0,09$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$t(390)=1,56$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$t(326)=0,69$; $p>0,05$]. O mesmo pode ser dito quanto a presença ou não de filhos morando com casal em relação a satisfação sexual emocional [$t(407)=0,66$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$t(391)=0,10$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$t(327)=0,91$; $p>0,05$].

Na tabela abaixo, as correlações das variáveis estudadas com a idade, tempo de relacionamento e frequência sexual são apresentadas.

Tabela 7: Correlações entre variáveis de satisfação sexual e idade, tempo de relacionamento e frequência sexual entre as mulheres

Variáveis	1	2	3	4	5
1. Idade	-				
2. Tempo de Relacionamento	0,78*	-			
3. Frequência Sexual	-0,26*	-0,26*	-		
4. Satisfação Sexual Emocional	-0,10*	-0,13*	0,44*	-	
5. Satisfação em Atividades Sexuais	0,03	0,06	0,19*	0,63*	-
6. Satisfação com Orgasmo	-0,01	0,10	0,03	0,42*	0,31*

*correlação significativa ao nível de $p<0,01$

Masculino

Entre os homens, não verificou-se diferenças de satisfação sexual emocional [$F(3,337)=1,53$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$F(3,325)=0,64$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$F(3,279)=0,41$; $p>0,05$]

em relação as regiões geopolíticas brasileiras. Tampouco, foram encontradas diferenças significativas entre as médias de satisfação sexual emocional [$F(3,320)=2,17$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$F(3,309)=1,60$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$F(3,265)=0,59$; $p>0,05$] nas diferentes religiões. Além disso, ser praticante ou não dessas religiões não indicou diferenças de satisfação sexual emocional [$t(342)=1,06$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$t(330)=1,0$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$t(286)=0,12$; $p>0,05$].

Ainda entre os homens, não houve diferenças significativas entre a escolaridade em relação a satisfação sexual emocional [$F(3,362)=0,86$; $p>0,05$] e satisfação com atividades sexuais [$F(3,350)=0,71$; $p>0,05$]. No entanto, verificou-se diferenças de satisfação com orgasmo [$F(3,301)=3,46$; $p<0,02$]. O teste *Post Hoc* (Tuckey) revelou diferenças entre os sujeitos com ensino fundamental incompleto e completo ($M=4,69$; $dp=0,3$) com aqueles com ensino médio completo e incompleto ($M=4,27$; $dp=0,6$; $p<0,05$; $d=0,8$) e ensino superior incompleto e completo ($M=4,29$; $dp=0,5$; $p<0,05$; $d=0,8$).

Também não se verificou diferenças significativas entre o *status* conjugal (casados ou coabitando) em relação a satisfação sexual emocional [$t(302)=1,04$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$t(348)=1,25$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$t(286)=0,12$; $p>0,05$]. O mesmo pode ser dito quanto a presença ou não de filhos morando com casal em relação a satisfação sexual emocional [$t(365)=0,68$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$t(352)=0,06$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$t(303)=0,31$; $p>0,05$].

Na tabela abaixo as correlações entre as variáveis investigadas com a idade, tempo de relacionamento e a frequência sexual são apresentadas.

Tabela 8: Correlações entre variáveis de satisfação sexual e idade, tempo de relacionamento e frequência sexual entre os homens

Variáveis	1	2	3	4	5
1. Idade	-				
2. Tempo de Relacionamento	0,50*	-			
3. Frequência Sexual	0,37*	-0,01	-		

4.Satisfação Sexual Emocional	-0,04	-0,04	0,07	-	
5.Satisfação em Atividades Sexuais	0,08	0,01	0,10	0,55*	-
6.Satisfação com Orgasmo	-0,04	-0,02	0,07	0,30*	0,44*

*correlação significativa ao nível de $p < 0,01$

Por fim, com o intuito de avaliar possíveis diferenças entre os sexos em relação às variáveis das escalas desenvolvidas, foram realizadas comparações entre homens e mulheres. Não foi verificada diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres em relação à satisfação com orgasmo [$t(686)=0,9$; $p < 0,05$]. Contudo, verificaram-se diferenças significativas entre os sexos quanto a satisfação sexual emocional [$t(780)=2,47$; $p < 0,02$] e satisfação com atividades sexuais [$t(701)=5,0$; $p < 0,01$]. Observou-se que homens apresentaram médias superiores ($M=4,07$; $dp=0,5$) às mulheres ($M=3,96$; $dp=0,7$) em relação a satisfação sexual emocional ($d=0,2$). Os homens também apresentaram médias superiores ($M=4,33$; $dp=0,5$) às mulheres ($M=4,10$; $dp=0,6$) em relação à satisfação com atividades específicas ($d=0,4$).

DISCUSSÃO

O presente estudo buscou construir um instrumento capaz de medir a satisfação sexual de homens e mulheres. A partir do que sugere a teoria (Meston & Trapnell, 2005) esta deve considerar as variáveis relacionais e pessoais. Para isso, o *Escala de Satisfação Sexual Emocional* foi desenvolvido. A satisfação em vivências e comportamentos e sexuais pôde ser avaliado através da *Escala de Satisfação em Atividades Sexuais*, ampliando a visão da satisfação como apenas um resultado de uma boa relação conjugal. Além deste, o papel do orgasmo na satisfação sexual é sabidamente conhecido. No entanto, o cuidado para não reduzir a satisfação ao prazer físico esteve presente nesta avaliação com possibilidade de avaliar a satisfação com orgasmo para aqueles que o atingem. Devido a isso, uma

escala – *Escala de Satisfação com Orgasmo* –, que busca investigar a satisfação com o orgasmo, foi desenvolvida e correlacionada com os aspectos emocionais da satisfação sexual.

As novas escalas apresentaram boas qualidades psicométricas, tornando-se uma nova opção de avaliação da satisfação sexual de homens e mulheres.

A correlação entre as escalas demonstrou o quanto estas estão associadas, mas que, como esperado, cada uma avalia um aspecto diferente da satisfação sexual. Com o intuito de diferenciar a satisfação sexual com a funcionalidade sexual, as escalas evidenciaram validades convergentes apropriadas, demonstrando que a funcionalidade sexual possui uma correlação com a satisfação sexual, no entanto são construtos diferentes. Isso reforça a perspectiva teórica de que outros aspectos da sexualidade que não o funcionamento sexual estrito possuem uma relação importante a ser considerada na avaliação deste construto (Pechorro, Diniz & Vieira, 2009).

Quanto a *Escala de Satisfação Sexual Emocional* era esperado que fosse encontrada uma multifatorialidade como melhor solução. A unifatorialidade encontrada nos leva a pensar na avaliação da satisfação sexual na qual os brasileiros não discriminam quais os fatores que compõe essa variável, percebendo as questões emocionais como intrínsecas a satisfação sexual. Essa característica fatorial não invalida o poder de avaliação do ESSE. Essa apenas contribui para uma discussão teórica quanto aos componentes da satisfação sexual.

É importante ressaltar, no entanto, que talvez a forma que foi realizada a construção dos itens pode ter influenciado na eliminação de tantos itens. Apesar do conteúdo de muitos dos itens excluídos terem relevância teórica, talvez muitos deles não tenham sido redigidos de uma forma em que a malignidade ou favorecimento para a satisfação sexual tenha sido clara. Assim, os sujeitos podem ter respondido ao item com frequência alta referindo-se a algo favorável, enquanto que outros com algo desfavorável – (por exemplo, *gostaria de praticar mais sexo do que pratico*, que poderia ter sido respondido com frequência alta devido a insatisfação ou porque está tão

satisfeito que gostaria de praticar ainda mais). Ou seja, provavelmente, esses itens não discriminam com clareza os sujeitos com altos e baixos índices de satisfação, e por isso foram excluídos. Assim, a multifatorialidade esperada pode ter sido comprometida. Além disso, uma análise da distribuição dos itens ainda se faz necessária, até mesmo para identificar o que foi mais frequente nas versões masculinas e femininas, buscando compreender o papel de cada variável analisada na sexualidade humana.

A *Escala de Satisfação em Atividades Sexuais* possibilita avaliar a sexualidade a partir de comportamentos sexuais não genitais e genitais. Aspectos que frequentemente tem sido negligenciados pelos instrumentos que se destinam a avaliar a satisfação sexual. Essa também mostrou boas qualidades psicométricas e a unifatorialidade na sua nova versão. Os itens que compõem as versões femininas e masculinas diferenciam ligeiramente, o que deverá ser melhor analisado em estudo descritivo. A sugestão dos novos itens sugeridos pelos participantes também não puderem ser analisadas no presente estudo, permanecendo a necessidade de analisá-los e testar seu peso para a presente escala.

Por fim, a *Escala de Satisfação com Orgasmo* também apresentou boas qualidades psicométricas na sua nova versão. A composição dos itens com boas cargas fatoriais e consistência interna parece representar as práticas mais frequentemente encontradas como meios de obtenção de orgasmo para cada sexo. As características dos itens da versão feminina e masculina também merecem uma discussão mais aprofundada.

A análise dessas três escalas demonstrou que possuem significativa correlação entre elas sem, no entanto, representar equivalência. Análises das correlações dessas com as variáveis sociodemográficas também demonstraram algumas diferenças nas correlações com cada uma das escalas.

Tanto entre os homens quanto entre as mulheres, não se verificou diferenças entre as diferentes regiões geopolíticas brasileiras nem entre as religiões. No entanto, para as mulheres, ser praticante de alguma religião indicou uma maior satisfação sexual do que as não praticantes, o que contradiz estudos anteriores (Davidson, Moore & UUstrup, 2004).

O *status* conjugal (casados ou coabitando) tem sido encontrado com uma relação com a satisfação sexual, em que os casados seriam sexualmente mais satisfeitos do que os não casados (Laumann et al., 1994; Waite & Joyner, 2001). Essa relação, no entanto, não foi verificada no presente estudo em nenhuma das três escalas. A possibilidade da influência que a equiparação legal daqueles que coabitam em relação aos casados tem no Código Civil Brasileiro deve ser considerada. Neste, aqueles que vivem juntos possuem os mesmos direitos e deveres do que àqueles que oficializam a relação com uma cerimônia, gerando um efeito parecido na garantia emocional do casal. A partir dessa equiparação a satisfação com a vida sexual passa a ser vivida de forma semelhante.

Ainda dentre as características do casal, a presença ou não de filhos morando com casal não mostrou diferenças nos índices de satisfação sexual, satisfação com atividades sexuais nem na satisfação com orgasmo, o que já era previsto por estudos anteriores (Liu, 2003).

Enquanto que para as mulheres a escolaridade não apresenta diferença entre as variáveis estudadas, para os homens, o grau de escolaridade parece influenciar nos níveis de satisfação com orgasmo, em que àqueles com menos estudos apresentam maiores índices de satisfação com o orgasmo. Estudos anteriores argumentam que quanto maior o grau de escolaridade, maior a expectativa, gerando uma maior crítica em relação às práticas sexuais (Haavio-Manilla e Kontula, 1997; Parish, Lou, Stolzenberg, Laumann, Farrer & Pan, 2007).

Ainda entre os homens, a idade, tempo de relacionamento e a frequência sexual não mostraram correlação com as escalas analisadas. Contudo, entre as mulheres a situação foi diferente. Entre elas, a idade parece ter correlação negativa na satisfação sexual emocional. A possibilidade, no entanto, dessa diminuição na satisfação sexual poder ter sido mediada pela diminuição na frequência sexual, também encontrada nesse grupo, não pode ser ignorada. Correlação já prevista por outros autores (Fugl-Meyer, Öberg, Lundberg, Lewin & Fugl-Meyer, 2006; Haavio-Mannila & Kontula, 1997) devido as mudanças físicas e hormonais mais intensas entre as mulheres a

partir de certa idade (Deeks & McCabe, 2001). O interessante foi que a idade parece não apresentar correlação negativa com a satisfação com as atividades sexuais propostas pela escala, assim como na satisfação com o orgasmo. Talvez os achados de alguns autores que encontraram que a maior parte das mulheres tendem a achar as preliminares como o componente mais satisfatória do sexo com o companheiro (Hisasue et al., 2005; Pechorro, Diniz & Vieira, 2009), possa ter relação com este resultado. Alguns autores sugerem que essa diferença de gênero se dá em função de homens e mulheres experienciarem a intimidade sexual diferentemente, cujas mulheres frequentemente tendem a experimentar mais prazer no beijo, abraço e toque do que pelo intercursos sexual (Larson, Peterson, Heath & Birch, 2000). Parece que com o passar do tempo essa diferença entre os sexos fica maior, podendo gerar a conseqüente diminuição da satisfação emocional das mulheres. Além disso, como dito, em relação a satisfação com o orgasmo também não se correlacionou com a idade. Isso pode ter ocorrido devido a aprendizagem com o passar do tempo em como chegar ao orgasmo nas relações sexuais iniciadas e, com isso, maior experiência. Outra possibilidade ainda, é a diminuição da expectativa em atingi-lo.

Para as mulheres, a satisfação sexual também demonstrou diferir com o passar do tempo em um relacionamento. Segundo pesquisas anteriores, isso ocorre devido a familiaridade que torna a vida sexual uma rotina ou até mesmo chata (Edwards & Booth, 1994; Laumann et al., 1994; Pedersen & Blekesaune, 2003; Sprecher, 2002). No entanto, os efeitos da duração de uma relação na satisfação sexual se deve, em parte, pela diminuição dos índices de satisfação observados com o aumento da idade (Carpenter, Nathanson, Kim, 2009), acima discutido.

Em suma, de um modo geral, os fatores que contribuem para a satisfação sexual das mulheres tendem a ser mais complexos e numerosos do que para os homens (Carpenter, Nathanson, Kim, 2009), comprometendo a satisfação sexual das mulheres.

Como já referido, o presente artigo não abordou a discussão das frequências das questões que permaneceram na versão final, assim como as

que foram eliminadas. Dados interessantes em relação a sexualidade feminina e masculina podem ser adquiridos através desses dados e a correlação entre eles podem ser reveladoras. No entanto, o presente artigo objetivava a análise das características psicométricas dos instrumentos, limitando aqui o espaço de discussão. Além disso, como propõem Barrientos e Paez (2006) as discrepâncias entre o casal também deverão ser analisadas como importantes variáveis associadas a satisfação sexual através da comparação dos resultados entre o casal. Ainda resta um maior aprofundamento, com a proposta de um índice que contemple as três escalas construídas, além do estabelecimento de pontos de corte com técnicas estatísticas específicas para tal (TRI, por exemplo).

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou construir um instrumento de medida que busca avaliar a satisfação sexual, contemplando o seu aspecto emocional ou psicológico, dentre eles, aspectos relacionados a relação (comunicação, segurança, confidencialidade, exclusividade, sentimento, entre outros) e aspectos individuais (autoimagem, bem-estar sexual, segurança, nojo, entre outros), satisfação com atividades sexuais variadas e o prazer físico através do orgasmo. As escalas desenvolvidas apresentam boas características psicométricas e tornam-se uma opção de instrumento de avaliação da satisfação sexual para população brasileira. O presente estudo amplia a investigação da satisfação sexual com a população brasileira. Este acende a discussão entre as semelhanças existentes entre homens e mulheres que cada vez mais podem ser encontradas, mas principalmente para as diferenças de cada um no que se refere a satisfação sexual. Além disso, contribui para a discussão teórica acerca dos componentes da satisfação sexual, chamando a atenção para o aspecto emocional e relacional desse aspecto tão presente na vida de todas, mas ao mesmo tempo tão pouco esclarecido.

REFERÊNCIAS

- Abdo, C. H. N. (2006a). Elaboração e validação do quociente sexual - versão masculina, uma escala para avaliar a função sexual do homem. *Revista Brasileira de Medicina*, 63 (1).
- Abdo, C. H. N. (2006b). Elaboração e validação do quociente sexual - versão feminina: uma escala para avaliar a função sexual da mulher. *Revista Brasileira de Medicina*, 63(9).
- Abdo, C. H. N.; Oliveira Jr., W. M.; Moreira Jr., E. D.; & Fittipaldi, J. A. S. (2002). Perfil sexual da população brasileira: resultados do Estudo do Comportamento Sexual (ECOS) do Brasileiro. *Revista Brasileira de Medicina*, 59(4), 250-257.
- Alferes , V. R. (1993). Atracção interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp.113-139). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Althof, S. E., Leiblum, S. R., Chevret-Measson, M., Hartmann, U., Levine, S. B., McCabe, M., Plaut, M., Rodrigues, O., & Wylie, K. (2005). Psychological and interpersonal dimensions of sexual function and dysfunction. *Journal of Sexual Medicine*, 2(6), 793-800.
- Basson, R.J. (2001). Using a different model for female sexual response to address women's problematic low sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 395-403.
- Barrientos, J. E., & Paez, D. (2006). Psychosocial variables of sexual satisfaction in Chile. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(5), 351-368.
- Brody, S. & Costa, R. M. (2009). Satisfaction (Sexual, Life, Relationship, and Mental Health) Is Associated Directly with Penile–Vaginal Intercourse, but Inversely with Other Sexual Behavior Frequencies. *Journal of Sexual Medicine*, 6, 1947–1954.
- Büsing, S.; Hoppe, C.; & Liedtke, R. (2001). Sexual satisfaction of women--development and results of a questionnaire. *Psychother Psychosom Med Psychol.*, 51(2), 68-75.
- Byers, E. S., & MacNeil, S. (2006). Further validation of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(1), 53-69.

- Carpenter, L. M.; Nathanson, C.; Kim, Y. J. (2009). Physical Women, Emotional Men: Gender and Sexual Satisfaction in Midlife. *Archives of Sexual Behavior*, 38, 87–107.
- Christopher, F. S., & Sprecher, S. (2000). Sexuality in marriage, dating, and other relationships: A decade review. *Journal of Marriage and the Family*, 62(4), 999-1017.
- Clayton, A. H. (2007). Epidemiology and Neurobiology of female sexual dysfunction. *Journal of Sexual Medicine*, 4, 260-268.
- Davis, J., & Petretic-Jackson, P. (2000). The impact of childhood sexual abuse on adult interpersonal functioning: A review and synthesis of the empirical literature. *Aggression and Violent Behavior*, 5, 291-328.
- Davison, S. L.; Bell, R. J.; La China M.; Holden, S. L. & Davis, S. R. (2008). Assessing Sexual Function in Well Women: Validity and Reliability of the Monash Women's Health Program Female Sexual Satisfaction Questionnaire. *Journal of Sexual Medicine*, 5, 2575–2586.
- Davidson, J. K.; Moore, N. B.; UUstrup, K. M. (2004). Religiosity and Sexual Responsibility: Relationships of Choice. *American Journal Health Behavior*, 28(4), 335-346.
- Davidson, J., Darling, C., & Norton, L. (1995). Religiosity and the sexuality of women: Sexual behaviour and sexual satisfaction revisited. *The Journal of Sex Research*, 32(3), 235-243.
- Dahn, J. R., Penedo, F. J., Gonzalez, J. S., Esquiabro, M., Antoni, M. H., Roos, B. A., & Schneiderman, N. (2004). Sexual functioning and quality of life after prostate cancer treatment: Considering sexual desire. *Urology*, 63(2), 273.
- Deeks, A., & McCabe, M. (2001). Sexual function and the menopausal woman: The importance of age and partner's sexual functioning. *The Journal of Sex Research*, 38, 219-225.
- Diehl, J. A (2000). *A qualidade do funcionamento sexual de homens e mulheres*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado.

- Dundon, C. M. & Rellini, A. H. (2010). More than Sexual Function: Predictors of Sexual Satisfaction in a Sample of Women Age 40–70. *Journal of Sexual Medicine*, 7, 896–904.
- Edwards W.M., Coleman, E. (2004). Defining sexual health: a descriptive overview. *Archives of Sexual Behavior*, 33(3), 189-95.
- Falcão, D.M., Ciconelli, R.M., & Ferraz, M.B. (2003). Translation and cultural adaptation of quality of life questionnaires: an evaluation of methodology. *Journal of Rheumatology*, 30, 379-85.
- Fegg, M. J., Gerl, A., Vollmer, T. C., Gruber, U., Jost, C., Meiler, S., & Hiddemann, W. (2003). Subjective quality of life and sexual functioning after germ-cell tumour therapy. *British Journal of Cancer*, 89(12), 2202-2206.
- Féres-Carneiro, T. (1987). Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 3(3), 250-262.
- Fugl-Meyer, K. S. Öberg, K.; Lundberg, P. O.; Lewin, B. & Fugl-Meyer, A. (2006). On Orgasm, Sexual Techniques, and Erotic Perceptions in 18- to 74-Year-Old Swedish Women. *Journal of Sexual Medicine*, 3, 56–68
- Furlanetto S, Rodrigues Jr. O. (1996). A satisfação sexual da mulher adulta. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 7, 131-43.
- Gelfand, M. M. (2000). Sexuality among older women. *Journal of Womens Health & Gender-Based Medicine*, 9, S15-S20.
- HaavioMannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 399-419.
- Haning, R. V., O’Keefe, S. L., Randall, E. J., Kommor, M. J., Baker, E., & Wilson, R. (2007). Intimacy, orgasm likelihood, and conflict predict sexual satisfaction in heterosexual male and female respondents. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33(2), 93-113.
- Haavio-Mannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of Sexual Behavior*, 26(4), 399–419.
- Hayes, R., & Dennerstein, L. (2005). The impact of aging on sexual function and sexual dysfunction in women. *Journal of Sexual Medicine*, 2, 317-330.

- Hatfield, E., Sprecher, S., Pillemer, J.T., Greenberger, D., & Wexler, P. (1988). Gender differences in what desired in the sexual relationship. *Journal of Psychology & Human Sexuality, 1*, 39-52.
- Hisasue, S., Kumamoto, Y., Sato, Y., Masumori, N., Horita, H., Kato, R., et al. (2005). Prevalence of female sexual dysfunction symptoms and its relationship to quality of life: A Japanese female cohort study. *Urology, 65*, 143-148.
- Johannes, C. B., Avis, N. E. (1997). Gender differences in sexual activity among mid-aged adults in Massachusetts. *Maturitas: Journal of Climacteric & Postmenopause, 26*(3), 175-184.
- Larson, J. H.; Peterson, D. J.; Heath, V. A. & Birch, P. (2000). The Relationship Between Perceived Dysfunctional Family-of-Origin Rules and Intimacy in Young Adult Dating Relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy, 26*, 161–175.
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (2000). *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press.
- Liu, C. (2003). Does quality of marital sex decline with duration? *Archives of Sexual Behavior, 32*(1), 55-60.
- MacNeil S., Byers S. (2009). Role of sexual self-disclosure in the sexual satisfaction of long-term heterosexual couples. *Journal of Sex Research, 1*, 3–14.
- Mah, K., & Binik, Y. A. (2005). Are orgasms in the mind or the body? Psychosocial versus physiological correlates of orgasmic pleasure and satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy, 31*(3), 187-200.
- Meston, C., & Trapnell, P. (2005). Development and validation of a five-factor sexual satisfaction and distress scale for women: The Sexual Satisfaction Scale for Women (SSS-W). *Journal of Sexual Medicine, 2*(1), 66-81.
- Mulhall, J, King, R, Glina, S, & Hvidsten K. (2008). Importance of and satisfaction with sex among men and women worldwide: Results of the global better sex survey. *Journal Sexual Medicine, 5*, 788–95.

- Pacagnella, R. C.; Martinez, E. Z. & Vieira, E. M. (2009). Validade de construto de uma versão em português do *Female Sexual Function Index*. *Cad. Saúde Pública*, 25(11), 2333-2344.
- Pangman, V. C., & Seguire, M. (2000). Sexuality and the chronically ill older adult: A social justice issue. *Sexuality and Disability*, 18(1), 49-59.
- Parish, W. L., Luo, Y., Stolzenberg, R., Laumann, E. O., Farrer, G., & Pan, S. M. (2007). Sexual practices and sexual satisfaction: A population based study of Chinese urban adults. *Archives of Sexual Behavior*, 36(1), 5-20.
- Pechorro, P.; Diniz, A. & Vieira, R. (2009) Satisfação sexual feminina: Relação com funcionamento sexual e comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, (XXVII), 99-108.
- Pedersen, W., & Blekesaune, M. (2003). Sexual Satisfaction in Young Adulthood. *Acta Sociologica*, 46 (3), 179-193.
- Philippsohn, S., & Hartmann, U. (2009). Determinants of Sexual Satisfaction in a Sample of German Women. *Journal of Sexual Medicine*, 6(4), 1001-1010.
- Ribeiro, J. P., & Raimundo, A. (2005). Estudo de adaptação do questionário de satisfação com o relacionamento sexual (QSRS) em mulheres com incontinência urinária. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 6 (2), 191-202
- Rosen, R. & Bachmann, G. (2008). Sexual well-being, happiness, and satisfaction, in women: The case for a new conceptual paradigm. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 34: 291-7.
- Rowland, D.L.; Perelman M.; Althof, S.; Barada, J.; McCullough, A.; Bull, S.; Jamieson, C., & Ho, K.F. (2004). Self-reported premature ejaculation and aspects of sexual functioning. *Journal of Sexual Medicine*, 1, 225.
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of Sex Research*, 39(3), 190-196.
- Wainberg, L.; Pereira, C. R. R.; Hutz, C. S. & Lopes, R. C. S (2010). *O efeito da coabitação na satisfação conjugal*. Manuscript submitted for publication.

- Walters, A. S., & Williamson, G. M. (1998). Sexual satisfaction predicts quality of life: A study of adult amputees. *Sexuality and Disability, 16*(2), 103-115.
- Waite, L. J., & Joyner, K. (2001). Emotional satisfaction and physical pleasure in sexual unions: Time horizon, sexual behavior, and sexual exclusivity. *Journal of Marriage and the Family, 63*(1), 247-264.
- Whitley, M. P. (1998). Sexual Satisfaction Inventory. In C. M. Davis, W. L. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer, & S. L. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures* (pp. 519–521). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Young, M., Denny, G., Young, T., & Luquis, R. (2000). Sexual satisfaction among married women age 50 and older. *Psychological Reports, 86*(3), 1107-1122.

SEÇÃO EMPÍRICA III

Intimidade conjugal e satisfação sexual: um estudo correlacional

Marital intimacy and sexual satisfaction: a correlational study

Lina Wainberg, Psicóloga, Especialista em Terapia de Casal e Família, Mestre em Sexologia e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *e-mail*: linawainberg@hotmail.com

Cláudio Simon Hutz, Professor Titular da Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenador do Laboratório de Mensuração do Departamento de Psicologia de Desenvolvimento e Personalidade.

Resumo: O presente artigo investigou a relação entre a intimidade conjugal e satisfação sexual de homens e mulheres em união conjugal. Para isso, o Questionário de Intimidade Marital e o Inventário de Satisfação Sexual foram aplicados a 799 sujeitos em 9 estados brasileiros. Dentre os principais resultados, as correlações entre as variáveis indicaram que a intimidade está correlacionada com a satisfação sexual, tanto de homens como de mulheres. No entanto, para os homens a satisfação com o orgasmo apresentou ter uma correlação com a intimidade que não foi verificada entre as mulheres. Além disso, os homens apresentaram índices maiores de satisfação sexual. Diferenças quanto a escolaridade também foram identificadas conforme o gênero. O presente estudo traz importantes contribuições para compreensão da vivência da vida íntima, emocional e sexual, do casal da atualidade. Pressupostos do senso comum quanto a vivência das emoções dos homens e mulheres são rompidos e diferenças reconhecidas.

Palavras-chaves: intimidade, satisfação sexual, conjugal, avaliação.

Abstract: The present study has investigated the relationship between marital intimacy and sexual satisfaction of men and women in marital union. For this purpose, the Marital Intimacy Questionnaire and Sexual Satisfaction Inventory were applied to 799 subjects in Brazil. Among the main results, the correlations between the variables indicated that intimacy is correlated with sexual satisfaction for both men and women. However, for men the satisfaction with orgasm had a correlation with the intimacy that was not found among women. Furthermore, men had higher rates of sexual satisfaction. Differences in education level were also identified by gender. This study brings important contributions to understanding the experience of inner life, emotional and sexual, of today's couple. Stereotypes are broken and differences are recognized.

Key words: intimacy, sexual satisfaction, marital, measures.

A satisfação sexual e a intimidade são partes importantes da vida que contribuem para o bem-estar físico e emocional (Adolfsson, Elofsson, Rossner & Under, 2004). Ainda assim, pesquisa recente (Mulhall, King, Glina & Hvidsten, 2008) que investigou 27 países (inclusive o Brasil), revelou que a insatisfação sexual é generalizada, atingindo 58% das mulheres e 57% dos homens que declaram não estarem plenamente satisfeitos com sua vida sexual.

A sexualidade é uma parte integrante de grande parte dos relacionamentos amorosos. Segundo Baron, Zapiain e Apodaca (2002), a experiência erótica está estritamente relacionada com a vinculação afetiva. Os autores citam López (1993):

Es en la relación con las figuras de apego donde el niño aprende a comunicarse con los demás, con ellas mantiene formas de contacto íntimo (tocar y ser tocado, abrazar y ser abrazado, besar y ser besado, mirar y ser mirado, etc.) y sistemas de comunicación desformalizados, que posteriormente mediatizarán todas las relaciones afectivas e sexuales. (Baron, Zapiain & Apodaca, 2002, p. 471).

Apesar dessa inegável vinculação entre vínculo emocional e sexualidade, a natureza e a estrutura das relações românticas mudaram nas últimas décadas e essas mudanças tiveram um impacto na expressão sexual dos parceiros (Robinson, Ziss, Ganza, Katz, & Robinson, 1991 in Kisler & Christopher, 2008). Por exemplo, hoje os jovens adultos permanecem solteiros por mais tempo dos que os jovens adultos das gerações anteriores (Waite & Joyner, 2001). Além disso, o envolvimento coital, uma vez restrito ao confinamento do casamento (Smith, 1994), hoje é comumente experienciado entre casais de namorados (Laumann, Gagnon, Michael, & Michaels, 1994; U.S. Bureau of Census, 2000).

Contudo, a sociedade ainda enfatiza o casamento como o principal relacionamento a dois no qual o sexo ocorre (Sprecher, Christopher & Cate, 2006). Pesquisadores têm destacado como a sexualidade está relacionada com a vivência da relação através da satisfação sexual e conjugal (Byers, 2001; Byers & Demmons, 1999; Christopher & Sprecher, 2000; Christopher & Kisler, 2004). No entanto, a exata relação entre satisfação sexual e conjugal não é ainda clara. Segundo, Christopher e Sprecher (2000), enquanto que alguns supõem que a satisfação conjugal conceitualmente precede a satisfação sexual (Guo & Huang, 2005), outros argumentam o oposto. Tentativas empíricas na busca pela direção dessa relação, não foram capazes de identificar a direção causal entre a satisfação sexual e conjugal (Sprecher, 2002; Byers, 2005), nem mesmo através de estudos longitudinais (Sprecher, 2002; Byers, 2005). Kisler & Christopher (2008) argumentam que o melhor

modelo conceitual é refletido pela satisfação sexual como mediadora da relação entre as trocas sexuais e a satisfação conjugal.

No entanto, a análise mais refinada de Byers (2005) sugeriu que a direção dessa relação, dependeria dos estágios iniciais. Satisfação sexual baixa no início da relação esteve correlacionada ao decréscimo da satisfação conjugal com o passar do tempo. Altos níveis de satisfação conjugal iniciais estiveram correlacionados ao crescimento posterior da satisfação sexual.

A relação entre a satisfação conjugal e sexual pode ser mais forte entre algumas pessoas do que entre outras (Butzer & Campbell, 2008). Estudos têm demonstrado que o uso do sexo para acelerar a proximidade e diminuir o medo de rejeição e abandono utilizado por indivíduos mais ansiosos pode resultar em ligações mais fortes entre as experiências sexuais do dia a dia e conseqüentemente nas interações relacionais (Tracy et al., 2003). Os mais ansiosos podem ter dificuldade em diferenciar os aspectos da sua experiência sexual e relacional como um todo que potencialmente resultam em instabilidade relacional (Birnbaum et al., 2006). No entanto, indivíduos mais evitativos não mostram essa associação (Birnbaum et al., 2006). Esses resultados sugerem que indivíduos mais ansiosos tendem a utilizar as experiências sexuais como um barômetro da sua relação, enquanto que os mais evitativos não, já que possuem sentimentos aversivos em relação ao sexo e tendem a ficar desconfortáveis com a intimidade (Birnbaum et al., 2006; Feeney, Hohaus, Noller, & Alexander, 2001; Feeney & Noller, 2004). Nesse caso, os indivíduos evitativos tendem a engajar-se em atividade sexual por razões individuais estranhas à sua relação (Cooper et al., 2006; Schachner & Shaver, 2004). Essas considerações nos levam a pensar no importante papel que as características pessoais têm na forma como se relacionam esses aspectos da vida relacional. Isso indica que a compreensão desses fenômenos deverá incluir o aspecto individual na sua compreensão.

Baron, Zapiain e Apodaca (2002) comprovaram que, tanto para as mulheres quanto para os homens, o grau de satisfação sexual está estritamente associado ao grau de ajuste marital. No caso das mulheres, muito relacionado ao grau em que percebem que seu companheiro é capaz de expressar suas emoções no que se refere ao casal, apoiando o valor preditivo dos aspectos afetivos relacionais a respeito da satisfação sexual. Os autores encontraram que contrariamente aos estereótipos de gênero sobre a sexualidade dos homens, a satisfação com a vida sexual têm a ver com o grau de segurança afetiva com a companheira.

Especificamente sobre a intimidade emocional, como um dos aspectos que levam a satisfação conjugal, poucos estudos investigaram a sua relação com a satisfação sexual. Autores que estudam a relação entre sexo e intimidade percebem que ambos estão relacionados, muito embora não esteja clara ainda a forma como essa relação ocorre (Patton & Waring, 1985). Alguns (Waring, Tillman, Frelick, Russel & Wiesz, 1980; Borges, 1998; Byers, 2005, entre outros) sugerem relação positiva entre essas duas variáveis. Dentre eles, MacNeil & Byers (1997), encontraram esta como fundamental para a satisfação sexual das mulheres. Citam como exemplo, que tanto as revelações específicas sobre as preferências sexuais assim como estar em uma relação romântica que revela genericamente contribui para a satisfação sexual. Fazer parte de uma relação que acelera o compartilhamento de informações íntimas, tanto de cunho sexual quanto de não sexual resulta na maior compreensão do parceiro, o que é importante para a satisfação sexual, tanto dos homens quanto das mulheres. No entanto, outros autores afirmam que num relacionamento elas operam de forma independente (Gambaroff, 1991; Morin, 1997; Patton & Waring, 1985; entre outros).

Considerando que a comunicação e a intimidade são fatores essenciais para o bom desenvolvimento do trabalho terapêutico dos problemas sexuais e que o medo de intimidade é um dos fatores etiológicos das disfunções sexuais, parece pertinente investigar mais profundamente essa relação no amplo campo da psicologia humana, das dinâmicas conjugais e da sexualidade humana.

Gênero, intimidade e satisfação sexual

A relação entre a sexualidade e o relacionamento conjugal parece ter diferenças importantes conforme o gênero. Algumas pesquisas têm demonstrado que as mulheres possuem maiores habilidades emocionais que os homens (Korobov & Thorne, 2006; Mirgain & Cordova, 2007). Cordova, Gee e Warren (2005) descrevem as mulheres como expressivas, relacionais, abertas, enquanto que os homens seriam instrumentais, orientados para a separação, fechados. Nesse caso, a intimidade seria ramo feminino e, conseqüentemente, os dois sexos estariam fadados a ter dificuldade em manter relacionamentos íntimos. Os autores refletem que os fatores de socialização, geralmente, são atribuídos como causa das diferenças de gênero, no que se refere a intimidade. Explica que, de fato, as mulheres são mais bem treinadas para adquirir a capacidade de se tornarem íntimas. Segundo Fisek (1992), a resposta a essa diferença deve considerar a hierarquia de gênero. Segundo ele, a intimidade e empatia femininas podem ter se desenvolvido como

necessidade da mulher em se relacionar com os homens, geralmente mais poderosos nas hierarquias sociais.

Hook et al. (2003) confirmam a diferença entre os sexos quanto a intimidade. Os autores encontraram que as mulheres parecem acreditar que a intimidade significa amor, afeto, e expressão de sentimentos calorosos, enquanto os homens tendem a acreditar que intimidade significa comportamento sexual e proximidade física. Além disso, de acordo com Tannen (1990), existe também uma importante diferença entre os sexos quanto ao manejo das emoções. A primeira reação dos homens ante as emoções problemáticas é de resolver o problema. Já a mulher busca simplesmente compreender. Dessa forma, Tannen (1990) parece sustentar a ideia de que para os homens, proximidade parece ser mais uma atividade do que um estado, como é para as mulheres. Preferem interações que envolvem o “fazer” mais do que o “ser”. O resultado dessa diferença de gênero são tanto as dificuldades com a intimidade no relacionamento marital, assim como no manejo dessa temática na clínica.

Goleman (In Hook, et al., 2003) também encontrou que os homens acreditam que “fazer coisas” seria o suficiente para mostrar a suas esposas o quanto as amam. Segundo o autor, muitas pesquisas em que escalas tradicionais foram utilizadas, partiram da perspectiva feminina da intimidade e dos tratamentos psicoterápicos das dificuldades com a intimidade. Critica, no entanto, a negligência ao ponto de vista masculino da intimidade.

Patton e Waring (1985) perceberam, através de sua pesquisa, que o conceito de intimidade que homens e mulheres têm é diferente. Os homens tendem a ver o relacionamento sexual como um componente separado do seu relacionamento marital. Já o grau de realização sexual da mulher parece estar mais associado com sua percepção do grau de intimidade marital. Apesar de ambos expressarem igual grau de intimidade total, diferenças qualitativas existem, conforme mostram as pesquisas dos autores. A sexualidade não se mostra como um fator principal no nível de intimidade, o que prova, segundo os autores, que a satisfação sexual e intimidade marital não são sinônimos, e chamam a atenção dos clínicos para essa diferenciação. Prager (1991), por sua vez, não verificou nenhuma relação entre graus de intimidade e o gênero, assim como entre intimidade e o nível de escolaridade, renda familiar, situação parental, ocupação e *status* marital.

Apesar de Cordova, Gee & Warren (2005) considerarem que a diferença entre os sexos permanece sendo uma questão mal respondida e que pode ser essencial para nossa compreensão do processo de intimidade no casamento, ainda sim percebem algumas

tendências. Aparentemente, homens e mulheres experienciam a intimidade emocional de formas diferentes. Enquanto os homens utilizam a interação sexual para aumentar a intimidade (Hatfield, Sprecher, Pillemer, Greenberger & Wexler, 1988; Korobov & Thorne, 2006), as mulheres precisam de intimidade emocional para se engajar sexualmente.

A maioria dos estudos existentes dá apoio à noção de que os homens – comparativamente às mulheres – procuram a relação sexual mais pela relação em si, enquanto que as mulheres a procuram dentro de um contexto mais afetivo, como um meio de desenvolver uma relação holística, o que incluiria a esfera sexual.

Assim, como a intimidade, uma série de estudos demonstraram que, tanto a excitação sexual (Everaerd et al., 2000) quanto a satisfação sexual (McNulty & Fisher, 2008) das mulheres está mais intimamente suscetível as situações e contextos, como estar em um relacionamento, do que os homens. As mulheres também tendem a querer uma conexão emocional antes de se engajarem no coito com mais frequência do que os homens, e menos comumente sustentam os preceitos que suportam o sexo casual (Maticka-Tyndale et al., 1998). Além disso, as disfunções sexuais das mulheres frequentemente andam juntamente com a disfunção conjugal (Heiman, 2002).

Há ainda evidências de que a satisfação sexual dos homens está mais fundamentada nos aspectos físicos do sexo (McNulty & Fisher, 2008). Essa diferença poderia se dar porque as mulheres podem experimentar ambivalência na busca por prazer físico (Muehlenhard & McCoy, 1991), podem não reconhecer quando estão fisicamente excitadas (Everaerd, Laan, Both, & van der Velde, 2000) e os orgasmos podem ser mais difusos (Laumann et al., 1994). Segundo a perspectiva que parte dos benefícios e custos da satisfação sexual para sua compreensão, as mulheres correm maiores riscos de terem custos sexuais. Custos em potencial incluem serem vítimas de agressões sexuais, adquirirem doenças sexualmente transmissíveis e engravidarem (Christopher, 2001; Christopher & Kisler, 2004; Miller, Cain, Rodgers, Gribble, & Turner, 1999).

Alguns autores sugerem que essa diferença de gênero se dá em função de homens e mulheres experienciarem a intimidade sexual diferentemente, cujas mulheres frequentemente tendem a experimentar mais prazer no beijo, abraço e toque do que pelo intercurso sexual (Larson, Peterson, Heath & Birch, 2000). Devido a isso, a mudanças na frequência sexual predizem mudanças na satisfação sexual dos homens, mas não das mulheres. Já elas, teriam a sua satisfação abalada conforme as expectativas que possuem

(McNulty & Fisher, 2008).

A partir de outra perspectiva, as diferenças evolutivas se manifestam mais nos sentimentos sexuais do que nos comportamentos sexuais devido a maior influência que as práticas sociais têm nos comportamentos (Posner, 1992; Singer, 1985). Ao considerarmos as respostas emocionais, as mulheres buscam sinais de compromisso de longo prazo e estão insatisfeitas com a sua ausência, enquanto que os homens tendem a buscar o prazer físico em relações mais curtas, tornando o compromisso a longo prazo menos importante para sua satisfação com sexo (Buss, & Schmitt, 1993; DeLamater, 1987; Townsend, 1995). No entanto, essa diferença não é unânime. Waite & Joyner (2001) encontraram em seus estudos, que a exclusividade sexual contribui para a satisfação sexual emocional, tanto de homens quanto de mulheres.

Ainda no que se refere a satisfação sexual, os dados são contrastantes. Ard (1977) verificou maior prazer sexual dos maridos do que das esposas. Seria interessante, no entanto, verificar se com as mudanças culturais através das décadas, e a conquista de uma maior igualdade das mulheres, tanto no mercado de trabalho quanto nas relações conjugais, se essa diferença se mantém. Johannes e Avis (1997) identificaram apenas mais outro estudo que se preocupou em comparar a satisfação sexual entre homens e mulheres. Nesse estudo, a amostra estudada apresentou uma proporção maior de homens que se declaram satisfeitos com seu relacionamento sexual com suas esposas do que de mulheres satisfeitas. Já em suas próprias pesquisas, Johannes e Avis (1997) não constataram essa diferença, assim como outros (Lawrence e Byers, 1995).

No Brasil, os resultados da dissertação de mestrado de Diehl (2000) demonstraram que no caso dos homens, os problemas sexuais foram altos principalmente em relação as disfunções sexuais, no caso das mulheres, foram mais ligadas aos aspectos de interação com o parceiro. Apesar disso, o nível de insatisfação foi baixo. Abdo et al. (2002) identificaram que os índices de satisfação sexual entre brasileiras e brasileiros não variou muito, 44 e 48 %, respectivamente.

Muitos estudos sobre a temática têm sido conduzidos em indivíduos solteiros ou casais de namorados. Esses grupos apresentam características específicas do início de uma relação, em que a dúvida da continuidade da relação permeia. O presente estudo propõe investigar a relação da intimidade com a satisfação sexual de casais estáveis, já que poucos focaram a sexualidade a satisfação sexual desse grupo (Butzer & Campbell, 2008).

Assim, o presente artigo investiga a relação entre a intimidade conjugal e satisfação

sexual de homens e mulheres em união conjugal estável através da correlação dos instrumentos Questionário de Intimidade Marital e Inventário de Satisfação Sexual.

MÉTODO

Participantes

A amostra foi constituída de 799 participantes (54,1% mulheres e 45,9% homens) entre 25 e 65 anos ($m=41,4$; $dp=12$) em relação heterossexual estável (mais de seis meses de coabitação) ($m=13$ anos; $dp=9,7$ anos). Destes, 23,2% encontra-se em *status* conjugal de coabitação, enquanto que 76,8% são casados.

A amostra foi composta por sujeitos de 4 das 5 regiões brasileiras. A região Sul representou 74%, enquanto que a região Sudeste 13,2%, região Centro-Oeste 4,9% e a região Nordeste 7,9% da amostra total.

Não houveram critérios quanto à escolaridade, religião, nem quanto ao número de filhos. Essas variáveis foram utilizadas apenas como dados de comparação. O controle quanto à prática ou não de atividade sexual não serviu como critério de seleção em função da garantia de sigilo aos participantes. No entanto, somente os ativos sexualmente compuseram a amostra utilizada para análise.

Procedimento

Instrumentos

Intimidade

O Questionário de Intimidade Marital (Wainberg & Hutz, 2010) foi adaptado e validado do *Marital Intimacy Questionnaire* – MIQ (Van den Broucke, Vandereycken & Vertommen, 1995a, b e c). Na sua versão brasileira é composto por 45 itens, apresenta a versão feminina e masculina como uma escala Likert de cinco pontos (absolutamente falso, moderadamente falso, indeciso e moderadamente verdadeiro, totalmente verdadeiro) como forma resposta. É uma escala unifatorial que fora teoricamente embasada pelos fatores problemas de intimidade, autenticidade, abertura, afeto e comprometimento distribuídos em três níveis: individual, conjugal e de rede social.

Satisfação Sexual

Para avaliar a satisfação sexual foi utilizado o Inventário de Satisfação Sexual (Wainberg & Hutz, 2010) composto por: Escala Satisfação Sexual Emocional, Escala de Satisfação com Atividades Sexuais e a Escala de Satisfação com o Orgasmo.

Escala de Satisfação Sexual Emocional (ESSE) foi desenvolvida para avaliar o aspecto emocional ou psicológico da satisfação sexual. Dentre eles, aspectos relacionados a relação (comunicação, segurança na relação, confidencialidade, exclusividade, sentimento, entre outros) e aspectos individuais (autoimagem, bem-estar sexual, segurança pessoal, nojo, entre outros). Essa escala constitui-se de 29 itens na versão feminina e 32 na versão masculina, com opções de resposta em escala *likert* de 5 pontos de *Nunca* à *Sempre*.

Em uma segunda escala intitulada *Escala de Satisfação com Atividades Sexuais*, a satisfação com práticas específicas da atividade sexual é avaliada, solicitando aos sujeitos para avaliarem o grau de satisfação em cada uma delas. Alguns autores têm sugerido que o foco específico na satisfação sexual no casamento e não nas experiências e comportamentos sexuais pode ser uma potencial limitação de alguns estudos (Butzer & Campbell, 2008). Levando esse cuidado em consideração, foram incluídas atividades não genitais, tais como: dançar, beijar, ver filmes eróticos, massagear o corpo, como atividades diretamente genitalizadas como, penetração pênis-vagina, sexo anal, penetração mais estímulo clitoriano, masturbação, etc. (na versão feminina 20 atividades, enquanto na versão masculina 21 atividades).

Por fim, uma terceira escala intitulada *Escala de Satisfação com o Orgasmo* abrangeu itens específicos para aqueles que conseguem chegar ao orgasmo. Essa alternativa pressupõe, que apesar da evidente importância do orgasmo para a satisfação sexual, esses são dois construtos distintos.

Coleta de dados

Foram feitos contatos com colaboradores de nove estados brasileiros, sendo eles estudantes ou profissionais da área da saúde e educação. Os colaboradores locais foram instruídos pessoalmente pela pesquisadora. Nos outros estados, os colaboradores receberam uma carta com os cuidados gerais da aplicação dos questionários. Todas as dúvidas quanto a aplicação foram respondidas via *e-mail* antes do início da mesma. A coleta foi aplicada, tanto de forma coletiva como individualmente. Nesta, um *rapport* inicial, seguido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o preenchimento de dados sociodemográficos antecederam a aplicação dos instrumentos propriamente dito. Os sujeitos foram solicitados a responder de uma só vez, seguindo a ordem proposta. A aplicação teve duração de 30 a 40 minutos. Na entrega, os entrevistadores verificaram o lacre adequado do envelope com a presença do entrevistado.

Considerações éticas

Para a coleta de dados, os participantes responderam aos instrumentos em aplicações realizadas individualmente ou coletivamente. Os indivíduos receberam os questionários com um envelope com possibilidade de lacre. Um *rapport* inicial com uma breve explicação dos objetivos da pesquisa foi passado, juntamente com a ressalva da voluntariedade da participação nesta pesquisa. Todos foram informados que o questionário só seria aberto após a finalização da coleta como um todo, preservando o anonimato. Foi então solicitado aos participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi construído a partir das orientações explicitadas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/1996) e pelo Conselho Federal de Psicologia (Resolução 016/2000) acerca da ética na pesquisa. As aplicações foram realizadas pela pesquisadora e por estudantes e colaboradores treinados. Durante a coleta e análise de dados foram tomadas as medidas necessárias para garantir o sigilo e a confidencialidade dos mesmos. Os participantes foram informados desde o início que não receberiam os resultados dos instrumentos. No entanto, o *e-mail* da pesquisadora foi disponibilizado para dúvidas. Assim, um cuidado ao participante pode ser oferecido e, no caso de necessidade, o encaminhamento para atendimento especializado poderia ser sugerido.

RESULTADOS

Comparações entre grupos e correlações entre variáveis

Com a intenção de avaliar possíveis diferenças entre às regiões geopolíticas brasileiras, religiões, se é praticante ou não, escolaridade, *status* conjugal (casados ou coabitando) e presença de filhos morando com o casal em relação a satisfação sexual emocional, satisfação com atividades sexuais, satisfação com orgasmo e intimidade, foram realizadas ANOVAs e testes t. Foram também realizadas correlações de Pearson entre as variáveis satisfação sexual emocional, satisfação com atividades sexuais, satisfação com orgasmo e intimidade, como pode ser observado na Tabela 1 e 2.

Feminino

Tabela 1: Correlações entre variáveis de satisfação sexual e intimidade com idade, tempo de relacionamento e frequência sexual das mulheres

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
1. Idade	-						

2.Tempo de Relacionamento	0,78*	-					
3.Frequência Sexual	-0,26*	-0,26*	-				
4.Satisfação Sexual Emocional	-0,10*	-0,13*	0,44*	-			
5.Satisfação em Atividades Sexuais	0,03	0,06	0,19*	0,63*	-		
6.Satisfação com Orgasmo	-0,01	0,10	0,03	0,42*	0,31*	-	
7. Intimidade	-0,14*	-0,18*	0,28*	0,63*	0,40*	0,11	-
8. Número de Filhos	0,34*	0,43*	-0,12*	-0,07	-0,08	-0,05	-0,07

*correlação significativa ao nível de $p < 0,01$

Entre as mulheres, não verificou-se diferenças de satisfação sexual emocional [F(3,337)=1,53; $p > 0,05$], satisfação com atividades sexuais [F(3,325)=0,64; $p > 0,05$] e satisfação com orgasmo [F(3,279)=0,41; $p > 0,05$] em relação às regiões geopolíticas. No entanto, em relação a intimidade houve diferença significativa [F(3,381)=5,65; $p < 0,001$] da região Sul (M=184,68;dp=25,88) com às regiões Centro-Oeste (M=167,81;dp=32,76; $p < 0,05$; d=0,6) e Nordeste (M=167,26;dp=42,70; $p < 0,05$; d=0,6).

Não foram encontradas diferenças significativas entre as médias de satisfação sexual emocional [F(3,391)=0,29; $p > 0,05$], satisfação com atividades sexuais [F(3,375)=1,29; $p > 0,05$], satisfação com orgasmo [F(3,311)=0,06; $p > 0,05$] e intimidade [F(3,399)=1,19; $p > 0,05$] nas diferentes religiões. Ser praticante ou não dessas religiões não indicou diferenças de satisfação com atividades sexuais [t(374)=1,4; $p > 0,05$] e satisfação com orgasmo [t(311)=0,48; $p > 0,05$]. No entanto, para a satisfação sexual [t(390)=3,0; $p < 0,05$] indicou diferenças significativas. Apesar do efeito pequeno (d=0,3), os praticantes indicaram maior satisfação sexual emocional (M=4,07;dp=0,61) que os não praticantes (M=3,87;dp=0,7). O mesmo pode ser dito quanto a intimidade [t(390)=3,0; $p < 0,05$], em que as praticantes apresentaram maior intimidade (M=185,52;dp=27,44) do que as não praticantes (M=177,30;dp=30,02; d=0,3).

Ainda entre as mulheres, não houve diferenças significativas entre a escolaridade em relação a satisfação sexual emocional [F(3,403)=0,6; $p > 0,05$], satisfação com atividades sexuais [F(3,387)=2,1; $p > 0,05$] e satisfação com orgasmo entre [falta continuação aqui] [F(3,323)=0,95; $p < 0,02$]. No entanto, em relação a intimidade a

escolaridade mostrou diferenças significativas [$F(3,412)=3,2$; $p<0,05$]. Testes *Post Hoc* LSD indicaram que o grupo com pós-graduação apresentam maiores índices ($M=186,42$; $dp=26,37$) do que aquelas com ensino fundamental incompleto e completo ($M=168,06$; $dp=44,77$; $d=0,6$) e com ensino médio incompleto e completo ($M=174,74$; $dp=32,68$; $d=0,4$).

Também não verificou-se diferenças significativas entre o *status* conjugal (casados ou coabitando) em relação a satisfação sexual emocional [$t(406)=0,09$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$t(390)=1,56$; $p>0,05$], satisfação com orgasmo [$t(326)=0,69$; $p>0,05$] e intimidade [$t(415)=1,38$; $p>0,05$]. O mesmo pode ser dito quanto a presença ou não de filhos morando com casal em relação a satisfação sexual emocional [$t(407)=0,66$; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [$t(391)=0,10$; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [$t(327)=0,91$; $p>0,05$]. Contudo, verificou-se diferença estatisticamente significativa entre ter ou não filhos vivendo com o casal nos graus de intimidade [$t(416)=2,76$; $p<0,01$]. Os casais que não possuem filhos morando juntos apresentam médias de intimidades maiores ($M=186,32$; $dp=25,27$) do que aqueles que possuem ($M=178,13$; $dp=30,49$; $d=0,3$).

Masculino

Tabela 2: Correlações entre variáveis de satisfação sexual e intimidade com idade, tempo de relacionamento e frequência sexual dos homens

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
1. Idade	-						
2. Tempo de Relacionamento	0,50*	-					
3. Frequência Sexual	0,37*	-0,01	-				
4. Satisfação Sexual Emocional	-0,04	-0,04	0,07	-			
5. Satisfação em Atividades Sexuais	0,08	0,01	0,10	0,55*	-		
6. Satisfação com Orgasmo	-0,04	-0,02	0,07	0,30*	0,44*	-	
7. Intimidade	-0,08	-0,06	0,18*	0,67*	0,15*	0,35*	
8. Número de Filhos	0,29*	0,44*	0,08	0,02	-0,01	0,04	-0,07

*correlação significativa ao nível de $p<0,01$

Entre os homens, não verificou-se diferenças de satisfação sexual emocional [F(3,337)=1,53; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [F(3,325)=0,64; $p>0,05$], satisfação com orgasmo [F(3,279)=0,41; $p>0,05$] e intimidade [F(3,344)=2,45; $p>0,05$] em relação às regiões geopolíticas. Não foram encontradas diferenças significativas entre as médias de satisfação sexual emocional [F(3,320)=2,17; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [F(3,309)=1,60; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [F(3,265)=0,59; $p>0,05$] nas diferentes religiões. Contudo, quanto a intimidade, essa mostrou diferenças entre as diferentes religiões [F(3,325)=3; $p<0,03$]. Teste *Post Hoc* (LSD) revelaram diferenças entre os sujeitos da religião católica (M=184,90; dp=25,3) com aqueles sem religião ou de outras religiões (exceto evangélica e espírita) (M=173,29; dp=29,45; $p<0,02$; d=0,4). Ainda em relação as religiosidades, ser praticante ou não dessas religiões indicou diferenças de satisfação sexual emocional [t(342)=1,06; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [t(330)=1,0; $p>0,05$], satisfação com orgasmo [t(286)=0,12; $p>0,05$] e tampouco com a intimidade [t(347)=0,88; $p>0,05$].

Ainda entre os homens, não houve diferenças significativas entre a escolaridade em relação a satisfação sexual emocional [F(3,362)=0,86; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [F(3,350)=0,71; $p>0,05$] tampouco quanto a intimidade [F(3,369)=1,18; $p>0,05$]. No entanto, verificou diferenças de satisfação com orgasmo entre [??] [F(3,301)=3,46; $p<0,02$]. Teste *Post Hoc* (Tuckey) revelaram diferenças entre os sujeitos com ensino fundamental incompleto e completo (M=4,69; dp=0,3) com aqueles com ensino médio completo e incompleto (M=4,27; dp=0,6; $p<0,05$; d=0,8) e ensino superior incompleto e completo (M=4,29; dp=0,5; $p<0,05$; d=0,8).

Também não verificou-se diferenças significativas entre o *status* conjugal (casados ou coabitando) em relação a satisfação sexual emocional [t(302)=1,04; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [t(348)=1,25; $p>0,05$], satisfação com orgasmo [t(286)=0,12; $p>0,05$] e intimidade [t(104)=1,74; $p>0,05$]. O mesmo pode ser dito quanto a presença ou não de filhos morando com casal em relação a satisfação sexual emocional [t(365)=0,68; $p>0,05$], satisfação com atividades sexuais [t(352)=0,06; $p>0,05$] e satisfação com orgasmo [t(303)=0,31; $p>0,05$]. Contudo, verificou-se diferença estatisticamente significativa entre ter ou não filhos vivendo com o casal nos graus de intimidade [t(372)=3,43; $p<0,001$]. Os casais que não possuem filhos morando juntos apresentam médias de intimidades maiores (M=188,33; dp=24,84) do que aqueles que possuem (M=178,28; dp=27,48; d=0,4).

Comparação entre sexos

Por fim, com o intuito de avaliar possíveis diferenças entre os sexos em relação as variáveis das escalas desenvolvidas, foram realizadas comparações entre homens e mulheres. Quanto a intimidade, não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos [$t(790)=-0,30$; $p>0,05$]. Tampouco foi verificada diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres em relação a satisfação com orgasmo [$t(686)=0,9$; $p<0,05$]. Contudo, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos quanto a satisfação sexual emocional [$t(780)=2,47$; $p<0,02$] e satisfação com atividades sexuais [$t(701)=5,0$; $p<0,01$]. Observou-se que homens apresentaram médias superiores ($M=4,07$; $dp=0,5$) às mulheres ($M=3,96$; $dp=0,7$) em relação a satisfação sexual emocional ($d=0,2$). Os homens também apresentaram médias superiores ($M=4,33$; $dp=0,5$) à mulheres ($M=4,10$; $dp=0,6$) em relação a satisfação com atividades específicas ($d=0,4$).

DISCUSSÃO

O presente estudo buscou investigar como e quais as variáveis correlacionadas a satisfação sexual e a intimidade marital em população brasileira. Às regiões geopolíticas brasileiras não demonstraram diferir quanto a satisfação sexual em nenhuma das escalas. No entanto, em relação a intimidade a região Sul demonstrou índices maiores de intimidade do que a região Central e Nordeste entre as mulheres. Há uma discussão entre os pesquisadores da área se culturas mais coletivistas, como as conservadas por essas regiões, apresentariam diferenças na vivência da intimidade marital quando comparadas àquelas mais individualistas. As culturas coletivistas enfatizariam a interdependência, a harmonia interpessoal, cooperação e subordinação aos objetivos grupos ante aos pessoais, enquanto que culturas mais individualistas enfatizaria a autoconfiança, competição e priorização dos objetivos pessoais ante aos objetivos do grupos. Assim, tem sido sugerido que os casais de culturas coletivistas experienciariam menos intimidade devido suas necessidades serem satisfeitas principalmente através das relações familiares (Marshall, 2008). Outros dizem que as culturas individualistas colocam uma maior ênfase na autorrevelação para a obtenção de intimidade do que as culturas coletivistas (Adams, Anderson & Adonu, 2004). No entanto, como essa diferença só foi encontrada entre as mulheres, aparentemente não é apenas a cultura individualista ou coletivista que explica as diferenças culturais na intimidade, mas sim a ideologia relacionada ao papel de gênero

(Marshall, 2008). Ainda assim, esse resultado deve ser assumido com reserva, já que a amostra da região Sul representava 74% da amostra total.

Ainda entre os aspectos culturais, não foram encontradas diferenças significativas entre as médias de satisfação sexual dentre as diferentes religiões. Contudo, para os homens, a intimidade mostrou diferenças entre as diferentes religiões. Os sujeitos da religião católica demonstraram maior intimidade do que aqueles sem religião ou de outras religiões (exceto evangélica e espírita). Esse resultado pode ter sido mascarado pelo pequeno número de sujeitos de outras religiões e a necessidade de reuni-los em uma mesma categoria pra fins de análises estatísticas. Ainda assim, chama a atenção que as religiões católicas, evangélicas e espírita aparentemente assemelham-se na vivência da satisfação sexual e intimidade marital de seus fiéis. Tema que merece um estudo mais aprofundado e que contemple a concepção das principais religiões quanto às questões aqui estudadas, possibilitando assim interpretações mais adequadas. Além disso, independentemente da religião praticada, as mulheres praticantes indicaram, tanto maior índices de satisfação sexual emocional quanto de intimidade do que as não praticantes, o que contradiz estudos anteriores (Davidson, Moore & UUstrup, 2004). Aparentemente, o vínculo religioso serve como fator protetor, por estimular um maior investimento na resolução das conflituosas conjugais, em alternativa a separação. Característica comum a maioria das religiões que valorizam o vínculo familiar e conjugal, valorizando valores como harmonia e amor ao próximo.

Ainda entre as mulheres, não houve diferenças significativas entre a escolaridade em relação a satisfação sexual. No entanto, em relação a intimidade, a escolaridade mostrou diferenças significativas. O grupo com pós-graduação apresentam maiores índices do que aqueles com ensino fundamental incompleto e completo e com aqueles com ensino médio incompleto e completo. Talvez, nesses casos, o investimento pessoal na própria carreira permita que esses indivíduos sintam-se mais satisfeitos individualmente. Assim, a possibilidade de poder ser si mesmo no estabelecimento da intimidade (Wagner–Raphael, Seal & Ehrhardt, 2001), preservando assim sua individualidade, permite uma vivência da intimidade com o sentimento de vulnerabilidade bastante diminuído.

Já entre os homens, a escolaridade não mostrou relação com a intimidade. No entanto, dentre as escalas de satisfação sexual, a satisfação com o orgasmo mostrou-se maior entre os sujeitos com ensino fundamental incompleto e completo do que aqueles com ensino médio ou ensino superior incompleto e completo. Estudos anteriores

argumentam que quanto maior o grau de escolaridade, maior a expectativa, gerando uma maior crítica em relação às práticas sexuais, aumentando o grau de exigência e o conseqüente aumento de insatisfação (Haavio-Manilla e Kontula, 1997; Parish, Lou, Stolzenberg, Laumann, Farrer & Pan, 2007).

Também não verificou-se diferenças significativas entre o *status* conjugal (casados ou coabitando) em relação a satisfação sexual. Alguns estudos (Laumann et al., 1994; Waite & Joyner, 2001) têm demonstrado que o *status* conjugal (casados ou coabitando) teria relação com a satisfação sexual, cujos casados seriam sexualmente mais satisfeitos do que os não casados. No entanto, essa diferença não foi verificada no presente estudo em nenhuma das três escalas. Essa diferença pode ter se dado devido a influência que o Código Civil Brasileiro tem na equiparação legal daqueles que coabitam em relação aos casados. Isso significa que aqueles que vivem juntos, pela lei brasileira, possuem os mesmos direitos e deveres do que aqueles que oficializam a relação com uma cerimônia. O efeito dessa segurança legal na garantia emocional do casal pode ter influenciado na semelhança dos resultados encontrados. Ainda assim, apesar do efeito ser pequeno, a diferença encontrada para os graus de intimidade aponta para uma influência que a formalização através do casamento (seja através do rito religioso ou legal), tem nos graus de intimidade. Dado que indica que as pesquisas na área devem cuidar ao considerarem essas amostras numa mesma categoria.

Outro cuidado que os dados alertam, refere-se a diferença estatisticamente significativa entre ter ou não filhos vivendo com o casal nos graus de intimidade. Os casais que não possuem filhos morando juntos apresentam médias de intimidades maiores do que aqueles que possuem. Aparentemente o investimento nos filhos e a conseqüente perda da exclusividade do parceiro, leva aos casais a se sentirem menos íntimos. Quando essa perda está estabelecida, não importa quantos filhos vivam com o casal para essa influência existir. Dificuldade esta que têm levado a uma maior ocorrência de separações e divórcios em famílias no período da transição para a parentalidade, ou seja, no período que se desenrola desde o nascimento do primeiro filho até os 18 meses deste (Peck & Manocherian, 2001; Cano, Gabarra, More & Crepaldi, 2009). O interessante é que a presença ou não de filhos morando com casal não mostrou diferir em relação a satisfação sexual em nenhuma das suas esferas. O que mostra que é o aspecto afetivo que fica comprometido, mesmo estando a sexualidade preservada.

As comparações realizadas entre os sexos demonstraram não haver diferenças significativas entre eles em relação aos graus de intimidade e satisfação com orgasmo. No entanto, a relação entre essas variáveis mostrou comportar-se diferentemente para homens e as mulheres. Enquanto que para os homens parece haver uma relação direta numa na outra, parece que o orgasmo ainda tem uma importância menor para a realização conjugal das mulheres. Dado que corrobora com os achados de alguns autores que encontraram que a maior parte das mulheres tendem a achar as preliminares como o componente mais satisfatória do sexo com o companheiro (Hisasue et al., 2005; Pechorro, Diniz & Vieira, 2009) e não necessariamente a obtenção de orgasmo. Alguns autores sugerem que essa diferença de gênero se dá em função de homens e mulheres experienciarem a intimidade sexual diferentemente, cujas mulheres frequentemente tendem a experimentar mais prazer no beijo, abraço e toque do que pelo intercuro sexual (Larson, Peterson, Heath & Birch, 2000). Devido a isso, as diferenças encontradas entre os sexos quanto a satisfação sexual emocional e satisfação com atividades específicas, os homens apresentando maiores índices em ambos, pode significar apenas que a sexualidade é vivenciada diferentemente por homens e mulheres.

CONCLUSÃO

O presente estudo traz importantes contribuições para compreensão da vivência da vida íntima, emocional e sexual, do casal da atualidade. Pressupostos do senso comum quanto à vivência das emoções dos homens e mulheres são rompidos e diferenças reconhecidas.

A vinculação entre intimidade e satisfação sexual, tida por muitos como uma vinculação feminina, é aqui demonstrada como presente nas relações estáveis também para os homens. Provavelmente a questão afetiva tem assumido cada vez mais um papel importante para a satisfação sexual também dos homens, o que quebra com paradigmas de gênero vastamente difundidos.

Apesar de uma maior semelhança entre a importância que a intimidade marital tem para a satisfação sexual de homens e mulheres, algumas diferenças permanecem. As diferenças anatômicas e as decorrentes vivências e construção da sexualidade masculina, revelam que existem diferenças em relação à vinculação da intimidade com o orgasmo. O papel que a satisfação com o orgasmo exerce sob a intimidade (ou vice-versa) ressalta a

contribuição que o prazer físico tem para os homens na sua sensação de entrega pessoal e na percepção de entrega da parceira. Com isso, ainda se faz necessário verificar a relação que a frequência de orgasmos tem, tanto na satisfação sexual quanto na percepção de intimidade.

Além disso, o papel que algumas das variáveis estudadas apresentam na intimidade marital e satisfação sexual também mostrou diferir dentre os gêneros. A correlação com a escolaridade mostrou que as mulheres com mais escolaridade apresentam maiores índices de intimidade marital, reforçando a importância que a vivência da autonomia dentro de uma para uma relação tem para uma intimidade madura (Ben-Ari & Lavee, 2007). Possibilidade essa relativamente recente entre as mulheres da atualidade. Já entre os homens, o efeito do aumento do grau de escolaridade está na maior expectativa sexual, e o conseqüente aumento da insatisfação.

Outras considerações importantes aqui encontradas referem-se ao papel da o *status* conjugal (casados ou coabitando), ou melhor, da formalização através do casamento (seja através do rito religioso ou legal) e a presença de filhos pode ter na obtenção de intimidade marital. Esses achados chamam a atenção para as pesquisas na área levarem em consideração o papel dessas variáveis ao investigarem a relação conjugal.

O presente artigo amplia a discussão quanto à dinâmica conjugal em população brasileira, possibilitando a integração dos estudos sobre sexualidade e intimidade conjugal.

REFERÊNCIAS

- Abdo, C. H. N., Oliveira Jr., W. M., Moreira Jr., E. D., & Fittipaldi, J. A. S. (2002). Perfil sexual da população brasileira: resultados do Estudo do Comportamento Sexual (ECOS) do Brasileiro. *Revista Brasileira de Medicina*, 59(4), 250-257.
- Adams, G., Anderson, S. L., & Adonu, J. K. (2004). The cultural grounding of closeness and intimacy. In D. J. Mashek & A. P. Aron (Eds.), *The handbook of closeness and intimacy*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Adolfsson, B., Elofsson, S., Rössner, S., & Undén, A. (2004). Are sexual dissatisfaction and sexual abuse associated with obesity? A population-based study. *Obesity Research*, 12(10), 1702-1709.
- Ard, B. N. (1977). Sex in lasting marriages: a longitudinal study. *Journal of Sex Research*, 13(4): 274-285.

- Baron, M. J. O., Zapiain, J. G., & Apodaca, P. (2002). Apego y satisfacción afetivo-sexual en la pareja. *Psicothema*, *14*(2), 469-475.
- Birnbaum, G. E., Reis, H. T., Mikulincer, M., Gillath, O., & Orpaz, A. (2006). When sex is more than just sex: Attachment orientations, sexual experience, and relationship quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, *91*, 929–943.
- Borges, H. (1998). Jr. Falando de Intimidade e Prazer Sexual. *Catharsis*, *4*(22), 8-9.
- Bridges, S. K., & Horne, S. G. (2007). Sexual satisfaction and desire discrepancy in same sex women's relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *33*(1), 41-53.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, *100*, 204–232.
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships*, *15*(1), 141-154.
- Byers, E. S. (2001). Evidence for the importance of relationship satisfaction for women's sexual functioning. *Women & Therapy*, *24*(1-2), 23-26.
- Byers, E. S., & Demmons, S. (1999). Sexual satisfaction and sexual self-disclosure within dating relationships. *Journal of Sex Research*, *36*(2), 180-189.
- Byers, E. S., & MacNeil, S. (2006). Further validation of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, *32*(1), 53-69.
- Cano, D. S., Gabarra, L. M., More, C. O., & Crepaldi, M.A. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *22*(2): 214-222.
- Carpenter, L. M., Nathanson, C., & Kim, Y. J. (2009). Physical Women, Emotional Men: Gender and Sexual Satisfaction in Midlife. *Arch Sex Behav*, *38*, 87–107.
- Christopher, F. S., & Sprecher, S. (2000). Sexuality in marriage, dating, and other relationships: A decade review. *Journal of Marriage and the Family*, *62*(4), 999-1017.
- Christopher, F. S. (2001). *To dance the dance: A symbolic interactional exploration of premarital sexuality*. Mahwah, NJ, Lawrence Erlbaum.
- Christopher, F. S., & Kisler, T. S. (2004). Exploring marital sexuality: Peeking inside the bedroom and discovering what we don't know – but should! In J. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

- Cordova, J. V., Gee, C. B., & Warren, L. Z. (2005). Emotional skillfulness in marriage: intimacy as a mediator of the relationship between emotional skillfulness and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology, 24*(2), 218-235.
- Cooper, M. L., Pioli, M., Levitt, A., Talley, A. E., Micheas, L., & Collins, N. L. (2006). Attachment styles, sex motives, and sexual behavior: Evidence for genderspecific expressions of attachment dynamics. In M. Mikulincer & G. S. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 243–274). New York: Guilford.
- Davidson, J. K., Moore, N. B., & UUstrup, K. M. (2004). Religiosity and Sexual Responsibility: Relationships of Choice. *Am J Health Behav, 28*(4), 335-346.
- Davies, S., Katz, J., & Jackson, J. L.(1999). Sexual Desire Discrepancies: Effects on Sexual and Relationship Satisfaction in Heterosexual Dating Couples. *Archives of Sexual Behavior, Vol. 28, No. 6*.
- DeLamater, J. (1987). Gender differences in sexual scenarios. In K. Kelley (Ed.), *Females, males and sexuality* (pp. 127–140). Albany, NY: SUNY Press.
- Diehl, J. A. (2000). *A qualidade do funcionamento sexual de homens e mulheres*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado.
- Everaerd, W., Laan E. T., Both, S., & Velde, J. van der (2000a). Female sexuality. In L. T.Szuchman & F. Muscarella (Eds.). *Psychological perspectives on human sexuality* (pp. 101–146). New York: John Wiley & Sons.
- Feeney, J. A., Hohaus, L., Noller, P., & Alexander, R. (2001) *Becoming parents: Exploring the bonds between mothers, fathers and their infants*. New York: Cambridge University Press.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (2004). Attachment and sexuality in close relationships. In J. Harvey, A. Wenzel and S. Sprecher (Ed.), *Handbook of Sexuality in Close Relationships* 1st ed. (pp. 183-201) Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fisek, G. O. (1992). The feminization and romanticization of intimacy: a Western cultural phenomenon. *Newsletter, 48*, 10-13.
- Gambaroff, M. (1991). *Utopia da Fidelidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Guo, B. R., & Huang, J. (2005). Marital and sexual satisfaction in Chinese families: Exploring the moderating effects. *Journal of Sex & Marital Therapy, 31*(1), 21-29.
- Haning, R. V., O’Keefe S. L., Randall, E. J., Kommor, M. J., Baker, E., & Wilson, R. (2007). Intimacy, Orgasm Likelihood, and Conflict Predict Sexual Satisfaction in Heterosexual Male and Female Respondents. *Journal of Sex & Marital Therapy, 33*:93–113.

- Hatfield, E., Sprecher, S., Pillemer, J. T., Greenberger, D., & Wexler, P. (1988). Gender differences in what desired in the sexual relationship. *Journal of Psychology & Human Sexuality, 1*, 39-52.
- Haavio-Mannila E., & Kontula O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Arch Sex Behav 26(4)*, 399–419.
- Heiman, J. R. (2002). Sexual dysfunction: Overview of prevalence, etiological factors, and treatments. *Journal of Sex Research, 39*, 73–79.
- Hisasue, S., Kumamoto, Y., Sato, Y., Masumori, N., Horita, H., Kato, R., et al. (2005). Prevalence of female sexual dysfunction symptoms and its relationship to quality of life: A Japanese female cohort study. *Urology, 65*, 143-148.
- Hook, M. K., Lawrence H. G., Detterich, L., & Gridley B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling e Development, 81(4)*, 462-472.
- Johannes, C. B., & Avis, N. E. (1997). Gender differences in sexual activity among mid-aged adults in Massachusetts. *Maturitas: Journal of Climacteric & Postmenopause, 26(3)*, 175-184.
- Kisler, T. S., & Christopher, F. S. (2008). Sexual exchanges and relationship satisfaction: Testing the role of sexual satisfaction as a mediator and gender as a moderator. *Journal of Social and Personal Relationships, 25(4)*, 587-602.
- Korobov, N., & Thorne, A. (2006). Intimacy and Distancing: Young Men's Conversations About Romantic Relationships. *Journal of Adolescent Research, 21(1)*, 27-55.
- Lau, J. T. F., Kim, J. H., & Tsui, H. Y. (2005). Mental health and lifestyle correlates of sexual problems and sexual satisfaction in heterosexual Hong Kong Chinese population. *Urology, 66 (6)*, 1271-1281.
- Larson, J. H.; Peterson, D. J.; Heath, V. A., & Birch, P. (2000). The Relationship Between Perceived Dys functional Family-of-Origin Rules and Intimacy in Young Adult Dating Relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy, 26*, 161–175.
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lawrance, K., & Byers, E. S. (1992). Development of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction in Long-term Relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality, 1*, 123-128.

- Lawrance, K. A., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships, 2*(4), 267-285.
- MacNeil S., & Byers S. (2009). Role of sexual self-disclosure in the sexual satisfaction of long-term heterosexual couples. *J Sex Res, 1*, 3–14.
- Marshall, T. C. (2008). Cultural differences in intimacy: The influence of gender-role ideology and individualism collectivism. *Journal of Social and Personal Relationships, 25*, 143-168.
- Maticka-Tyndale, E., Herold, E., & Mewhinney, D. (1998). Casual sex on spring break: Intentions and behaviours of Canadian students. *Journal of Sex Research, 35*, 254-264.
- Miller, H., Cain, V., Rogers, S., Gribble, J., & Turner, C. (1999). Correlates of sexually transmitted disease infections among U.S. women in 1995. *Family Planning Perspectives, 31*, 4-9.
- McNulty, J. K., & Fisher, T. D. (2008). Gender differences in response to sexual expectancies and changes in sexual frequency: A short-term longitudinal study of sexual satisfaction in newly married couples. *Archives of Sexual Behavior, 37*(2), 229-240.
- Mirgain, S. A., & Cordova, J. V. (2007). Emotion skills and marital health: the association between observed and self-reported emotion skills, intimacy and marital satisfaction. *Journal of Social and Clinical Psychology, 26*(9), 983–1009.
- Muehlenhard, C. L. & McCoy, M. L. (1991) 'Double Standard/Double Bind: The Sexual Double Standard and Women's Communication About Sex', *Psychology of Women Quarterly, 15*(3): 447–61.
- Mulhall J., King R., Glina S., & Hvidsten K. (2008). Importance of and satisfaction with sex among men and women worldwide: Results of the global better sex survey. *J Sex Med, 5*, 788–95.
- Morin, J. (1997). *A mente erótica: descobrindo as fontes internas da paixão e satisfação sexuais*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Parish, W. L., Luo, Y., Stolzenberg, R., Laumann, E. O., Farrer, G., & Pan, S. M. (2007). Sexual practices and sexual satisfaction: A population based study of Chinese urban adults. *Archives of Sexual Behavior, 36*(1), 5-20.
- Patton, D., & Waring, E. M. (1985). Sex and marital intimacy. *Journal of Sex & Marital Therapy, 11*(3), 176-184.
- Pechorro, P.; Diniz, A. & Vieira, R. (2009) Satisfação sexual feminina: Relação com funcionamento sexual e comportamentos sexuais. *Análise Psicológica, (XXVII)*, 99-108.

- Peck, J. S., & Manocherian, J. R. O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In: B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.(2001).
- Prager, K. J. (1991). Intimacy status and couple conflict resolution. *Journal of Social and Personal Relationship*, 8(4), 505-526.
- Posner, R. A. (1992). *Sex and reason*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and motives for sex. *Personal Relationships*, 11, 179-195.
- Singer, B. (1985). A comparison of evolutionary and environmental theories of erotic response part 1: Structural features. *The Journal of Sex Research*, 21, 229– 257.
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of Sex Research*, 39(3), 190-196.
- Sprecher, S., Christopher, F. S., & Cate, R. (2006). Sexuality in close relationships. In A. Vangelisti, & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 463–482). New York: Cambridge University Press.
- Tannen, D. (1990). *You just don't understand: Women and men in conversation*. New York, NY: Ballantine Books.
- Townsend, J. M. (1995). Sex without emotional involvement: An evolutionary interpretation of sex differences. *Archives of Sexual Behavior*, 24, 173–206.
- Tracy, J. L., Shaver, P. R., Albino, A. W., & Cooper, M. L. (2003). Attachment styles and adolescent sexuality. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent romantic relations and sexual behavior: Theory, research, and practical implications* (pp. 137–159). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995a). Construction and validation of Marital Intimacy Questionnaire. *Family Relations*, 44(3), 285-290.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995b). Marital intimacy: conceptualization and assessment. *Clinical Psychology Review*, 15(3), 217-233.
- Van Den Broucke, S., Vandereycken, W., & Vertommen, H. (1995c). Marital intimacy in patients with an eating disorder: A controlled self-report study. *British Journal of Clinical Psychology*, 34(1), 67-78.
- Wainberg, L., & Hutz, C. S. (2010). *Questionário de Intimidade Marital- Adaptação Brasileira*. Manuscript submitted for publication.

- Wainberg, L., & Hutz, C. S. (2010^b). *Inventário de Satisfação Sexual*. Manuscript submitted for publication.
- Waite, L. J., & Joyner, K. (2001). Emotional satisfaction and physical pleasure in sexual unions: Time horizon, sexual behavior, and sexual exclusivity. *Journal of Marriage and the Family*, 63(1), 247-264.
- Waring, E. M., Tillman, M. P., Frelick, L., Russel, L., & Wiesz, G. (1980). Concepts of intimacy in the general population. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 168(8), 471-47.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema das relações amorosas têm sido explorado há décadas por pesquisadores de áreas distintas. É evidente a influência que os valores que circundam as relações amorosas têm na sua dinâmica. As novas configurações familiares, a posição mais igualitária da mulher no mercado de trabalho, entre outros, modificam, inclusive, aquelas áreas de cunho mais íntimo como a intimidade emocional e a satisfação sexual.

A presente tese se propôs a investigar como esses temas, tão delicados, mas ao mesmo tempo tão presente na vida de todos, se relacionam em nosso tempo. Desafio, que envolveu muita gente que, assim como os pesquisadores, instigam-se com o funcionamento do nosso “mundo íntimo”.

Para fins desse objetivo, instrumentos consistentes foram desenvolvidos, disponibilizando ao meio científico propostas de medidas de satisfação sexual e intimidade conjugal que poderão auxiliar a se fazer ciência daquilo que muitos entendem como “muito subjetivo”. Além disso, as análises propostas identificaram uma unifatorialidade, tanto para a intimidade quanto para a satisfação sexual. Poder-se-ia questionar a discrepância teórica, que pressupõe mais de um fator como modelo explicativo. No entanto, aparentemente, os itens que permaneceram representam de forma adequada e consistente cada um dos construtos quando dispostos conjuntamente. Em outros termos, a composição dos itens representantes dos fatores propostos teoricamente, complementam-se de tal forma que acabam por compor de forma consistente a variável investigada. Há que se ressaltar, no entanto, que esses são apenas os primeiros estudos desenvolvidos com esse intuito para cada um dos instrumentos. Muito trabalho a partir desses resultados ainda serão necessários para, por exemplo, estipular pontos de corte para cada variável estudada.

A presente tese também apresentou resultados preliminares em que alguns estereótipos de gênero puderam ser questionados e outros confirmados. Dados que auxiliam a compreender a diferença entre os sexos quanto à vivência da intimidade conjugal e satisfação sexual. Dentre os dados que vão contra o senso comum, homens e mulheres parecem expressarem igual grau de intimidade, demonstrando o quanto a questão afetiva toma mais e mais espaço na psicologia masculina. Mesmo em relação à sexualidade, estudo anterior (Baron, Zapiain & Apodaca, 2002) encontrou que justamente ao contrário aos estereótipos de gênero, a satisfação com a vida sexual dos homens têm a ver com o grau de segurança afetiva. Mas essa posição não é unânime, segundo outros (Hatfield, Sprecher, Pillemer, Greenberger & Wexler, 1988; Korobov & Thorne, 2006)

diferenças qualitativas existem. Enquanto os homens utilizam a interação sexual para aumentar a intimidade as mulheres precisam de intimidade emocional para se engajar sexualmente. Há ainda evidências de que a satisfação sexual dos homens está mais fundamentada nos aspectos físicos do sexo (McNulty & Fisher, 2008), o que condiz com nossos dados que mostram o papel da satisfação do orgasmo para a intimidade dos homens.

O resultado dessa diferença de gênero representam o grande desafio no manejo dessa temática na clínica. Considerações importantes quanto ao papel que certa individualidade dentro da relação possui para a aquisição e manutenção da intimidade, também repercute no manejo clínico das “patologias da intimidade”. Em contrapartida, a sinalização para o papel que o comprometimento com relação tem, revela a complexidade do fenômeno e a necessidade trabalhar com o casal um convívio com uma “proximidade ótima” ou, se preferir, “uma distância ótima”. Assim, o trabalho do fortalecimento dos indivíduos que compõe esses casais, assim como o trabalho do elo de ligação entre eles, merecem igual atenção no manejo clínico. Terapeutas de casais devem conhecer o que compõe essas facetas de intimidade e a importância que cada uma delas têm na aquisição e manutenção desse elo e sua influência na satisfação sexual.

Por fim, mesmo com todos os cuidados de sigilo e anonimato, limitações quanto à amostra por conveniência e voluntariedade, pode ter influenciado por uma amostra em que principalmente àqueles, em que a temática estivesse internamente bem resolvida, tenham se disponibilizado a responder. Além disso, metodologia quantitativa também limita a amplitude das informações que pode se atingir. No entanto, esta também permite uma uniformidade para pesquisas futuras. Esse deve ser, no entanto, o primeiro estudo brasileiro, que se saiba, que investigou a relação entre a intimidade conjugal e a satisfação sexual. Assim, ainda se faz necessário ampliar a pesquisa sobre o tema. O papel da religião, da frequência de orgasmo, da aprendizagem da intimidade, do início da vida sexual, entre outros, deverão ser investigados em profundidade.

Referências

Baron, M. J. O., Zapiain, J. G., & Apodaca, P. (2002). Apego y satisfacción afetivo-sexual en la pareja. *Psicothema*, 14(2), 469-475.

- Hatfield, E., Sprecher, S., Pillemer, J. T., Greenberger, D., & Wexler, P. (1988). Gender differences in what desired in the sexual relationship. *Journal of Psychology & Human Sexuality, 1*, 39-52.
- Korobov, N., & Thorne, A. (2006). Intimacy and Distancing: Young Men's Conversations About Romantic Relationships *Journal of Adolescent Research, 21*(1), 27-55.
- McNulty, J. K., & Fisher, T. D. (2008). Gender differences in response to sexual expectancies and changes in sexual frequency: A short-term longitudinal study of sexual satisfaction in newly married couples. *Archives of Sexual Behavior, 37*(2), 229-2.